

Ana Mafalda Pires do Souto

TERCEIRO LIVRO DE CRÓNICAS
DE LOBO ANTUNES NAS AULAS DE PORTUGUÊS

Dissertação de Mestrado
em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Porto, Outubro 2008

Dedicatória

Este trabalho é resultado de um empenhamento individual, pessoal e profissional, mas também de um esforço colectivo, envolvendo a família mais próxima e a minha orientadora.

Assim, devo destacar algumas pessoas:

- o meu marido, pela paciência enquanto perdia mais um fim-de-semana, e o incentivo para que continuasse o meu desafio;
- os meus pais, pela disponibilidade que sempre apresentaram para me ajudarem e pelo encorajamento que me transmitiram;
- os meus sogros, pelo apoio constante e incessante;
- a minha orientadora, professora doutora Olívia Figueiredo, que me deu alento nos momentos mais desanimadores e sacrificou o seu tempo pelo meu.

*Não lemos Lobo Antunes
em estado de repouso, mas de vigilância.
Não o recebemos em sossego, tranquilamente,
mas de forma enervada e tensa.*

(CORDEIRO, 2004: 123)

*Pour que les textes circulent dans une société,
il faut admettre l’existence d’une compétence textuelle
des sujets parlants et écrivains
qui les rende aptes à produire
et à comprendre des objets verbaux
qui ont le caractère de la texticité.*

(ADAM, 1990: 108)

Agradecimentos

Agradeço aos professores e colegas que me acompanharam no meu percurso académico e me motivaram para o prosseguir com segurança. Assim, refiro-me ao Curso de Especialização em Ensino de Português como Língua Estrangeira, cujo grupo de trabalho me entusiasmou profissionalmente e pessoalmente, e ainda ao Curso de Estudos Pós-Graduados em Linguística, cujas lições irei recordar em cada aula que der.

Agradeço, especialmente, à professora doutora Olívia Figueiredo, minha orientadora de tese, a qual sempre encontrou uma palavra de motivação e disponibilidade para aceitar os meus desafios em períodos de tempo tão curtos.

Agradeço, ainda, aos meus alunos, aos melhores e aos piores, aos mais rebeldes e aos mais pacatos. Todos eles enriqueceram a minha formação enquanto professora e estudante.

Agradeço, finalmente, à minha família e amigos, os quais me davam ânimo e esperança para que o meu objectivo de concluir o Mestrado se concretizasse.

Resumo

Este trabalho sublinha a natureza comunicativo-pragmática do Texto, sem abandonar as dimensões mais tradicionais da frase e da palavra. Sendo o Texto (e a sua actualização em discurso) um domínio tão complexo e heterogéneo, considerou-se a integração dos seguintes níveis da textualidade: a coesão, a coerência, a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a intertextualidade e a informatividade.

Nesta tese, estudam-se as crónicas incluídas em *Terceiro Livro de Crónicas* de uma forma global, especializando-se a análise nos três fenómenos da textualidade – coesão, coerência e adequação –, que, embora separados para uma melhor observação das conclusões, não se querem distanciar nem isolar. Após a análise do *corpus*, identificam-se como marcas do estilo de Lobo Antunes o equilíbrio gerido entre a continuidade do tema e os longos acrescentamentos de informação nova, a interacção entre outros discursos e o discurso do enunciador, a interpretação irónica e crítica sugerida a meio do texto e a polifonia estabelecida nas reformulações discursivas recorrentes.

Finalmente, propõem-se três conjuntos de estratégias de ensino-aprendizagem com crónicas de Lobo Antunes como ponto de partida para o estudo da língua num uso particular como o de este autor e, paralelamente, para o desenvolvimento da leitura e da escrita. Em conclusão, pretendemos contribuir para que os alunos do Ensino Secundário sejam leitores em estado de vigília e curiosos por investir nos labirintos da língua e desenvolver a sua competência textual e comunicativa.

Abstract

This dissertation focuses on the pragmatic nature of the Text, without ignoring the most traditional dimensions – sentence and word. As Text and discourse are complex and heterogeneous domains, it has been considered the integration of the following levels of textuality: cohesion, coherence, intentionality, acceptability, situationality, intertextuality and informativity.

In this thesis, the chronicles included in *Terceiro Livro de Crônicas* are examined in global and, then, focusing in three standards of textuality – cohesion, coherence and appropriateness -, which are not meant to be isolated, although separated in order to have a more accurate observation of the conclusions. After the *corpus* analysis, some style characteristics of Lobo Antunes are identified: the balance between the continuity of the topic and the long additions of new information, the interaction between different discourses and the speaker discourse, the ironic and critical interpretation suggested in the middle of the text, and the polyphony established in constant discursive reformulations.

Finally, three sets of learning strategies are proposed, moving along the chronicles to the study of the language in use of this author and, at the same time, to the development of reading and writing skills. In conclusion, we aim at the benefit of High School students, so that they can be alert and curious readers, ready to invest in the language puzzles and the development of their communicative and textual skills.

Índice

Capa	i
Dedicatória	ii
<i>Incipit</i>	iii
Agradecimentos	iv
Resumo	v
<i>Abstract</i>	vi
Índice	vii
1. INTRODUÇÃO	1
2. PRIMEIRA PARTE	11
2.1. A LINGUÍSTICA DE TEXTO NA <i>TLEBS</i> E NOS PROGRAMAS DE PORTUGUÊS DO ENSINO SECUNDÁRIO	12
2.2. COESÃO, COERÊNCIA E ADEQUAÇÃO	17
2.2.1. COESÃO	20
2.2.2. COERÊNCIA	26
2.2.3. ADEQUAÇÃO	31
2.3. CRÓNICA	34

3. SEGUNDA PARTE	39
3.1. ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	48
3.1.1. COESÃO	50
3.1.2. COERÊNCIA	61
3.1.3. ADEQUAÇÃO	68
3.1.4. TIPOS DE TEXTO	72
3.2. ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA MATERNA	77
3.2.1. PROPOSTA A	80
3.2.2. PROPOSTA B	88
3.2.3. PROPOSTA C	94
4. CONCLUSÃO	99
5. BIBLIOGRAFIA	104

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

O trabalho que se apresenta consiste numa dissertação de mestrado no âmbito do Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Materna, frequentado desde o ano lectivo de 2005/2006 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Como se prevê a partir do título, o *corpus* em análise será o *Terceiro Livro de Crónicas* de António Lobo Antunes, cuja primeira edição data de 2005, e a hipótese que se pretende confirmar baseia-se na possibilidade proveitosa de leitura e observação de usos da língua na colectânea de crónicas ou de algumas crónicas isoladas do conjunto na sala de aula de Português do Ensino Secundário. Propõe-se que esta tese contribua para o estudo da crónica antuniana na aula de língua portuguesa, destacando usos linguísticos específicos do estilo do autor a trabalhar com os alunos do Ensino Secundário.

Nesta fase introdutória, passarei a explicar os motivos que levaram à escolha dos fundamentos linguísticos e do *corpus* seleccionado.

a. LINGUÍSTICA DE TEXTO¹

*Most of the paradigmatic shifts in the various language disciplines
also brought a natural extension toward discourse phenomena.
And soon, this common interests in the respective disciplines
led to a more integrated, autonomous, and interdisciplinary
study of discourse in the following decade (1974-1984).
Teun A. van Dijk, 1988, p.8.*

A Linguística Moderna, ainda na barreira da frase, foi, mais tarde, desafiada mas também complementada com novas ideias sobre o uso da linguagem, pois, tal como Robert de Beaugrande aponta, “when we move beyond the sentence boundary, we enter

¹ Esta abordagem da Linguística de Texto baseia-se nos seguintes textos:

- VAN DIJK, “Chapter 1 - Introduction: Discourse Analysis as a New Cross-discipline”, in van Dijk (edt.), *Handbook of Discourse Analysis: Disciplines of Discourse*, vol.1, Academic Press, 1988 (1985), 2nd printing, pp.1-9
- BEAUGRANDE, Robert de, “Chapter 3 - Text Linguistics in Discourse Analysis”, in *id, ibidem.*, pp.41-62.
- VAN DIJK, “Chapter 1 – Introduction: Levels and Dimensions of Discourse Analysis” in van Dijk (edt.), *Handbook of Discourse Analysis: Dimensions of Discourse*, vol.2, Academic Press, 1987 (1985), 2nd printing, pp.1-10.
- BEAUGRANDE, Robert de, DRESSLER, Wolfgang, *Introduction to Text Linguistics*, Longman Linguistics Library, 1981.

a domain characterized by greater freedom of selection or variation and lesser conformity with established rules”(BEAUGRANDE e DRESSLER, 1981: 17).

O percurso da ou até à Linguística de Texto é rico na interacção com outras disciplinas que têm o mesmo objecto de estudo (como a Semiótica, Análise do Discurso, Retórica, Estilística²) e na expansão de horizonte que proporciona a todas as áreas do conhecimento sobre a linguagem.

Van Dijk reconhece a riqueza do trabalho com o Texto, através do envolvimento de todos os níveis e métodos de análise da linguagem, da cognição, da interacção, da sociedade e da cultura, uma vez que o discurso é a manifestação de todas as dimensões da sociedade:

This means that integral discourse analysis is necessarily an interdisciplinary task and also that its complexity forces us to make specific choices among the many available methods, depending on the goals and functions of our analysis. (1987: 11)

Ironicamente, os trabalhos no campo da Linguística consideraram o Texto como uma entidade marginal até ser difícil de ignorá-la.

Os filólogos tratam da organização e evolução dos sons e formas da linguagem no tempo histórico até que Henri Weil e a Perspectiva Funcional da Frase da Escola de Praga sugerem que os elementos da frase podem funcionar determinando o conhecimento que activam numa perspectiva de importância ou novidade.

Os estruturalistas tratam amostras da língua recolhidas e analisadas de acordo com sistemas de unidades mínimas, o que é insuficiente já que “one can analyze a text into levels of minimal units as depicted, but there is no guarantee that we will have uncovered the nature of the text by doing so”. Zellig S. Harris e Noam Chomsky ampliam a noção de transformação à análise de discurso, embora tal passe despercebida, ainda assim “Harris’s paper is an interesting proof that the cohesion of texts entails a

² A **Retórica**, desde a Grécia Antiga, apresenta semelhanças com os linguistas pela preocupação que mantém em conhecer as implicações das operações de decisão e selecção para a interacção comunicativa. Na **Estilística**, Quintiliano, no séc. I a.C., estabelece como qualidades para o estilo a correcção, a clareza, a elegância e a adequação. Estas categorias reflectem o pressuposto de que os textos divergem na qualidade devido à extensão dos recursos de processamento dispendidos na sua produção. As tarefas dos **Estudos Literários** promovem frequentemente a aplicação de métodos linguísticos. Mesmo a **Antropologia** explora os artefactos culturais em textos. Bronislaw Malinowski sublinhou a importância de ver a linguagem como actividade humana para estudar o significado. Propp e Lévi-Strauss dedicaram a sua atenção aos mitos e às lendas, usando métodos linguísticos de análise e descrição estrutural. Já a **Sociologia** analisa a conversação como modo de organização e interacção social.

certain degree of recurrence and parallelism of syntactic patterns from sentence to sentence”.

Também sem repercussões imediatas surgem as declarações de Eugenio Coseriu (1955, reimpresso em 1967) de que a pesquisa da linguagem implica a investigação não só do conhecimento da linguagem por parte do falante, mas também das técnicas para converter o conhecimento linguístico em actividade linguística.

Roland Harweg (1968) elabora o primeiro grande trabalho sobre a organização textual. Este determinou que os textos estavam ligados entre si pelo mecanismo de “substituição”, o qual envolve a sinonímia, a hiperonímia, a relação causa/efeito, entre outros. Também sublinhou a direccionalidade da substituição.

Finalmente, os textos são definidos como unidade maior do que a frase, mas, só mais tarde, “instead of viewing the text as a unit above the sentence, we would see it as a string composed of well-formed sentences in sequence”(1981: 23).

Entretanto, os resultados do Projecto da Universidade de Konstanz, Alemanha, revelaram que as diferenças entre a gramática da frase e a gramática do texto se mostraram mais significativas do que se supunha.

Em 1974, Petöfi esclarece que “the logical status of text sense simply does not emerge unless we consider its interaction with the users’ prior knowledge”.

Posteriormente, surge a noção de macroestrutura pelas mãos de van Dijk, um conceito mais lato que o conteúdo do texto, isto é, a ideia principal que se desenvolve em significados de pormenor.

Apesar dos avanços já conseguidos no âmbito da Linguística de Texto, as definições do seu objecto de estudo, “unit above the sentence” ou “sequence of sentences”, são ainda criticadas por Beaugrande, pois ignoram o estatuto do texto como acto comunicativo. Veja-se que é a relação entre locutor/escritor e interlocutor/leitor que determina se tal produção verbal é ou não um texto.

Assim, o “non-text” ocorre quando alguém bloqueia deliberadamente a comunicação, por exemplo no caso do humor. Por sua vez, o texto distingue-se pela sua textualidade, baseada não só na coesão e coerência, mas também na intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade e informatividade.

Cohesion is affected when surface structures are shared or borrowed among separate texts. Coherence of a single text may be evident only in view of the overall discourse. Intentionality is shown in the goal-directed use of conversation, and acceptability in the immediate feedback. The role of

situationality is particularly direct, and the whole organization illustrates *intertextuality* in operation. The selection of contributions to conversation can be controlled by the demands of *informativity*.

(BEAUGRANDE e DRESSLER, 1981, p.19)

Robert de Beaugrande constata que, na comunicação real, um elemento é classificado não pelo que é no esquema do linguista, mas pelo que faz, isto é, pela sua função no processamento do participante.

Estes desenvolvimentos nos estudos linguísticos mereceram ou merecem propostas de mudanças na gramática ensinada nas escolas. Assim surgem artigos como os de Felipe Zayas que procura um caminho mais produtivo “Hacia una gramática pedagógica”³.

Segundo este autor, a gramática pedagógica será aquela que servirá de instrumento para a programação dos conteúdos gramaticais dentro de um enfoque integrador da reflexão gramatical e do uso da língua e não se limitará a descrever as formas linguísticas mas mostrará para que servem e como se usam nos diferentes usos sociais da língua.

O carácter funcional da abordagem didáctica sugerida no artigo reflecte-se na convicção do autor quanto à selecção dos conteúdos gramaticais de uma unidade didáctica. Essa selecção é determinada pelas características do tipo de texto e o professor necessita de recorrer aos conhecimentos linguísticos disponíveis e de transformá-los de acordo com os objectivos da unidade didáctica.

O objectivo do artigo é argumentar a favor de uma mudança na orientação do ensino da sintaxe, passando a conceber as actividades de sintaxe mais como manipulação de enunciados do que como mera identificação e análise de formas e relações gramaticais.

Outros trabalhos serviram de estímulo para este artigo e as suas ideias-chave constituem as premissas de que parte Zayas:

- ✦ a ruptura com a dicotomia entre texto e oração;
- ✦ a possibilidade de ensinar a morfossintaxe em relação com a aprendizagem da compreensão e da composição de textos;
- ✦ o modelo pedagógico de gramática baseado nos modelos de carácter comunicativo.

³ ZAYAS, Felipe, “Hacia una gramática pedagógica” in *Textos de Didáctica de la Lengua y de la Literatura*, nº37 pp.16-35, julio 2004.

Do ponto de vista de autores evocados como Castellá (1994), a gramática pedagógica deve responder à questão: “O que tem de saber um cidadão adulto sobre a sua língua para a usar com êxito?”. De acordo com Bernardéz (1994), a aprendizagem da língua pode entender-se como uma aprendizagem de estratégias e de procedimentos que nos permitem decidir, em função do contexto comunicativo, qual é a forma de expressão disponível mais simples e a que nos permite alcançar melhor o objectivo desejado.

Assim, fica posta em causa a separação da oração e do texto como dois domínios didácticos diferenciados. Defende-se que é possível unificar a observação das dinâmicas da comunicação com as estruturas linguísticas, o uso da linguagem com a informação gramatical, pois “A maior parte dos fenómenos sintácticos tratados tradicionalmente como orações podem ver-se muito melhor a partir de uma perspectiva textual, de interacção, estratégica” (BERNÁRDEZ citado por ZAYAS 2004: 20).

Se uma gramática escolar tem de ser um instrumento para a aprendizagem do uso da língua, terá de apresentar os fenómenos linguísticos em relação com a diversidade discursiva, isto é, com a diversidade de tipos e géneros textuais.

Em conclusão, uma gramática pedagógica deve reflectir a mudança de perspectiva das novas correntes linguísticas. Daí que, numa gramática dirigida à aprendizagem do uso, as actividades de descrição das formas linguísticas assumem outras funções enquadradas no discurso, pois a metalinguagem estruturalista (concebida por Chomsky e ignorando os factores comunicativos e retórico-pragmáticos a contemplar numa dimensão textual), necessária para nos referirmos às categorias gramaticais ou aos elementos de um sintagma ou de uma oração, serve de base para uma estrutura mais complexa – o texto. Numa gramática pedagógica, a dimensão pragmática e semântica acompanham a descrição formal.

Será com estes fundamentos da gramática do texto e da comunicação que se estrutura a Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário, a ter também em conta no estudo teórico e didáctico que aqui se apresenta. Contudo, adverte-se desde já que este trabalho considera que “não deverá haver uma transposição simplificada de conhecimentos na busca de melhores soluções pedagógicas. Quanto mais informado

cientificamente estiver o professor, melhores serão as soluções pedagógicas que encontrará”⁴.

b. ANTÓNIO LOBO ANTUNES

As crónicas paraliterárias deste autor exigem um leitor persistente, competente, sensível a novas potencialidades da língua, características que gostaríamos de reconhecer nos alunos do Ensino Secundário. Contudo, talvez sejam esses requisitos (competência discursiva/textual, competência linguística, competência estratégica) que tanto assustam os leitores e os afasta das obras de António Lobo Antunes. Mas, por sua vez, são estes desafios que mais poderão motivar os professores de português para que coloquem os seus alunos perante labirintos linguísticos a ser descobertos com a orientação de um adulto conhecedor da língua.

Desde os formalistas russos, como Chklovski, que a noção de *desautomatismo* se associou à literatura. Assim, anular o automatismo, a redundância e o estereótipo é inovar e surpreender pelo efeito de estranhamento.

*(...) a comunidade artística se encontra automatizada, quando as mensagens enunciadas são facilmente descodificadas, uma vez que os mecanismos de enunciação que as geram foram assimilados pela comunidade em que essas mensagens circulam.*⁵

Assim, o valor da mensagem literária está na novidade, na inovação e no inesperado que traz ao leitor/receptor.

Cristina Cordeiro⁶ abordou a relação entre o leitor e os textos paraliterários de Lobo Antunes anotando três procedimentos retóricos:

1. A antilogia, que cobre uma poética de ambivalência e inaugura uma «estética do desprazer».
2. O oximoro, que molda o contorno de uma postura contraditória e desvenda uma atitude de «pânico feliz».
3. A tensão que dialectiza texto e mundo e (des)orienta a leiura, polarizando-a no binómio identificação vs. distância.

⁴ DUARTE, Isabel Margarida, “Terminologia Linguística: Pragmática e linguística textual. Modos de operacionalização – alguns exemplos”, in DUARTE, Isabel e FIGUEIREDO, Olívia (org.), *Terminologia Linguística: das teorias às práticas*, DEPER, FLUP, FCT E FCG, 2006, pp.89-98.

⁵ REIS, Carlos, *O Conhecimento da Literatura – introdução aos estudos literários*, Almedina, Coimbra, 2ª edição, 1999, p.156-158.

⁶ “Procura-se leitor!” in Cabral, Jorge, Zurbach (org.), *A ESCRITA E O MUNDO EM ANTÓNIO LOBO ANTUNES*, Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora, Dom Quixote, 2004, pp. 123-131.

O caos e a desordem que parecem dominar a escrita de Lobo Antunes merecem ser reanalisados e apreciados pelo rigor no repto que nos impõem. Ora, eis uma valiosa oportunidade para colocar o leitor/o aluno perante dúvidas e hesitações que terão de vencer pelo questionamento à própria língua. De facto, a mesma autora citada acima afirma “Não lemos Lobo Antunes em estado de repouso, mas de vigilância. Não o recebemos em sossego, tranquilamente, mas de forma enervada e tensa.” (2004: 124).

Deste duelo entre texto/autor e leitor, sairá certamente um vencedor – o leitor mais competente e mais motivado pela persistência da luta com que a outra parte o enfrenta.

c. CRÓNICAS

O género pobre⁷, o descredibilizado, o renegado, o maltratado por autores⁸, críticos mas não pelos leitores. Ainda que seja um texto de um fôlego mais curto, não deverá ser menos valorizado por isso, uma vez que o poder de síntese e a qualidade da *literariedade* ou *paraliterariedade* em poucas páginas são exercícios de louvar.

Na verdade, como mais adiante poderei explicar com mais pormenor, as crónicas, particularmente as de António Lobo Antunes, apresentam várias virtualidades no que diz respeito ao ensino da língua:

▲ a dimensão curta deste género discursivo permite a análise aprofundada de um texto integral e a observação rigorosa através do vaivém entre trabalho global e

⁷ A crónica de imprensa é ainda um género jovem, uma vez que aparece quando o jornal se tornou quotidiano, com uma tiragem significativa. Ora, para ser acessível e atractivo a um número elevado de leitores, o seu discurso centra-se na actualidade e, aparentemente, abordando temas de *significado irrelevante*. Contudo, a escrita cronística de romancistas (por exemplo, Eça de Queirós, José Saramago, António Lobo Antunes) tem dado um cunho literário e singular a este género.

⁷ Veja-se como cronistas com cem anos de distância mantêm o mesmo desdém pelo género da crónica. De acordo com Eça de Queirós, “A crónica é como que a conversa íntima, indolente, desleixada, do jornal com os que o lêem (...)” (1867). Também Lobo Antunes considera irrelevante a sua colaboração com o jornal:

Que me lembre, este é o quinto ano que gatafunho prosinhas no Público – tão prosinhas que a sua reunião em livro, precipitada e esgotada, não tornará a editar-se nem outra reunião se fará. Conversas que alinhavo à pressa dado pagarem-me por elas, alimentares e de circunstância portanto, para serem lidas no domingo por quem tiver paciência para as ler e esquecidas logo depois. Pela minha parte esqueço-as assim que lhes coloco o ponto final: a minha vida joga-se nos romances por eles me julgo e serei julgado – e tudo mais vem a seguir e nenhuma importância tem. (“Conselho de Amigo”, *Pública*, nº36)

⁸ BARRADAS, Filomena, “Da literatura alimentar ao romance das páginas de espelhos – uma leitura do *Livro de Crónicas* de António Lobo Antunes”, in Cabral, Jorge, Zurbach (org.), *A ESCRITA E O MUNDO EM ANTÓNIO LOBO ANTUNES*, *Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora*, Dom Quixote, 2004, pp. 133-139.

trabalho local no período de 90 minutos de aula, desenvolvendo-se a noção de *textualidade* a partir da sua unidade – o texto;

▲ a proliferação de autores lusófonos (por exemplo, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, José Eduardo Agualusa, Mia Couto, José Saramago, António Lobo Antunes) que as escreveram e escrevem facilita o contacto com a literatura de expressão portuguesa e com a diversidade de estilos de escrita, de contextos, de actualidades, de temas e de vozes;

▲ a diversidade de tipologias textuais consentidas pela flexibilidade do seu género possibilita o estudo de diferentes usos linguísticos (combinações sintácticas, valores semânticos e estratégias pragmáticas);

▲ a representação da realidade social, autobiográfica ou ficcional, faculta a identificação (o estranhamento causado pela proximidade extrema) com aspectos do quotidiano que se reflectem nestes “pequenos espelhos”⁹;

▲ a ironia dominante no enunciado cronístico, especialmente o de Lobo Antunes, serve o treino do leitor que se terá de esforçar para decifrá-la e reflectir criticamente sobre ela;

▲ por outro lado, “as crónicas ganham uma unidade significativa que não poderiam possuir nas páginas da revista”¹⁰.

Assim, as possibilidades do estudo da crónica em sala de aula revelam-se enriquecedoras para os alunos que devem aperfeiçoar a análise do texto e reconhecer estratégias discursivas e linguísticas de cada autor, sem que desistam a meio de textos que só se completam na página 533, após exaustão não das componentes do texto mas do leitor/analizador.

O trabalho dividir-se-á entre dois capítulos, finalizando com a devida conclusão. Relativamente à revisão teórica, (1) salientaremos os documentos que regem o ensino da Língua Portuguesa, avaliando a importância do Texto na sala de aula, (2) remetendo, de seguida, para três fenómenos da textualidade que interagem entre si, nomeadamente a coesão, a coerência e a adequação, a tratar em separado unicamente por uma questão

¹⁰ *Id, ibidem*. O artigo de Filomena Barradas tem como corpus o *Livro de Crónicas* de Lobo Antunes, o qual é designado por “galeria em que o leitor é convidado a entrar para se confrontar com os múltiplos reflexos de situações deficitárias que é fundamental corrigir”. Esta articulista comenta a introdução da palavra “Livro” no título desta obra, concluindo que “é como se se reconhecesse que nestes textos há um potencial que as resgata do destino efémero a que estavam condenadas nas páginas de um jornal.”

de maior organização do exposto, (3) assinalando, sobretudo, a noção de Texto no que diz respeito à crónica antuniana. Quanto à segunda parte, após uma breve apresentação do *Terceiro Livro de Crónicas*, (4) dar-se-á lugar à análise discursiva de um conjunto de crónicas seleccionadas do *corpus*, tendo por base a especificidade e originalidade de António Lobo Antunes relativamente aos três conceitos linguísticos já apontados, (5) terminando com a sugestão de actividades para uso na sala de aula que despertem para a singularidade dos crónicas do autor em análise e desenvolvam as competências textual e discursiva.

PRIMEIRA PARTE

PRIMEIRA PARTE

A LINGUÍSTICA DE TEXTO NA *TLEBS* E NOS PROGRAMAS DE PORTUGUÊS DO ENSINO SECUNDÁRIO

2. PRIMEIRA PARTE

2.1. A LINGUÍSTICA DE TEXTO NA TLEBS E NOS PROGRAMAS DE PORTUGUÊS DO ENSINO SECUNDÁRIO

Concentremo-nos na noção de **texto** preconizada nos *Programas de Português do 10º, 11º e 12º anos*, atendendo a três menções retiradas desse documento:

<i>FINALIDADES:</i> (...) • <i>Desenvolver a competência de comunicação, aliando o uso funcional ao conhecimento reflexivo sobre a língua;</i> (...) <i>OBJECTIVOS:</i> (...) • <i>Proceder a uma reflexão linguística e a uma sistematização de conhecimentos sobre o funcionamento da língua, a sua gramática, o modo de estruturação de textos/discursos, com vista a uma utilização correcta e adequada dos modos de expressão linguística;</i> (...) <i>COMPETÊNCIAS:</i> (...) <i>A competência de comunicação compreende as competências linguística, discursiva/textual, sociolinguística e estratégica. A escola deverá promover, no âmbito da consciência linguística, o conhecimento do vocabulário, da morfologia, da sintaxe e da fonologia/ortografia; no que respeita a competência discursiva/textual, o conhecimento das convenções que subjazem à produção de textos orais ou escritos que cumpram as propriedades da textualidade; quanto à competência sociolinguística, o conhecimento das regras sociais para contextualizar e interpretar os elementos linguísticos e discursivos/ textuais; quanto à competência estratégica, o uso de mecanismos de comunicação verbais ou não verbais como meios compensatórios para manter a comunicação e produzir efeitos retóricos.</i>

A competência de comunicação é privilegiada, notando-se o incentivo dado à promoção do uso do conhecimento linguístico adquirido após a sistematização da descrição formal da língua. Nos objectivos do Programa, destaca-se o proveito do estudo do “modo de estruturação de textos/discursos” para o domínio da língua.

Além disso, a competência de comunicação distingue a competência discursiva/textual, onde se refere especificamente às “propriedades da textualidade”, ainda que outras competências sejam determinantes para a produção e interpretação textual: as competências linguística, sociolinguística e estratégica. A competência linguística é a base para o domínio dos fenómenos da textualidade. A competência

sociolinguística facilita a adequação discursiva. A competência estratégica orienta o falante/escritor nas suas escolhas do modo como vai dizer/escrever.

O mesmo Programa impõe a consulta da *Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário*, a qual pretende renovar o ensino-aprendizagem do funcionamento da língua de acordo com os novos princípios da Linguística: o alargamento do objecto de estudo da palavra e frase para o texto/discurso e a pertinência da pedagogia da comunicação, na qual se incluem todos os discursos.

Se, como vimos, a Gramática Pedagógica deve contemplar a dimensão pragmática e semântica para além da descrição formal, então “o funcionamento da língua não pode (...) ser dissociado do seu contexto de utilização, da sua inscrição no mundo social, da sua inserção nas interacções humanas”¹¹.

Do ponto de vista da formação de professores,

A mudança de perspectiva da análise de textos do mero nível informacional para a consideração da conformação linguística das informações parece-nos não só lucrar com o conhecimento teórico por parte do professor de Português, de ensinamentos quer da Pragmática Linguística, quer da Linguística de Texto mas até mesmo exigí-lo.

(DUARTE, 2006, p.99-100)

Ora, de entre os domínios incluídos na *Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário* (doravante, *TLEBS*), apresenta-se o domínio da “Análise do Discurso, Retórica, Pragmática e Linguística Textual”, que, por sua vez, se subdivide nos seguintes conceitos:

♣ Comunicação e Interação Discursivas

- emissor
- destinatário
- receptor
- contexto
- enunciação
- enunciado
- enunciador
- deixis
- discurso

¹¹ DUARTE, Isabel Margarida, “Terminologia Linguística: Pragmática e linguística textual. Modos de operacionalização – alguns exemplos”, in DUARTE, Isabel e FIGUEIREDO, Olívia (org.), *Terminologia Linguística: das teorias às práticas*, DEPER, FLUP, FCT E FCG, 2006, p.100.

- universo de discurso
- intercurso / interdiscursividade
- dialogismo
- polifonia
- informação
- enciclopédia
- acto de fala
- competência discursiva
- escrita
- estratégia discursiva
- registo formal / informal
- marcadores discursivos
- conectores discursivos
- princípios reguladores da interacção discursiva (princípios da pertinência, da cooperação e da cortesia, máximas conversacionais e formas de tratamento)
- reprodução do discurso no discurso (citação, discurso directo, discurso indirecto, discurso indirecto livre e discurso directo livre)
- processos interpretativos inferenciais (pressuposição, implicação, implicaturas conversacionais)

♣ Texto

- texto / textualidade
- co-texto
- macroestruturas textuais
- microestruturas textuais
- coesão textual
- anáfora
- catáfora
- co-referência não-anafórica
- coerência textual
- isotopia
- tema / rema

- progressão temática
- configuração
- tipologia textual
- sequência textual
- autor
- leitor
- plano do texto
- plano de leitura

✧ Instrumentos e Operações de Retórica

Em resumo, o Texto aparece como unidade central em ambos os documentos: nos Programas, é a partir dele que se dividem as sequências de aprendizagem, e é o domínio de competências associadas à textualidade que se pretende atingir; na *TLEBS*, é do ponto de vista textual e discursivo que se apresentam todos os domínios. Aliás, a definição de Texto incluída na revisão final da *TLEBS* destaca os fenómenos a trabalhar nesta tese – a coesão, a coerência e a progressão temática, a adequação discursiva e as tipologias textuais:

O texto é prototipicamente uma sequência autónoma de enunciados, orais ou escritos, de extensão variável – um texto pode ser constituído por um único e curto enunciado ou por um número elevadíssimo de enunciados –, com um princípio e um fim bem delimitados, produzido por um ou por vários autores, no âmbito de uma determinada memória textual e de um determinado sistema semiótico, isto é, em conformidade, em tensão criadora ou em ruptura com as regras e as convenções desse sistema, e cuja concretização ou actualização de sentido é realizada por um leitor / intérprete ou por um ouvinte / intérprete. A coesão, a coerência, a progressão temática, a metatextualidade, a relação tipológica, a intertextualidade e a polifonia são as principais propriedades configuradoras da textualidade.

Tlebs – dicionário terminológico para consulta em linha, acedido em 2008 no sítio <http://tlebs.dgicd.min-edu.pt/>.

PRIMEIRA PARTE

COESÃO, COERÊNCIA E ADEQUAÇÃO

2.2. COESÃO, COERÊNCIA E ADEQUAÇÃO

Le texte est un produit connexe, cohésive, coherent et non pas une juxtaposition aléatoire de mots, phrases, propositions ou actes d'énonciation.
(ADAM, 1990: 109)

Conhecendo os enquadramentos educativos vindos do Ministério da Educação (a Lei de Bases do Ensino, o Currículo Nacional para o Ensino Básico, o Programa de Português e a TLEBS) e os recentes desenvolvimentos das ciências da linguagem, nomeadamente a Linguística de Texto, a Análise do Discurso e a Semiótica Textual, propõe-se o trabalho do texto em sala de aula a partir de três grandes focos – coesão, coerência e adequação –, que, embora interligados e indissociáveis no discurso, serão aqui tratados separadamente para permitir uma melhor estruturação do exposto.

Será o domínio dos diferentes níveis (o pragmático, o semântico, o sintático, o fonológico/fonético, o morfológico, o ortográfico, ...) e constituintes do texto (som, ritmo, sílaba, palavra, oração, frase, parágrafo, sequência, texto, ...) que fará um falante/escritor competente e um comunicador eficiente.

Abordar a língua nos textos por três grandes entradas interligadas do ponto de vista metodológico – pragmática (adequação), sintaxe (coesão), semântica (coerência) – é ao mesmo tempo proporcionar ao aluno uma visão local e global da língua e consciencializá-lo de que esta constitui não só uma ferramenta e um utensílio eficaz para a auto-regulação dos actos comunicativos verbais, mas também uma representação do mundo e, sobretudo, uma forma de acção sobre o outro.¹²

Embora Beaugrande e Dressler (1981) estabeleçam sete fenómenos da textualidade e neste trabalho se tratem apenas três, é importante referir que esta análise do texto não será insuficiente ou incompleta, pois estes autores consideram noções “text-centred”, como a **coesão** e a **coerência**, e outras “user-centred”, como a **intencionalidade** por parte do produtor do texto, a **aceitabilidade** por parte do receptor, a **informatividade** e a **situacionalidade**.

Repare-se que a adequação está associada à função de elementos extralinguísticos inevitáveis para a interpretação textual: o locutor através da sua **intencionalidade**, o alocutário através da sua **aceitabilidade**, os saberes compartilhados de que depende a **informatividade** e o contexto situacional através da **situacionalidade**.

¹² FIGUEIREDO, Olívia, “As noções de Adequação, Coerência e Coesão e seus modos de operacionalização” in DUARTE, Isabel e FIGUEIREDO, Olívia (org.), *Terminologia Linguística: das teorias às práticas*, DEPER, FLUP, FCT E FCG, 2006, p.72.

De parte parece ter ficado a **intertextualidade**, em que se consideram factores que tornam a utilização de um texto dependente do conhecimento prévio de outros textos. Porém, sentiu-se a necessidade de apontar as tipologias textuais narrativas, descritivas, argumentativas e instrucionais actualizadas em algumas crónicas de Lobo Antunes, uma vez que estes arquétipos utilizam mecanismos textuais interessantes na sua realização discursiva.

Por fim, retomando a epígrafe da página anterior com uma citação de Jean Michel-Adam, o texto tem de ser entendido como um produto diferente da junção das suas partes. São fenómenos como a coesão, a coerência e a adequação que conferem uma configuração textual aos enunciados que colaboram para um sentido global.

Seguir-se-á, por razões organizacionais, uma exposição separada das três características textuais mencionadas, ainda que se valorize o contributo conjunto para o texto.

2.2.1. COESÃO

Iniciarei a minha exposição sobre a coesão com as ideias estruturadas por Robert de Beaugrande e Wolfgang Dressler (1981). Depois, mencionarei algumas críticas por parte de Joaquim Fonseca à leitura de M. A. K. Halliday e R. Hasan (1976), *Cohesion in English*, sobre o mesmo fenómeno da textualidade em estudo, por se considerarem enriquecedoras para o seu entendimento. Por fim, dar-se-á algum destaque à enunciação, de acordo com o trabalho *Linguística e Texto/Discurso – Teoria, Descrição, Aplicação* (1992) de Joaquim Fonseca.

No capítulo intitulado “Cohesion”, Beaugrande e Dressler associam o domínio da coesão à satisfação não só de regras gramaticais, mas também à eficiência da comunicação através de actos de fala: “the long-range devices are thus contributors to efficiency rather than being grammatical obligations: they render the utilization of the surface text stable and economic”(1981: 54).

Aliás, após uma reflexão sobre cada um dos instrumentos coesivos, estes autores analisam a repercussão desses elementos na produção do texto e conseguem aferir que a **recorrência**, o **paralelismo** e a **paráfrase** são “preferentially deployed when text producers wish to preclude uncertainty or contest”(1981: 80). Enquanto as **pró-formas** (pronomes, anáforas e catáforas) ou a **elipse**, fazem parte do uso do dia-a-dia para condensar a superfície do texto. Por outras palavras, o contexto de produção do enunciado, especialmente a intencionalidade comunicativa, condiciona os meios adoptados pelos falantes.

Veja-se também que estes autores contemplam na sua listagem de instrumentos para a economia e estabilidade do material linguístico e esforço de processamento o **tempo e aspecto** (em falta na obra de Halliday-Hasan). Assim, ilustremos cada um deles.

Em primeiro lugar, a **recorrência** é reconhecida em textos orais espontâneos mas também em situações que implicam mais recursos e mais tempo para a produção de textos (como o texto escrito), apesar de ser menos frequente no último caso mencionado. Na verdade, o uso reiterado e pouco pertinente da recorrência diminui a informatividade¹³.

¹³ O exemplo dado pelos autores é: “John ran home and John ran home.”

Contudo, este instrumento pode ser usado para reafirmar um ponto de vista, ou expressar surpresa perante ocorrências que entrem em conflito com a nossa opinião¹⁴, ou mesmo para repudiar e rejeitar o material citado ou implícito no enunciado anterior¹⁵.

Beaugrande e Dressler apontam o exemplo singular do uso de recorrências nos textos poéticos, as quais constituem instâncias de iconicidade, onde as semelhanças entre as expressões à superfície do texto e o seu conteúdo são significativas.

Em segundo lugar, apresentam a **recorrência parcial**, que utiliza palavras com os mesmos componentes mas altera-as de classe de palavra. Este processo permite a reutilização de um conceito já introduzido, enquanto que a sua expressão se adapta a vários contextos¹⁶.

Em terceiro lugar, refere-se o **paralelismo**, que reutiliza “surface formats but filling them with different expressions” (1981: 57). Neste caso, ocorre a repetição de estruturas como em “He has *plundered our seas, ravaged our coasts, burnt our towns*”.

Em quarto lugar, considera-se a **paráfrase**, que é a recorrência de conteúdo com uma alteração da expressão. Quanto a este elemento, surge a questão do que realmente são expressões sinónimas e se estas existem em alguma língua. De todo modo, o contexto é considerado essencial para descobrir potencialidades sinónimas.

Para além destes instrumentos, Beaugrande e Dressler indicam, em quinto lugar, as **pró-formas** (“economical, short words empty of their own particular content, which can stand in the surface text in place of more determinate, content-activating expressions”¹⁷) e as vantagens que detêm por permitirem manter o conteúdo corrente no armazenamento activo sem terem de reproduzir tudo. Cabem aqui as anáforas e as catáforas, sendo sublinhada a criação de um “hold stack” e a intensificação do interesse do receptor através deste último mecanismo. É ainda salientado o facto da pró-forma poder retomar um evento em vez de um objecto individual (anáfora resumativa)¹⁸. Por outro lado, ressalta-se que, embora as pró-formas atenuem esforços de processamento

¹⁴ O exemplo usado pelos autores é:

“MARLOW: What, my good friend, if you gave us a glass of *punch* in the meantime? ...

HARDCASTLE: *Punch*, sir! ...

MARLOW: Yes, sir, *punch*! A glass of warm *punch*, after our journey, will be comfortable.”

¹⁵ O exemplo dado pelos autores é:

“I think I told you that my name is Burnside.”

“It might be *Smith*, sir, or *Jones*, or *Robinson*.”

“It is neither *Smith*, nor *Jones*, nor *Robinson*.”

¹⁶ Um dos exemplos dos autores é o seguinte: “*Governments* are instituted among Men, deriving their just powers from the consent of the *governed*.”

¹⁷ BEAUGRANDE, R. e DRESSLER, W., *Introduction to Text Linguistics*, 1981, p.60.

¹⁸ Os autores usam um exemplo de Halliday and Hasan: “I would never have believed *it*. They’ve accepted the whole scheme.”

por serem mais curtas do que as expressões que substituem, os proveitos podem ser perdidos se as operações de associação e selecção forem problemáticas.

Em sexto lugar, ocorre uma exposição sobre a **elipse**, da qual se ressaltou a complexidade da interacção entre cognição e as convenções sintácticas envolvidas.

Em sétimo lugar, que diz respeito à coesão suportada pelo **tempo e aspecto**, identificam-se as distinções estabelecidas tendo em conta a perspectiva dos utilizadores do texto e a organização de eventos ou estados entre eles. Nesta ferramenta coesiva, sabendo que a textualidade consiste na continuidade, a coerência do mundo textual é determinante, pois os utilizadores do texto consideram os eventos ou estados e situações do mundo textual relacionados entre si.

Em oitavo lugar, Beaugrande e Dressler referem as **conjunções** (correspondem aos marcadores e conectores discursivos), entendendo-as não só como modos de relacionar eventos e estados mas também como facilitadores da interacção comunicativa:

In this perspective, junction demonstrates how communicative interaction, not just grammatically obligatory rules, decides what syntactic formats participants use. Junctives can be a simple token of courtesy to help make reception of a text efficient. They can assist the text producer as well during the organization and presentation of a textual world. They can, (...), imply or impose a particular interpretation. Yet they are seldom to be found in every transition among events and situations of an entire textual world. Apparently, a certain degree of informativity is upheld by not using junctives incessantly. (1981: 74,75)

Em resumo, estes autores parecem organizar de forma coerente a sua exposição quanto aos principais elementos coesivos, indo ao encontro daqueles referidos por Inês Duarte (2006: 85-123). A coesão gramatical compreende, assim, a dimensão frásica, interfrásica (parataxe e hipotaxe), temporal, referencial (exofórica e endofórica) e o paralelismo estrutural. Por sua vez, a coesão lexical ocorre por reiteração ou substituição e associação (por sinonímia, antonímia, hiperonímia/hiponímia, holonímia/meronímia).

Por sua vez, os pioneiros Halliday e Hasan definiam o texto através da “texture”:

Consubstancia-se, assim, a textura nos traços que fazem de um produto verbal um todo semântico unificado, como tal funcionando globalmente numa situação de comunicação, em que se inscreve por forma adequada. Por isso, o texto surge na visão de Halliday-Hasan (...) basicamente como “a continuum of meaning-in-context” (p.25), “a unit of language in use” (p.1) – independentemente da sua extensão.¹⁹

¹⁹ FONSECA, Joaquim, *Linguística e Texto/Discurso – Teoria, Descrição, Aplicação*, Lisboa, Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992, p.8.

Estes autores reconhecem duas texturas: a externa e a interna. A primeira diz respeito à “consistency of register” dependente dos factores externos que influenciam as opções linguísticas do falante/escritor (audiência, meio, intencionalidade comunicativa, ...). A segunda consiste na “organização sequencial intrínseca do texto” manifestada ao nível supra-enunciado (doravante, EN), ao nível do EN e ao nível inter-ENs. Halliday-Hasan incluem os fenómenos coesivos da referência, da substituição, da elipse, da conjunção e da coesão lexical neste último nível.

As críticas de Joaquim Fonseca dão conta da insustentabilidade de afirmações como “Where the interpretation of any item in the discourse requires making reference to some other in the discourse, there is cohesion” (p.11). A exigência do que é explicitamente verbalizado para a garantia da unidade semântica do texto parece ignorar os implícitos constantes na comunicação humana.

Outra falha apontada por J. Fonseca é a ausência de referência às categorias verbais de tempo e aspecto, assim como outras expressões que fornecem a localização temporal, e à dimensão accional da língua (forças ilocutórias e argumentativas).

Estas lacunas no trabalho, ainda assim, precursor de Halliday e Hasan ignoram a importância do que está para além do dito (implícitos, intencionalidades pragmáticas) e é indiferente à enunciação na língua ou no texto, aspectos fundamentais na comunicação e na estruturação do discurso.

Joaquim Fonseca (1992: 254) declara que a enunciação é o princípio ordenador básico da língua, determinando arrumações paradigmáticas. A sua conclusão advém de três fundamentos:

1º - a enunciação promove à existência efectiva signos, estruturas formais e mecanismos fundamentais na economia global da língua e do seu funcionamento discursivo;

2º - a enunciação configura paradigmas específicos, quase sempre transcategoriais, e mais do que isso, paradigmas que se revelam centrais na organização e funcionamento da língua;

3º - a enunciação inscreve na língua uma matriz dialogal.

O primeiro ponto refere-se a signos sui-referenciais como os **deícticos**²⁰, dependentes da enunciação para o seu significado-referência, os **performativos**²¹, os

²⁰ Segundo Joaquim Fonseca:

Na verdade, os deícticos assinalam os actantes da comunicação – interacção e as suas relações interpessoais, instanciam no tempo e no espaço as produções discursivas, e, por isso, determinam, directa ou indirectamente, os valores referenciais de todos os signos actualizados no enunciado/discurso.

²¹ Explica Joaquim Fonseca:

quais introduzem na língua a enunciação e inscrevem também a dimensão accional do discurso, e os **delocutivos**²², como cristalização no léxico do acto de pronunciar no discurso as expressões ou locuções de que derivam.

A enunciação dá ainda origem à instauração das condições necessárias às grandes funções sintácticas, das modalidades de funcionamento das formas que lhes estão ligadas (interrogação, intimação, asserção) e das modalidades formais da manifestação das atitudes proposicionais do locutor (modos verbais, advérbios de enunciação e modalizadores).

Veja-se como o tipo de relação entre dois interlocutores ou entre enunciador e leitor determina o uso de modalidades diferentes e a presença ou não do enunciador à superfície do texto admite a maior ou menor modalização do discurso, a inserção de juízos de valor pessoais ou não.

Até o mecanismo básico tema/rema que assenta sobre os segmentos do universo dos saberes que o locutor dá como partilhados pelo alocutário e as implicações pragmáticas se articulam com a enunciação. Tal explica-se por relevarem do dizer² de Récanati, 1979, o modo de significar por mostração-indicação (coerência pragmática-funcional do discurso), sabendo que o dizer¹ se associa ao modo de significar por representação-descrição (coerência semântica do discurso).

O segundo ponto ilustra-se com os seguintes exemplos: a ordenação de elementos, distribuídos por várias categorias que realizam ou que são afectados pela pessoa gramatical; a ordenação dos localizadores espaciais sobre o AQUI e o AGORA, termos de raiz egocêntrica, que remetem, portanto, ainda para aquelas correlações de pessoalidade e de subjectividade; a ordenação dos tempos e pessoas verbais segundo planos que a enunciação recorta (planos do discurso e da história); reordenação dos deícticos a partir deste duplo plano enunciativo em deícticos primários (plano do discurso) e deícticos secundários (plano da história).

Ora, no modo de enunciação narrativo, as coordenadas do “eu-aqui-agora” são independentes do contexto de produção, já que “são criadas pelo próprio discurso”²³. De

Os performativos não só remetem para a sua própria ocorrência, como sobretudo instauram a realidade que constitui a sua referência – a realidade que converge com o estatuto comunicativo-interactivo da enunciação, com o valor ilocutório do enunciado. Sendo assim, as suas virtualidades significativo-referenciais – aí se incluindo as atitudes ou relações intersubjectivas contraídas no discurso – estão também vinculadas à enunciação, nela se originam.

²² Nos actos delocutivos, o locutor impõe o conteúdo como se não fosse o responsável do enunciado, daí a ausência de pronomes pessoais e a presença de marcas de impessoalidade.

acordo com K. Bühler, a utilização narrativa da linguagem é “a libertação dos recursos da situação”.

Seguindo este ponto de vista, Fernanda Irene Fonseca associa narração a ficção, pois “De um ponto de vista enunciativo, narrar é sempre «fazer de conta»: locutor e interlocutor «fazem de conta» que se transpõem para outro «aqui» e para outro «agora» e, ao falarem deles, instituem-nos como um «lá» e um «então» (...)”²⁴.

No entanto, o romance (e outros textos narrativos) contemporâneo admite que o outro *aqui* e o outro *agora* sejam representados ou pelos correspondentes anafóricos ou pelos próprios deícticos que se adaptam à sua nova posição de “marcos de referência não coincidentes com a instância enunciativa presente”²⁵.

Fernanda Irene Fonseca refere-se a este processo de transposição fictiva de coordenadas enunciativas como uma “ projecção fictiva do marco de referência enunciativo”, cuja rede referencial “reproduz mimeticamente a rede referencial deíctica”²⁶.

Em conclusão, podemos afirmar que dentro da noção de deixis, apesar de existir apenas um centro que é a situação enunciativa, há dois movimentos que se criam a partir dele: encontramos, assim, uma rede de relação directa com o marco de referência enunciativo e uma rede referencial que está indirectamente relacionada com a situação enunciativa, uma vez que imita a rede referencial deíctica através do «faz de conta».

Ainda dentro da matriz polifónica da língua, causas da heterogeneidade da língua, é pertinente referirmos como factor de textualidade, nomeadamente da coesão e progressão textual, as estratégias de **reformulação**, abundantes na escrita de António Lobo Antunes.

De acordo com Jean-Michel Adam (1990: 179), a reformulação toma uma forma tripartida: enunciado de origem, marcador de reformulação e enunciado reformulado. Mas, no caso da escrita antuniana, o marcador está ausente na maioria dos exemplos.

A reformulação no âmbito textual engloba processos tão vastos como a selecção de uma nova forma linguística, por retoma de outra, para que se expresse melhor o que se deseja comunicar, a gestão dos objectos do discurso de forma a que, pela regulação referencial, eles permaneçam presentes, em obediência a um princípio de pertinência, no

²³ FONSECA, F. I., *Deixis, Tempo e Narração*, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto, 1992, p.217.

²⁴ *Idem, Ibidem*, p.156.

²⁵ *Idem, Ibidem*, p.219.

²⁶ *Idem, Ibidem*, p.153.

espírito do ouvinte-leitor ou a refocalização da atenção sobre determinadas mudanças episódicas, reflectindo mudanças de pontos de vista e de perspectiva enunciativa, relativamente ao primeiro movimento discursivo.

Todavia, o uso polifónico mais autêntico desta estratégia discursiva é aquele que reformula o discurso de outro enunciador, integrando no seu, tal como veremos em algumas crónicas de António Lobo Antunes.

Desta exposição de leituras entendidas como referências, avaliaremos o uso particular da coesão em António Lobo Antunes. De facto, pretende-se notar na sua escrita cronística estratégias singulares ao nível da coesão: como acontecem as retomas de informação e a sua importância para o sentido global do texto, como se realizam as reformulações discursivas e o seu enquadramento no texto e como a enunciação está presente no texto, se determina a modalização do discurso e a intencionalidade por ele veiculada.

2.2.2. COERÊNCIA

O texto não se representa pela soma das suas partes, mas pela totalidade que assume. Daí que conhecer os elementos do léxico e da gramática, não bastam para conhecer a configuração dos conceitos (activados pelo saber) e das relações (que associam os conceitos de forma explícita ou implícita):

Se o sentido se encontra inscrito no enunciado, cuja compreensão passaria, no essencial por um conhecimento do léxico e da gramática da língua, já a significação passará por mobilizar as várias instâncias – competência comunicativa, competência linguística e competência enciclopédica – que permitirão aquilatar que atitude o enunciador adopta a respeito do que ele diz ou que relação ele estabelece com o enunciatário através do seu acto de enunciação.

(FIGUEIREDO, 2006: 74)

Na mesma linha de pensamento, os estudos de George Armitage Miller (1956), citados por Beaugrande e Dressler (1981), mostram que a eficiência da activação mental de conceitos e relações aumenta em segmentos longos desde que integrados em correntes de conhecimento em vez de elementos isolados. Assim, o conhecimento por detrás das actividades textuais estará representado em padrões globais que são associados e especificados para acomodar “current output” (na produção) e “input” (na

recepção). Os receptores do texto usarão padrões para construir e testar as hipóteses acerca de qual será o tópico principal e como o mundo textual está organizado, sendo que a importância e relevância do texto para a situação do receptor, a utilização do saber será cada vez mais detalhada e cuidada.

Ao referirmo-nos a padrões globais, devemos esclarecer as seguintes noções: “frames”, “schemas”, “plans”, “scripts”²⁷. Os “frames” são padrões globais que determinam que informação deve estar junta por princípio, sem a ordenar. Os ftemporal ou casualidade. Os “plans” consistem em padrões que conduzem a um propósito, avaliando o avanço dos elementos em direcção ao objectivo. Os “scripts” resumem-se a planos estáveis que especificam o papel dos participantes e as suas acções previsíveis.

As vantagens do uso de tais padrões globais são já reconhecidas na produção e recepção de textos: a partir das “frames” prevemos como o tópico será desenvolvido, a partir das “schemas” antecipamos como a sequência de um evento progredirá, a partir dos “plans” avançamos como as personagens ou intervenientes no mundo textual irão atingir os seus objectivos, e a partir dos “scripts” prevemos como as situações são representadas para que determinados textos sejam apresentados no momento oportuno.

Na verdade, Beaugrande e Dressler concluem que “knowledge and meaning are extremely sensitive to the contexts where they are utilized”, sendo que a combinação de conceitos e relações activada por um texto pode ser encarada como um “problem-solving”, em que o utilizador do texto constrói uma configuração de caminhos entre eles para criar o mundo textual. Destaca-se, ainda, o facto de que tais caminhos possam ser traçados através de pistas explícitas ou implícitas (inferências):

*This operation involves supplying reasonable concepts and relations to fill in a gap or discontinuity in a textual worlds. (...) inferencing is always directed toward **solving a problem** (...): bridging a space where a pathway might fail to reach.*

(BEAUGRANDE e DRESSLER, 1981: 101, sublinhado meu)

²⁷ A bibliografia em que me baseei para fazer esta exposição sobre conceitos como *frames*, *schemas*, *plans* e *scripts* foi o livro de Robert Beaugrande e Wolfgang Dressler, *Introduction to Text Linguistics* (1981), o qual se apresenta como uma obra que engloba estudos clássicos e variados sobre os fenómenos da textualidade. Assim, partem de Charniak, 1975, Minsky, 1975, Winograd, 1975, Petőfi, 1976, Scragg, 1976, Metzger (ed.), 1979, para a teoria dos ***frames***; de Bartlett, 1932, Rumelhart 1977, Kintsch 1977, Mandler & Johnson, 1977, Rumelhart & Ortony, 1977, Spiro, 1977, Thorndyke, 1977, Kintsch & van Dijk, 1978, Beaugrande & Colby, 1979, para a teoria dos ***schemas***; de Sussman, 1973, Abelson, 1975, Sacerdoti, 1977, Schank & Abelson, 1977, Cohen, 1978, McCalla, 1978, Wilensky, 1978, Allen, 1979, Beaugrande, 1979, para a teoria dos ***plans***; de Schank & Abelson, 1977, Cullingford, 1978, McCalla, 1978, para a teoria dos ***scripts***.

Charles Fillmore parece aceitar o desafio do “problem-solving” e enumera as questões que o intérprete de um texto responderá ao longo do caminho da recepção do mesmo:

1. *What is the unit that I have just encountered?*
2. *Am I helped in knowing what this unit is by remembering interpretations I gave to something earlier in this text? That is, did some cataphoric element cause me to be ready for this? Alternatively, am I able to draw anaphoric links from this to something I've already encountered earlier in the text?*
3. *Is the current unit a part of a larger unit in this text? If so, in what role is it situated, or what function is it serving, in that larger unit?*
4. *What things might have occupied this position in place of the unit I have just encountered? What conclusions can I justifiably draw from the fact that the creator of this piece of text chose to use this unit rather than any of its possible substitutions?*
5. *What things have already appeared that are also part of the thing this is a part of? What things can I assume might appear later in the text that are also part of the structure that this is part of?*
6. *What might the thing this is a part of be a part of? What role does it play (or might it turn out to play) in that larger thing?*
7. *Does the presence of this unit in this place signal the copresence of some corresponding unit at another level of linguistic structure?*²⁸

No jogo de interpretação, o receptor é obrigado a “moves and states”, considerando-se os movimentos aqueles momentos em que se aceita um acrescento no texto, fazendo as alterações e adições ditadas pelas regras e pelo texto, e a imobilidade os momentos de expectativas, perguntas e conclusões que o leitor forma após cada passo. Assim o intérprete apresenta mais do que um estado cognitivo como os exemplos de Fillmore:

I have a current set of hypotheses about the text as a whole: its point, its content, its source, its setting and so on.

I am now expecting a specific element.

I have brought into a play a framing context, the one introduced by a unit just encountered.

I am expecting to find soon a syntactic structure of a particular kind because of a dependency associated with some previously encountered syntactic element.

I have just resolved a previous uncertainty or answered a question that had been posed or left unanswered with a previous move.

I have now reopened a question about a previously processed element.

I have just to revise a previous decision that I have just learned was in error.

(FILLMORE, 1988: 17)

Em resumo, o intérprete terá de ter consciência das propriedades do que está a receber, deter na memória o último movimento que executou, ter conhecimento do repertório de estruturas e itens e do conjunto de princípios caracterizadores da

²⁸ FILLMORE, C. J., “Chapter 2 - Linguistics as a Tool for Discourse Analysis”, in van Dijk (ed.), *Handbook of Discourse Analysis: Disciplines of Discourse*, vol.1, Academic Press, 1988 (1985), 2nd printing, p.16.

Note-se que nas perguntas elaboradas coexistem noções de coesão e de coerência, até porque na mente do receptor textual tais fenómenos também surgem interrelacionados.

linguagem e ser hábil na criação de expectativas a partir deste complexo de actualizações da informação.

Falta, por outro lado, analisar as condições da coerência textual sob o ponto de vista do locutor. Ora, segundo Joaquim Fonseca (1992), utilizando as formulações de van Dijk (1977), “o objectivo de continuar “significantly” um texto será alcançado se se verificarem, cumulativamente, as condições gerais seguintes”:

(i) os “objectos” e o que deles se predique, os factos, os acontecimentos... a manifestar devem congrega-se com os já manifestados e com eles perfazer o universo de discurso fixado pela intenção comunicativa global que presidiu ao acto linguístico;

(ii) os “objectos” e o que deles se predique, os factos, os acontecimentos... que vêm preencher, nos termos de (i), o universo de discurso fixado pela intenção comunicativa global do locutor devem distribuir-se por sucessivos ENs de molde a que, cumulativamente,

- não dêem lugar, quer entre eles quer em relação aos já manifestados, nem a tautologia nem a contradição;

- se interconectem na base de uma recíproca relevância, ou seja, se dêem mutuamente acesso.

(...)

(iii) os ENs por que se distribuem os designados a manifestar na ‘continuação’ de um texto devem suceder-se de forma a garantir a “boa formação semântico-sintáctica do transfrásico” que neles se realiza.

(FONSECA, 1992: 32,33)

A primeira e a segunda condições são a base da progressão temática entre o dado e o novo, o tópico e o comentário, o tema e o rema. A Linguística Textual tem chamado à atenção para a possível confusão entre rema e verbo (tradução do grego clássico), pois a novidade pode estar em qualquer elemento do discurso. Em português, a ordem de palavras orienta o receptor/leitor na procura do foco informacional, pois, normalmente, é surge o tema precedido do rema. E, conhecendo a estrutura SVO da língua portuguesa, facilmente se conclui que muitas frases não terminam com verbos, mas com grupos nominais, grupos adverbiais ou grupos preposicionais.

Por outras palavras, a coerência consiste na formação de expectativas através do equilíbrio entre o que ficou dito/escrito antes e o que surgirá depois, as quais são criadas a partir de fontes externas ao ouvinte/leitor e tendo em conta o contexto da situação²⁹.

Ora, a Teoria da Relevância³⁰ reinterpreta a textualidade, diminuindo a importância dos fenómenos da coesão e da coerência e ressaltando a expectativa de relevância do

²⁹ HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, R., *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*, Oxford University Press, 1991, p.48.

³⁰ SPERBER, Dan & WILSON, Deirdre, *Relevance: Communication and Cognition*, Cambridge, MA: Harvard, University Press, 1986.

BLASS, Regina, *Relevance Relations in Discourse*, 1990, apresentada em FELTES, H. e SILVEIRA, J., *Pragmática e Cognição: a Textualidade pela Relevância*, EDIPUCRS, Porto Alegre, 1997.

ouvinte/leitor, considerando-a a base para a análise do texto/discurso. Assim a hipótese colocada por Blass (1990) é que “relações de relevância, baseadas no equilíbrio entre efeitos contextuais amplos e esforço de processamento, estão subjacentes a julgamentos de boa formação textual” (FELTES e SILVEIRA, 1997: 79).

A noção de contexto é também valorizada, pois permite a interpretação de um discurso, recuperando, através de processos inferenciais, a intenção pretendida pelo autor. Segundo Blass, só o Princípio da Relevância parece explicar consistentemente como é construído tal contexto e como se escolhe a hipótese interpretativa mais adequada: logo, o ouvinte/leitor selecciona e restringe o conjunto de suposições, avaliando qual a interpretação que permite maiores efeitos contextuais e menor esforço de processamento e não a conectividade formal ou semântica das estruturas linguístico-textuais³¹. Feltes e Silveira (1997:82) sugerem que:

Uma teoria pragmática da textualidade deve dar conta, então, do modo como as representações semânticas são recuperadas, dando conta também de desambiguações, atribuições de referência, resoluções de indeterminâncias semânticas, recuperações de conteúdos implícitos, bem como de interpretações figurativas de efeitos estilísticos e da força ilocutória (...).

Assim, a nossa análise discursiva tentará dar conta destes fenómenos sempre que sejam pertinentes para a interpretação do texto em causa.³²

Halliday e Hasan (1991:48) resumem o conceito de coerência da seguinte forma: “Every text is also a context for itself”. Na verdade, tal contexto resulta da “interacção entre os elementos cognitivos apresentados pelas ocorrências textuais e o nosso conhecimento do mundo”³³ que pode manifestar-se sob diversas formas: a ordem linear

³¹ Blass argumenta que, num discurso do quotidiano, os enunciados não precisam de estar associados ao anterior e essa conexão pode até ser inapropriada. Apresentam-se dois exemplos que comprovam tal asserção: em primeiro lugar, há mudanças de tema que são justificadas pela emergência, e logo maior relevância, da informação a dar (imaginem-se que, a meio de uma conversa, alguém se aproxima com a intenção de roubar, e surge a necessidade de alertar a vítima); em segundo lugar, a resposta a um convite indesejado pode limitar-se ao silêncio, sem o uso de meios linguísticos.

³² Inês Duarte (2006) destaca também a relevância no âmbito da conectividade conceptual, mais precisamente na selecção das suposições que permitam a progressão textual: “Para que a estrutura temática de um texto seja coerente, é necessário que os elementos cognitivos fornecidos pelo comentário sejam relevantes acerca do tópico. A **relevância** recobre uma grande variedade de relações conceptuais que o comentário deve manter com o tópico, e envolve a escolha, de entre os vários comentários possíveis acerca do tópico que satisfaçam a conectividade conceptual, apenas daqueles que, num determinado momento preciso do desenvolvimento do texto, e na situação concreta da sua produção- interpretação, são considerados pelo locutor como contributos para a progressão temática do texto” p.119.

³³ DUARTE, Inês, “Aspectos linguísticos da organização textual”, in MATEUS et alii, *Gramática da Língua Portuguesa*, Caminho, Lisboa, 2006, p.115.

das sequências coordenadas é isomórfica da ordenação temporal, as sequências textuais subordinadas estabelecem relações de causa/razão/condição/consequência entre si, as sequências textuais que descrevem estados ordenam-se segundo as relações lógicas entre indivíduos e propriedades e a princípios cognitivos de percepção e atenção, as sequências textuais que descrevem situações seguem a ordem de percepção ou de conhecimento, ou a ordenação das sequências não respeita a temporalidade ou a lógica pois a progressão tema/rema (com informação explícita ou implícita) permite determinar uma ordenação linear.

2.2.3. ADEQUAÇÃO

Não somente a didáctica das línguas avançou, sob a bandeira comunicativista, no terreno que a Pragmática linguística explora como, em vários sentidos, se antecipou a esta. (...) Desse esforço de integração da aprendizagem da língua no contexto comunicativo nasceram conceitos hoje comuns (...) que qualquer docente reconhece, como sejam os de competência comunicativa, intencionalidade comunicativa, ou adequação comunicativa, que são, do ponto de vista linguístico, conceitos de Pragmática.
(MATOS, 2006: 89)

A distinção entre texto e discurso é inevitável no estudo do conceito de adequação discursiva. Segundo Jean-Michel Adam (1990), o discurso consiste na soma do texto e das condições de produção, já o texto é o discurso menos as condições de produção. Conclui, assim, que um discurso é “un énoncé caractérisable certes par des propriétés textuelles, mais surtout comme un acte de discours accompli dans une situation” (1990: 23). O texto é um objecto abstracto, daí F. Rastier (citado por ADAM, 1990: 23) afirmar que “Il n’existe pas de texte (ni même d’énoncé) qui puisse être produit par le seul système fonctionnel de la langue (au sens restreint de mise en linguistique)”.

Esta declaração relaciona-se com o que ficou dito na introdução deste trabalho no que diz respeito à necessidade da Linguística Textual interagir com outras áreas do saber, reconhecendo que “En passant de la phrase – limite ultime classique – au texte, le linguiste ne peut pas proceder par simple extension de son domaine” (1990:11).

Em resumo, a adequação discursiva trata das condições de produção de um discurso e das consequências para esse mesmo discurso das escolhas que vão sendo feitas pelo falante/escritor. A relação e o papel de cada um dos intervenientes no acto comunicativo determinará as formas de tratamento usadas, o contexto situacional

poderá exigir maior ou menor grau de formalidade na formulação do discurso e na selecção do registo, o uso oral ou escrito implicará o seguimento de determinadas convenções e o universo de referência obrigará a adaptações da informação transmitida.

Note-se a importância da cooperação que existe entre os intervenientes num acto comunicativo para que haja sucesso na manifestação de objectivos ilocutórios específicos. Para além do princípio da cooperação também o princípio da cortesia regula a interacção discursiva, enquanto manifestação social. Assim, há que respeitar comportamentos sociais e linguísticos como o uso de formas ritualizadas, expressões de cortesia, o jogo de estratégias conversacionais que evitem a ameaça à face de qualquer dos interlocutores, a opção pelos actos ilocutórios indirectos para impedir o impacto negativo do acto ilocutório directo e a inclusão de expressões explicativas ou desculpabilizadoras.

Grice³⁴ enumera ainda quatro máximas conversacionais que são considerados metaprincípios (termo de Maingeneau, 1997) que regem as trocas verbais: a máxima da qualidade (garantia da verdade do enunciado), a máxima da quantidade (garantia da quantidade de informação suficiente, tendo em conta o requerido), a máxima da relevância (garantia da pertinência do discurso para o objectivo da interacção) e a máxima do modo (garantia da clareza do discurso).

Contudo, nem toda a comunicação acontece com sucesso através do cumprimento de tais máximas. A metáfora, a ironia, a hipérbole, a antítese, a metonímia e a sinédoque são entendidas, segundo Grice, como a quebra das regras ou a fuga à norma. Esse desrespeito será compreendido pelo interlocutor, que interpretará os actos de fala indirectos através de processos interpretativos inferenciais (implicatura conversacional).

Na perspectiva do Princípio da Relevância³⁵, Sperber e Wilson assumem a metáfora como um uso natural da linguagem e rejeitam-na como desvio à norma porque “we claim that humans automatically aim at maximal relevance, i.e., maximal cognitive effect for minimal processing effort”³⁶.

Na verdade, a metáfora parece implicar um esforço grande, pois exige uma interpretação de algo que é dito indirectamente (isto é, a criação de um contexto

³⁴ GRICE, H. P., “Logic and Conversation”, in P. Cole and J. Morgan (eds.), *Syntax and Semantics*, vol. 3: *Speech Acts*, New York, Academic Press, pp.41-58, 1975.

³⁵ SPERBER, Dan & WILSON, Deirdre, *Relevance: Communication and Cognition*, Cambridge, MA: Harvard, University Press, 1986.

³⁶ SPERBER, Dan & WILSON, Deirdre, “Loose Talk”, in *Pragmatics*, Reader, p.544.

apropriado e a derivação de implicações), mas, na verdade, seria muito mais esforçado parafrasear uma metáfora (se é que é possível de todo fazê-lo sem perdas), já que ela representa uma “condensação extrema” de relações.

Assim, o uso das metáforas é plenamente justificado pelo Princípio da Relevância: há um equilíbrio entre o efeito cognitivo e o esforço de processamento exigidos pelas metáforas, pois elas veiculam uma linha de pensamento em acréscimo, caso os custos de processamento sejam justificados.

Tendo revisto os fenómenos da coesão, coerência e adequação, a partir das leituras mais clássicas, pretendi antecipar algumas das directrizes que me guiarão no trabalho de análise textual. Sobretudo, saliento a necessidade, sob o meu ponto de vista, de incentivar os alunos ao vaivém entre os níveis de textualidade local / microtextual e global / macrotextual, o qual desenvolverá a competência textual de cada um. Jean-Michel Adam (1990:115) sistematiza estes dois níveis, com base nas teorias também aqui expostas: o **nível micro-textual** consiste na correspondência local (sobretudo, morfo-sintáctica), coesão-progressão local (progressão temática, acesso a valores de verdade-validade das proposições relativamente ao universo de referência e das representações discursivas), coerência-pertinência local (entre actos discursivos e planos de enunciação); e o **nível macro-textual** compreende a correspondência global da sequência e/ou do texto, a coesão global (isotopias e semântica macro-estrutural da sequência ou do texto no seu conjunto) e coerência-pertinência global (orientação argumentativa da sequência ou do texto).

PRIMEIRA PARTE

CRÓNICA

2.3. CRÓNICA

*Assim, a crónica talvez difira da reportagem por um certo distanciamento,
em relação ao facto narrado; talvez difira da crítica por uma certa despreensão;
talvez difira do ensaio por uma certa simplicidade;
talvez difira da notícia por uma certa intencionalidade (...)*
(SARAIVA, Arnaldo, 1980.)

*Claro esteja que a crónica não tem o arcaboço da História, o fôlego do romance,
a leveza do conto, o enlevo do poema, a erudição do ensaio – mas,
ladina como é, bebe de tudo um pouco. (...) Daí que, ausente dos tratados
e das honras académicas, ela seja, por assim dizer, uma excrescência
literária, um apêndice da estilística, uma filha menor das Artes.
Em suma, quase uma intrusa no Parnaso.*
(BRAGA, Mário, “Primeira mão”, O escritor.)

Literária. Não-literária. Paraliterária. Inútil. Prazeirenta. Fictícia. Autobiográfica.
A definição de crónica é problemática, devido à versatilidade enunciativa, temática e
estilística que permite. Contudo, Carlos Reis³⁷ destaca uma característica consensual
para todos os críticos ou estudiosos, uma vez que tem origem na própria etimologia da
palavra – *chronos*: a relação mantida entre o tempo e o texto da crónica.

*Com efeito, é uma certa elaboração do tempo que justifica a utilização
pragmática e o destino sociocultural da crónica, nas duas grandes acepções que
aqui privilegiaremos: a crónica como relato historiográfico medieval e a crónica
como texto de imprensa.*

(2002: 87)

Ascendente da crónica medieval histórica, será a crónica de imprensa que nos
preocupa, pois os textos do *Terceiro Livro de Crónicas* foram primeiramente
publicados na revista *Visão*. Assim a sua produção foi condicionada pela estratégia
comunicativa específica desse meio e pelo contexto em que se insere.

Por outro lado, o enunciador que surge à superfície do texto deixa marcas
modalizadoras que merecem ser exploradas pelo leitor porque são únicas ou
particulares deste género discursivo.

Para além disso, a crónica é ainda influenciada por outras estratégias
discursivas provenientes do folhetim e da epistolografia. Da parte do folhetim, Maria
Helena Santana³⁸ anota a semelhança na regularidade, no pendor ensaístico e na

³⁷ LOPES, Ana Cristina, REIS, Carlos, *DICIONÁRIO DE NARRATOLOGIA*, Coimbra, Almedina, 7ª
edição, 2002.

³⁸ SANTANA, Maria Helena, “Crónica”, in *Biblos, Encilopédia Verbo das Literaturas de Língua
Portuguesa*, vol. I, Lisboa e São Paulo, Verbo, 1995.

função lúdica. Quanto à carta, assinala-se o tom dialogante e interpelativo que certos cronistas mantêm com o narratário/leitor.

Aliás, o próprio Eça de Queirós, numa das suas crónicas em “O Distrito de Évora” (1867), capta o dialogismo característico deste género, a intimidade (“fala em tudo baixinho”) de um texto publicado num jornal e a sua liberdade de temáticas e registos, distinguindo-se da autoridade política, da seriedade do crítico e da indolência do poeta.

A crónica é como que a conversa íntima, indolente, desleixada, do jornal com os que o lêem: conta mil coisas, sem sistema, sem nexos, espalha-se livremente, pela Natureza, pela vida, pela literatura, pela cidade; fala das festas, dos bailes, dos teatros, das modas, dos enfeites, fala em tudo baixinho, como quando se faz um serão ao braseiro, ou como no Verão, no campo, quando o ar está triste. Ela sabe anedotas, segredos, histórias de amor, crimes terríveis; espreita porque não lhe fica mal espreitar. Olha para tudo, umas vezes melancolicamente, como faz a lua, outras vezes alegre e robustamente, como faz o Sol; a crónica tem uma doçura jovial, tem um estouvadamente delicioso: confunde tudo, tristezas e facécias, enterros e actores ambulantes, um poema moderno e o pé da imperatriz da china: ela conta tudo o que pode interessar pelo espírito, pela beleza, pela mocidade; ela não tem opiniões, não sabe do resto do jornal; está nas suas colunas contando, rindo, falando; não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando.

A crónica é como estes rapazes que não têm morada sua e que vivem no quarto dos amigos, que entram com um cheiro de Primavera, alegres, folgazões, dançando, que nos abraçam, que nos empurram, que nos falam de tudo, que se apropriam do nosso papel, do nosso colarinho, da nossa navalha de barba, que nos maçam, que nos fatigam... e que, quando se vão embora, nos deixam cheios de saudade.

QUEIRÓS, Eça, Distrito de Évora

Passados cem anos, António Lobo Antunes mantém o conceito de conversa espontânea e “desleixada” e a desvalorização das “prosinhas” que o autor gatafunha “à pressa” e o leitor lê e esquece.

Que me lembre, este é o quinto ano que gatafunho prosinhas no Público – tão prosinhas que a sua reunião em livro, precipitada e esgotada, não tornará a editar-se nem outra reunião se fará. Conversas que alinhavo à pressa dado pagarem-me por elas, alimentares e de circunstância portanto, para serem lidas no domingo por quem tiver paciência para as ler e esquecidas logo depois. Pela minha parte esqueço-as assim que lhes coloco o ponto final: a minha vida joga-se nos romances por eles me julgo e serei julgado – e tudo mais vem a seguir e nenhuma importância tem.

(“Conselho de Amigo”, Pública, nº36)

É, também, curiosa a semelhança entre estes dois cronistas no que diz respeito à ferocidade da crónica expresso através da ironia e da caricatura. Eça considera o género

cronístico como uma “arma terrível” que ataca com aparente ingenuidade. Lobo Antunes avança para a sua presa com os cuidados de um predador, ainda que se sinta, mais tarde, “ao mesmo tempo, o matador e a presa”. Da “caçada”, salienta-se a violência da investida: “(...) quando temos a certeza que a cabeça e o coração bem na mira, disparar: a crónica tomba diante dos dedos, compõem-se-lhe as patas e os chifres para ficar apresentável.”.

(...)E tem razão: a crónica é para o Jornalismo o que a caricatura é para a pintura: fere rindo; despedaça, dando cambalhotas; não respeita nada daquilo que mais se respeita; procede pelo escárnio e pelo ridículo; e o ridículo em política é de boa, é de excelente guerra.

O reinado de Luís Filipe foi demolido – não pelos jornais, nem pela democracia, nem pelos socialistas, nem pelos filósofos, nem pelas revoluções -, foi demolido pela caricatura.

A caricatura, como a crónica, é uma arma terrível; ataca mais perseverantemente e defende-se com inocência: dá uma grande punhalada depois toma um ar de candura e fica-se toda risonha fazendo acenos e afagos; e na verdade como se há-de combater se está estabelecido nos costumes que ela não pode ser tomada a sério? Assim, por exemplo, vá lá um governo conter pelos meios parlamentares a crónica dum jornal que revelou que o ministro de tal tinha a omoplata disforme? É impossível. Ela não respeita nada, e fala nas coisas que o indivíduo mais ama.(...)

QUEIRÓS, Eça, Distrito de Évora

CRÓNICA PARA QUEM APRECIA HISTÓRIAS DE CAÇADAS

Estou aqui sentado, à espera que a crónica venha. Nunca tenho uma ideia: limito-me a aguardar a primeira palavra, a que traz as restantes consigo. Umas vezes vem logo, outras demora séculos. É como caçar pacaças na margem do rio: a gente encostadinhos a um tronco até que elas cheguem, sem fazermos barulho, sem falar. E então um ruidezito que se aproxima: a crónica, desconfiada, olhando para todos os lados, avança um tudo-nada a pata de uma frase, pronta a escapar-se à menor desatenção, ao menor ruído. De início distinguimo-la mal, oculta na folhagem de outros períodos, romances nossos e alheios, memórias, fantasias. Depois torna-se mais nítida ao abeirar-se da água do papel, ganha confiança e aí está ela, inteira, a inclinar o pescoço na direcção da página, pronta a beber. É altura de apontar cuidadosamente a esferográfica, procurando um ponto vital, a cabeça, o coração

(a nossa cabeça, o nosso coração)

e, quando temos a certeza que a cabeça e o coração bem na mira, disparar: a crónica tomba diante dos dedos, compõem-se-lhe as patas e os chifres para ficar apresentável

(não compor muito, para que a atitude não seja artificial)

e manda-se para a revista. É assim. O problema é que esta, a que gostava de apanhar agora, não há maneira de se decidir. Bem a percebo ao fundo, escondida, reparo num pedacinho do pescoço, metade de um olho, um frémito de pele, mas não sei se é macho ou fêmea, grande ou pequena, triste ou alegre: sei que me espia e não se resolve a colocar a espinha ao meu alcance. Até quando? A mão vibra porque me deu ideia que se deslocou e porém não se deslocou nem isto, continua acolá, irritantemente vizinha apesar de distante, e não posso dar-me ao luxo de desperdiçar um tiro: não tenho mais, e crónicas não são coisas que se peguem de cernelha: com uma sacudidela amandam-nos logo ao chão e vão-se embora: as crónicas e os livros não toleram escritores aselhas, ou precipitados, ou impacientes, desprezam-nos, viram-lhes as costas a troçarem: o que desejam é que tenham mão nelas no

momento exacto, e o momento exacto nem um segundinho dura: uma desatenção, um piscar de olhos e adeus, passa bem meu cretino, vai aprender a escrever para outro lado. De maneira que são onze e vinte e quatro da manhã e eis-me a esta mesa

(encostado a este tronco)

de caneta no sovaco, à espreita. Quanto tempo ainda? Um quarro de hora, vinte minutos, uma hora? Talvez menos, dado que não sei o quê em mim estremeceu: sou, ao mesmo tempo, o matador e a presa. é o meu coração e a minha cabeça que busco, ou qualquer coisa no meu coração e na minha cabeça, a sua parte de trevas, de sombra. As trevas e as sombras do António

(finalmente!)

surgem rodeando o papel, param, verificam que ninguém nas redondezas, debruçam-se (vamos, vamos, debrucem-se mais)

a beberem da página e então ergo a caneta, viso, certifico-me que as enquadrei na mira, e aperto os cinco gatilhos dos meus cinco dedos: a crónica cai redonda no bloco, agita a cauda de um advérbio, imobiliza-se. Nesta altura é prudente chegarmo-nos a ela pé ante pé: as crónicas apenas feridas são capazes de nos aleijar com um coice, uma camada. Aplica-se por precaução a facada de um corte num adjetivo, numa imagem, a fim de acabar com elas. E aí está a crónica quietinha, pronta a ser publicada. Tem os olhos abertos: só quase ao encostar a cara à sua verifico que são os meus. Podem ficar com eles: há quem goste de mostrar troféus aos amigos.

ANTUNES, António Lobo, *Terceiro Livro de Crónicas*, pp.181-183.

De uma forma geral e evitando as definições pela comparação ou pela negação (confronto com as epígrafes), é um discurso escrito, relativamente breve na sua extensão, que obedece às *regras* gerais da textualidade, e cuja inconstância de temas, estilos e graus de aproximações literárias enriquece a interpretação dos leitores e aumenta o desafio da compreensão verbal.

Em particular, a crónica antuniana destaca-se (1) pela dualidade entre publicação e intimidade, texto jornalístico e texto literário, (2) pelo aparente desleixo e pela irreflectida impulsividade, que é afinal um trabalho de minúcia ao nível da coesão, coerência e adequação³⁹, e (3) pelo vigor da ironia e da caricatura, que “Espelhando, as crónicas pedem especulação ao leitor”⁴⁰.

³⁹ Na segunda parte deste trabalho, a análise de crónicas do “Terceiro Livro de Crónicas” permitirá notar essas especificidades do estilo de Lobo Antunes: o equilíbrio mantido entre a continuidade do tema e os longos acrescentamentos de informação nova, a imbricação constante e significativa de outros discursos no discurso do enunciador, a estratégia persuasiva que leva o leitor a aderir a um discurso, mostrando mais tarde que a leitura correcta será a interpretação irónica e crítica de todo o texto e a polifonia estabelecida nas reformulações discursivas recorrentes.

⁴⁰ BARRADAS, Filomena, “Da literatura alimentar ao romance das páginas de espelhos – uma leitura do *Livro de Crónicas* de António Lobo Antunes”, in Cabral, Jorge, Zurbach (org.), *A ESCRITA E O MUNDO EM ANTÓNIO LOBO ANTUNES*, *Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora*, Dom Quixote, 2004, pp. 133-139.

Filomena Barradas examina o **princípio do livro das páginas de espelhos**, instituído através da primeira pessoa verbal como instância de enunciação: “Esse EU (...) é o detentor do (in)screver nas páginas-espelhos e, porque o seu desejo é fazer com que o seu leitor se reveja nessas páginas, não cessa de se metamorfosear em distintos EUS, para os quais é possível definir diferentes quadros sociais, culturais, afectivos ou actanciais.”. Depois, cabe ao leitor usar o diagnóstico da crónica-espelho para corrigir “aquilo que existe em nós de profundamente humano, contraditório e imperfeito”.

SEGUNDA PARTE

3. SEGUNDA PARTE

Até este momento, reforcei o valor de teorias a serem consideradas como referência na aula de Português, nomeadamente no Ensino Secundário, uma vez que se espera que os alunos a frequentar este nível de escolaridade sejam já competentes no que diz respeito ao nível da palavra, da frase e dominarão alguns conceitos base de análise textual (nomeadamente, narração e descrição, intencionalidade comunicativa, coesão lexical, entre outros).

Já na Introdução e na discussão teórica deste trabalho, apresentando o *corpus* sobre o qual me debrucei, revelei algumas das vantagens que o género discursivo crónica oferece no tratamento didáctico do Texto. Ao reflectir sobre os objectivos de uma aula de língua materna e no contexto educativo actual, considero o uso didáctico da crónica produtivo e eficaz pelas razões que enumero de seguida:

- ▲ a sua dimensão de microtexto permite uma análise mais detalhada de um tecido textual, sem se recorrer a textos tão extensos que não possibilitam um projecto de leitura ou de exploração que seja integralmente orientado em aula;
- ▲ a diversidade das tipologias textuais actualizadas nas crónicas, que se reflecte na multiplicidade de estilos de escrita, de temas, e de marcas linguísticas facilita a integração destes textos em vários momentos do Programa de Português;
- ▲ a relativa notoriedade cultural da crónica, que, segundo Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, advém do seu culto por escritores propriamente literários, apresenta e motiva os alunos para a leitura dos escritores que “exercitam nas suas crónicas uma competência narrativa que chega a fazer delas esboços de contos ou então partem de sugestões temáticas que nelas recolhem para a sua actividade de criação literária”⁴¹;
- ▲ a exploração de crónicas será uma preparação, um caminho intermédio gradual para os estudos de obras integrais mais extensas (como romances) que integram os Programas de Português de décimo primeiro e décimo segundo anos.

Note-se que estes motivos, especialmente os dois últimos, contribuem para a escolha dos textos incluídos no *Terceiro Livro de Crónicas* de Lobo Antunes, uma vez

⁴¹ In *DICIONÁRIO DE NARRATOLOGIA*, Coimbra, Almedina, 7ª edição, 2002, p.89.

que são “que nela [crónica antuniana] observamos inscrições romanescas que a restante obra do autor confirma”⁴². Aliás, o diálogo entre romance e crónica ocorre em vários momentos do *Terceiro Livro de Crónicas*, quer quando o cronista refere o processo de escrita das suas obras, quer quando se dirige aos seus leitores de romances e lhes dá instruções.

Leiam-se os seguintes segmentos:

(1) Do ponto de vista **técnico** o que o Pedro me ofereceu é um **material** muito difícil, exigindo uma delicadeza de mão que ignoro se possuo, uma tal intensidade de emoções que tem de ser trabalhada por trás, em **finuras de relojoeiro**, uma densidade afectiva que requer uma escrita no mínimo hialina. Se calhar estou a maçar-vos com esta conversa, mas pensei que talvez não lhes desagradasse espreitar a **oficina**. Os **produtos** saem para as livrarias sem que os leitores conheçam onde e como são feitos, na confusão de uma **bancada de arames** de períodos, **parafusos** ao acaso de adjectivos pelo chão, capítulos inteiros no **balde dos desperdícios** e cá o rapaz a **sair de baixo do** romance como o **mecânico** de **sob um carro de motor aberto**, com os bolsos cheios de **chaves inglesas** de canetas, sujo do **óleo** dos períodos por ajustar e da **fuligem** de bielas das vivências insuficientemente limpas. (“O MECÂNICO”, negrito meu)

(2) No princípio de Março acabo o meu romance, começado em Junho de 2002. Devia estar contente: é melhor, sozinho, que tudo o que publiquei até agora, somado e multiplicado por dez. (...) pareceu-me composto

não composto, ditado por um anjo, por uma entidade misteriosa que me guiava a esferográfica. (“UM TERRÍVEL, DESESPERADO E FELIZ SILÊNCIO”)

(3) Julgo que não tenho feito outra coisa toda a vida, ou seja meter o nariz

(engraçada esta expressão, meter o nariz)

no que **deitam fora**, no que **abandonam**, no que não lhes interessa, e regressar daí com toda a espécie de **despojos**, **restos**, fragmentos, emoções truncadas, sombras **baças**, **inutilidades** minúsculas, eu às voltas com isso, **virando**, **revirando**, **guardando**

(um caco de gargalo entre duas pedras do passeio, por exemplo)

descobrimo brilhos, cintilações, serventias. Quase sempre os meus romances são feitos de materiais **assim**, palavras **assim**, sentimentos **assim**, que a cabeça e a mão trabalham e trabalham numa paciência de ourives. Se olho para dentro encontro um **armazém** anárquico de expressões **desbotadas**, caixinhas de substantivos, arames de verbos para ligar tudo, uma espécie de cesto de costura (...). (“A CONFISSÃO DO TRAPEIRO”, negrito meu)

(4) Aliás nunca os senti meus enquanto os escrevi: vêm não sei de onde, não sei como, e apenas tenho que lhes dar todo o meu tempo e esvaziar a cabeça de tudo o resto para que cresçam por intermédio da mão no fim do meu braço: o braço pertence-me mas a mão, ao transcrevê-los, pertence ao romance, ao ponto de o seu empenho e a sua precisão quase me assustarem. Talvez seja preferível não dizer que os escrevi: limitei-me a traduzi-los e a mão traduz melhor que eu. (...) Cada vez menos os romances que se publicam com o meu nome têm seja o que for de deliberadamente meu. Na minha ideia, e digo-o com convicção absoluta, limito-me a assistir. (“DA MORTE E OUTRAS NINHARIAS”)

(5) (uma página de boa prosa é aquela onde se ouve chover) (“O PRÓXIMO LIVRO”)

(6) (...) escrever é tentar vencer Deus a toda a largura do tabuleiro (“O PRÓXIMO LIVRO”)

⁴² “António Lobo Antunes: Uma casa de onde se vê o rio” in Cabral, Jorge, Zurbach (org.), *A ESCRITA E O MUNDO EM ANTÓNIO LOBO ANTUNES*, Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora, Dom Quixote, 2004, p.20.

(7) *Escrever*

(ou pintar, ou compor)

é ser vedor de água. Caminhar com a varinha, à procura, até que a vara se inclina e anuncia

- Aqui

e então a gente pára e cava. Existe tudo, lá no fundo, à espera.

(...)

Quero que o leitor esteja comigo. Que venha comigo. Que seja vedor de água também.
(“EXPLICAÇÃO AOS PAISANOS”)

(8) *A frase é exactamente esta*

- Não gostas de viver?

e continua a pascar-me. Depois percebo que não há nada mais chato para os outros do que um homem que não se chateia. As pessoas que se chateiam precisam, como elas dizem, de distrair-se, de viver: cinemas, jantares, viagens, fins-de-semana. E riem, são aquilo a que se chama boas companhias, conversam. Eu detesto distrair-me, ter de ser simpático, ouvir coisas que não me interessam. Não frequento lançamentos, festas, bares. Quase não dou entrevistas. Não falo. Não apareço. Não me vêem. Não promovo os meus livros. Não tenho tempo. É-me muito claro que trago os dias contados, e que os dias são demasiados poucos para o que tenho de escrever. Os outros garantem

- No fundo fazes o que gostas

E não é verdade também. Escrever é uma ocupação que muito raramente associo ao prazer. Não se trata disso. (...)

A mesma filha

- O pai nunca fala do que escreve

E ignoro se ela compreende que não é possível fazê-lo. Falar de quê, se trabalho no escuro e não vejo. E, se me fosse possível falar de um livro, não seria necessário escrevê-lo. Trabalho no escuro, tacteando, chegam sombras e vão-se, chegam frases e vão-se, chegam arquitecturas fragmentárias que confluem, se unem. (“EPÍSTOLA DE S. ANTÓNIO LOBO ANTUNES AOS LEITORÉUS”)

Os segmentos (1) ao (6) são tentativas de definição da arte de escrever e da função do escritor, metaforizando-as. Ao associar o ofício de escritor ao de mecânico (confrontem-se as expressões destacadas em (1)) ao de um lixeiro (confrontem-se as expressões destacadas em (3)) e ao de um tradutor (ver (4)), o cronista deixa para si a técnica, mas responsabiliza “uma entidade misteriosa” (ver (2)) pela sua composição.

Quanto aos excertos de “EXPLICAÇÃO AOS PAISANOS” e “EPÍSTOLA DE S. ANTÓNIO LOBO ANTUNES AOS LEITORÉUS”, os próprios títulos, que evocam outras obras (*Explicação dos Pássaros*, *Bíblia*, respectivamente), colocam desde logo o enunciador num estatuto de conhecedor de informação a transmitir para os desconhecedores paisanos/leitores. Assim, o cronista sente-se na necessidade de desconstruir ideias insistentes de outros: não se diverte porque não se chateia, não faz o que gosta porque escrever não é prazer, não fala sobre o que escreve porque senão não o escreveria. Acima de tudo, António Lobo Antunes avisa que o leitor das suas obras não

pode ter uma postura passiva, mas que terá de “caminhar com a varinha, à procura, até que a vara se inclina” (ver (7)).

O que ficou escrito até aqui converge para a tese de uma espécie de intertextualidade homo-autoral consciente, entendida por Pedro Manuel Mateus⁴³ do seguinte modo:

(...) continuidade verificada entre o romance e a crónica ou de espaços de contaminação e até de sobreposição, não só temática como também formal – a este nível, aliás, facilmente constatamos, ao ler as crónicas, a mesma polifonia e o mesmo entrecruzamento de vozes (o «eu» e o «ele» coabitam e misturam-se de forma anárquica numa aparente ausência de lógica narrativa e dialogal), a mesma explosão sintáctica e os mesmos flashes narrativos aparentemente caóticos, sustentados, no entanto, por uma estrutura fortemente elaborada e pensada.(pp.153,154)

De facto, o *Terceiro Livro de Crónicas* mantém temas (a infância, a guerra colonial, ...) e aspectos formais dos romances do mesmo autor. São estes aspectos formais que mais interessarão explorar neste trabalho⁴⁴, uma vez que a partir deles o dito caos da escrita antuniana será desvendado e decodificada uma vasta rede que sustenta tal desordem. Tomando como exemplo a polifonia, esta está patente desde os títulos (“NÃO HÁ PIOR CEGO QUE O QUE NÃO QUER VER-ME”, clara referência ao provérbio, aqui adulterado; “A NOSSA ALEGRE CASINHA”, evocando o título de uma canção do grupo *Xutos e Pontapés* que ficou célebre nacionalmente, embora usando o pronome possessivo no plural; “EPÍSTOLA DE S. ANTÓNIO LOBO ANTUNES AOS LEITOREÍUS”, tendo por base as leituras da *Bíblia*) até ao manuseamento particular das falas de outros:

(9) *Farejo por aqui e por ali sem achar nada, nem sequer a minha avó a dizer*
 - *Filho*
sobretudo nem sequer a minha avó a dizer
 - *Filho*
uma maneira de dizer
 - *Filho*
que mais ninguém dizia assim.
 - *Filho*
dizia ela, e tudo em paz a seguir. (“O OSSO”)

⁴³ “A infância na cronística de António Lobo Antunes”, in Cabral, Jorge, Zurbach (org.), *A ESCRITA E O MUNDO EM ANTÓNIO LOBO ANTUNES*, Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora, Dom Quixote, 2004, pp.153-169.

⁴⁴ A tratar com mais pormenor mais adiante nesta tese.

No que diz respeito à narração aparentemente desconexa ou incoerente, fica aqui um exemplo (a explorar noutro momento da tese) retirado de o *Terceiro Livro de Crónicas*, mas que poderia ter sido de um qualquer dos seus romances:

(10) *Estou a traçar uns riscos distraídos na toalha de papel do restaurante e de súbito oiço*
- *Faça-me um desenho, pai*
à medida que duas miúdas se inclinam para a mesa, e de súbito oiço (é domingo de Páscoa)
o meu avô convidando-me
- *Procura os ovos no jardim (“O CÉU ESTÁ NO FUNDO DO MAR”)*

Ora, se crónica e romance se interpenetram, facto é que António Lobo Antunes faz questão de distinguir o que é impulso de natureza subjectiva do que é escrever um romance.

(11) *Faço esta crónica sem saber onde as palavras me levam, tacteando paredes coma bengala da caneta: aqui e ali um degrau, uma esquina, um desnível que me estremece a frase. (“QUALQUER BOCADINHO ACRESCENTA, DISSE O RATO, E FEZ CHICHI NO MAR”)*

(12) *Esta prosa saiu-me descosida, coitada: é que ando à broca com um romance que se escapa por todos os lados, e eu sou o caso daquele rebanho de palavras, sempre a fugirem do papel e eu trazê-las outra vez: não se pode ladrar às palavras: tem de se lhes correr à volta. Vou em oito versões dos primeiros capítulos deste livro e são elas que me previnem*
- *Ainda não é isto, recomeça. (EPÍSTOLA DE S. ANTÓNIO LOBO ANTUNES AOS LEITORÉUS”)*

(13) *Guardo preciosamente a [mão] direita para os livros no receio que seja o que for que existe nela se gaste e acabe. Com estas crónicas varia: depende da disposição da mão e as da esquerda são bastante piores. Não vou dizer com qual delas estou a alinhar esta mas julgo ser fácil, para um leitor atento, adivinhar. (“DA MORTE E OUTRAS NINHARIAS”)*

Repare-se que uma crónica pode sair sem destino (ver (11)) e terminar “descosida” (ver (12)), mas os primeiros capítulos do romance são revistos vezes quase sem conta e a mão que os escreve é sagradamente guardada para não ser desgastada ou esgotada. Já no caso das crónicas, a mão que as escreve não é fixa, embora distinga as fracas das de qualidade. Curioso é também o jogo de adivinhação que o cronista apresenta ao leitor em (13), pois não revela com que mão está a escrever aquele texto. Em resumo, António Lobo Antunes sobrevaloriza o romance relativamente ao género da crónica, mais circunstancial, espontâneo e instintivo.

Ainda assim, não se pretende valorizar a crónica por estar intimamente associado a outros géneros mais considerados, mas também e essencialmente pela sua identidade particular e pelos atributos da escrita do autor em questão. Num breve estudo sobre as crónicas de António Lobo Antunes realizado por Carlos Reis, este considerou-as “lugar estratégico e discursivo de onde se vê o que outros não vêem e mesmo de onde

se interpelam mundos em que se prolonga e reelabora a ficção”⁴⁵ e destacou “o potencial de representação do mundo que é inerente à sua condição de género em contacto directo com o tempo presente e com a realidade que nele se observa”⁴⁶.

No terceiro volume de crónicas de Lobo Antunes, mantêm-se algumas características já assinaladas noutros volumes. O leitor atento distingue dois vértices – o de cariz autobiográfico e o de cariz ficcional:

*(...) por um lado, a tendência para a acentuada inscrição pessoal, de matriz autobiográfica e mesmo confessional, enunciando um registo de forte subjectividade na relação com os outros e com o mundo; é essa acentuação do eixo de incidência pessoal que justifica a frequente, quase obsessiva, tematização dos sentidos da infância, da aprendizagem, da família e das experiências geracionais e profissionais, num tempo histórico intensamente vivido. Por outro lado, a escrita de Lobo Antunes resolve-se nos termos de uma construção narrativa e ficcional que implica processos e categorias literárias capazes de construírem um universo de objectos, de eventos e de figuras que o narrador, numa acepção muito lata do termo, modeliza com relativo distanciamento.*⁴⁷

As crónicas mais próximas de temas autobiográficos são exercícios de memória, representando o que Joaquim Fonseca designa de “discurso de rememoração”⁴⁸. Efectivamente, as lembranças do cronista conduzem à evocação de vozes familiares, de acontecimentos passados, de espaços distanciados e caras conhecidas. Veja-se a crónica “O PASSADO É UM PAÍS ESTRANGEIRO”, retirada do romance preferido de Lobo Antunes, em que o passado é claramente uma fonte de escrita (15), ainda que o autor acredite de que nada nem ninguém são os mesmos (14), “hoje” não é uma cópia fiel do “outro”.

(14) *Caras que saltam do passado e vêm, gastas pelo tempo:*

-Lembras-te de mim?

Chegam da escola, do liceu, da faculdade, da tropa, de mais atrás ainda, dos lugares da infância: moravam perto dos meus pais, viam-me na rua, na paragem do autocarro, a sair da pastelaria, sei lá. Caras que os anos foram usando, lavrando e no entanto qualquer coisa, nos olhos, dos olhos de antigamente, um vestígio, no sorriso, do sorriso de outrora, o que sobra, de um gesto remoto, nos seus gesto de hoje. (“O PASSADO É UM PAÍS ESTRANGEIRO”)

(15) *E desse país estrangeiro que continua a existir paralelamente ao presente emerge de vez em quando um abraço, uma frase, uma palmada enternecida que me poisa no ombro numa levezazinha esperançosa (...). (“O PASSADO É UM PAÍS ESTRANGEIRO”)*

⁴⁵ “António Lobo Antunes: Uma casa de onde se vê o rio” in Cabral, Jorge, Zurbach (org.), *A ESCRITA E O MUNDO EM ANTÓNIO LOBO ANTUNES*, Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora, Dom Quixote, 2004, p.22.

⁴⁶ *Ibidem*, p.20.

⁴⁷ *Ibidem*, p.22

⁴⁸ “Análise linguística – textual-discursiva – de um segmento de *Memória de Elefante*, de Lobo Antunes” (no prelo), p.4.

Por sua vez, as crónicas ficcionadas chegam a ser facilmente assinaladas até pelo género do narrador – feminino. Em “NÃO HÁ PIOR CEGO QUE O QUE NÃO QUER VER-ME”, o narrador autodiegético que parece dialogar com um interlocutor, cuja voz não é reproduzida, é claramente uma mulher dirigindo-se ao seu marido. Ao longo do “monólogo”, apercebemo-nos do afastamento emocional do casal e da ruptura eminente: “Para tua informação não lhe achava graça nenhuma nem era o meu género de homem (...) e eu recebia-o por ti, aturava-o por ti, enervada com o sorriso dele (...)”.

Por último, os livros de crónicas antunianas caracterizam-se pela sua fragmentação: do livro, devido à sua “incoerência orgânica”⁴⁹, mas também do próprio cronista. A sua confissão surge em “DOIS E DOIS”, onde a confusão de identidades faz lembrar a de Fernando Pessoa (16).

(16) *Se me perguntarem o nome hesito: tenho sido tantos diferentes. Qual deles acorda a meio da noite? Qual escreve?*
(ou quais escrevem)
Quantos, do que sou, fazem amor? (...) Quantas cabeças pensam na minha cabeça? Há um António que quer viver, um António que não se importa, um António ainda que espreita a pistola (...). E no entanto esse, o da pistola, parece-me ao olhá-lo melhor, tão carregado de serenidade, de esperança. O que quer ele? O que espera ele? Por quem espera ele? (“DOIS E DOIS”)

Nesta apresentação do *Terceiro Livro de Crónicas* e da escrita deste género por Lobo Antunes, pretendi mostrar a crónica antuniana como um texto enriquecedor para a sala de aula nos pontos de convergência com o romance e nos pontos de especificidade de um “espaço fragmentado” e de “textos cuja dimensão e fôlego são consabidamente escassos”⁵⁰.

Analisar-se-á a partir daqui se as conclusões de Joaquim Fonseca no final da análise de *Memória de Elefante* se verificarão nas crónicas em estudo, com os devidos constrangimentos que a diferença de género implica:

- ♣ plasticidade e intensidade das formulações que preenchem o texto;
- ♣ avassalador desmultiplicar de associações carregadas em assimilações metafóricas e comparativas que surpreendem pelo inesperado da conjugação de domínios referenciais;
- ♣ profusão de ramificações temporais e jogos enunciativos;
- ♣ larga novidade do agenciamento narrativo;

⁴⁹ Reis, “António Lobo Antunes: Uma casa de onde se vê o rio”, p.32.

⁵⁰ *Ibidem*, p.29.

- discursivos;
- ✧ matizada conjugação de sub-géneros e de tonalidades e registos
 - ✧ múltiplo e expressivo trabalho de interdiscursividade.

SEGUNDA PARTE

ANÁLISE DO CORPUS

3.1. ANÁLISE DO CORPUS

A análise que será exposta nestas páginas não contemplará todas as sessenta e nove incluídas no *Terceiro Livro de Crónicas* a favor de um estudo pormenorizado das seleccionadas e não exaustivo.

Tendo em conta os primeiros capítulos desta tese e reiterando a proposta de conduzir o tratamento da *textualidade* para a sala de aula, dividirei as análises em COESÃO, COERÊNCIA e ADEQUAÇÃO, por mera organização. Certamente que o estudo de um texto que trate apenas um destes pilares não é completo, o que não é preocupante, pois tal tarefa não se revela importante para os objectivos em causa. Note-se que numa aula será também pouco produtivo analisar um só texto com uma visão aprofundada de todos os ângulos. Em vez disso, pormenorizar-se-á um ângulo, mencionando outros relevantes. Aliás, alguns textos serão analisados necessariamente sobre mais do que um aspecto.

ANÁLISE DO *CORPUS*

COESÃO

3.1.1. COESÃO

“ONDE A MULHER TEVE UM AMOR FELIZ É A SUA TERRA NATAL”

Nesta crónica, o tempo, o modo e o aspecto verbais edificam a estrutura coesiva do discurso. A primeira parte deste texto trata de relembrar memórias do norte de Angola, tema recorrente na obra antuniana. É interessante verificar as possibilidades sintáticas que o grupo verbal “Lembro-me” permite, ainda que seja sempre regido por um complemento oblíquo (sob a forma de grupo preposicional): “de ver uma jibóia e uma cabra mortas”, “de um rapaz de tripas ao léu”, “de centenas de mandris num morro”, “, no leste, de uma manadazita de elefantes trotando sob a avioneta”, “sobretudo dos cheiros e da permanente exaltação dos sentidos”, “[elipse do verbo] Da sombra da avioneta perseguindo os elefantes”, “[elipse do verbo] Da estranha, inexplicável, genuína alegria que acompanha a crueldade e a violência”. Assim, este grupo preposicional pode ser constituído por um grupo verbal, um grupo nominal e um grupo preposicional (ou ordem inversa), um grupo adverbial e um grupo nominal, um grupo nominal, um grupo nominal com modificador adjectival e modificador frásico restritivo do nome.

Depois destas experiências anteriores ao momento da enunciação, o enunciador confessa que “percebo mal o que me tornei”. Apresentam-se ainda duas acções passadas: “andei anos a treinar a mão para escrever sem mim” e “voltei anteontem da Serra da Estrela”. Distinguem-se estas acções sob o ponto de vista aspectual: a primeira acção é perfectiva mas durativa e a segunda é perfectiva mas pontual e rigorosamente identificada no tempo através de uma expressão dependente do contexto da enunciação “anteontem”.

Outras expressões deícticas temporais são “hoje”, que é localizada numa sexta-feira do fim de Agosto e o “agora”, ponto de referência da enunciação. Várias acções são localizadas neste período próximo da enunciação, ainda que umas se expandam mais para o lado esquerdo ou direito do eixo temporal: “tenho vivido até hoje num assombro perpétuo”, “estou a escrever um romance”, “escrevo às cegas”, “falo pouco, escuto pouco”, “oiço esta crónica”, “Quero uma paz imensa, agora.”, “Acho que estou quase no fim, vou despedir-me...”. As duas primeiras expressões pelo seu aspecto

expandem-se para a esquerda e as duas últimas para a direita, remetendo para um futuro próximo.

Note-se que a crónica termina com a rejeição de tudo que é anterior e com a formulação de um desejo a concretizar-se num futuro extremamente próximo do momento da enunciação.

“O CÉU ESTÁ NO FUNDO DO MAR”

Este texto está construído com duas narrações, dois tempos e dois locais. O narrador remete-nos inicialmente para o momento da enunciação (“Estou a traçar...”) que apresenta uma voz de criança que reconduz a narração para outro tempo, outros intervenientes e outro local (“é domingo de Páscoa”). Nesse ponto da narrativa, aparece ao leitor um referente que não havia sido introduzido antes, mas que nos é depois explicado e contextualizado – “os ovos”.

Mais adiante, o narrador recupera o presente – “e de súbito a minha idade deste ano, o que sou hoje, um restaurante de pescado em Setúbal”. Contudo, as acções do presente estão em constante diálogo com as do passado (“o que procurava ovos de Páscoa, há muitos anos, teria prevenido logo / -Este palhaço não é para si / o que sou hoje, e não procura ovo algum, finge não dar conta dos adeptos”) e até com outras do presente (“vem-me à ideia a Isabel em Londres, apetece-me chamá-la sem telefone, sem nada”).

As duas narrações, embora se distanciem temporalmente, estão ambas presentificadas, quer pelo uso da deixis ancorada na enunciação, quer pelo uso da deixis *am phantasma*. O primeiro caso é facilmente verificável pelo sistema de coordenadas enunciativas (eu – aqui – agora) ancoradas no momento da enunciação, o qual corresponde à narração que ocorre no restaurante – “Estou a traçar uns riscos distraídos na toalha de papel do restaurante”, “o que sou hoje”. Já a narração da acção que ocorre na infância do narrador durante a Páscoa é, por vezes, localizada anaforicamente, ou seja com referências independentes da situação de enunciação (“uma tarde vi um enterro de menino, de caixão aberto, e fiquei a tremer que tempos”), mas, noutras vezes, arrasta-se o sistema de coordenadas enunciativas que se prestam a nova ancoragem,

surgindo um marco de referência desfasado da situação actual⁵¹ (“o Marciano a exhibir-me um pardal morto”, “não acho os ovos no jardim”).

“DA VIDA DAS MARIONETAS”

A coesão deste texto baseia-se na interacção entre um “eu” feminino e um “tu” masculino, sendo que este último não tem voz nesta crónica: nem o cronista lhe dá a vez nem a enunciadora lhe permite a fala – “não me interrompas”. Sendo este discurso um diálogo (ainda que só conheçamos um dos interlocutores), abundam deícticos pessoais de primeira e segunda pessoas: “me disseste”, “eras”, “me”, “a ti”, “moravas”, “tua”, “tu”, “teu”, entre outros.

Para além do discurso em primeira pessoa da enunciadora, surgem falas de outras pessoas, nomeadamente do interlocutor masculino, que foram proferidas em momentos anteriores ao momento da enunciação, mas que são relatadas em discurso directo sem verbo introdutor do relato mas com travessão e num parágrafo destacado. Aliás, após cada fala reproduzida fielmente, a enunciadora faz um comentário:

- *Vou dizer-te a verdade
a seguir a um discurso patético
- Não te disse a verdade antes por medo de perder-te
e a treta de uma relação sem amor
- Não sinto nada por ela
mais irmãos que outra coisa, nunca se tocam, não têm relações...*
(“DA VIDA DAS MARIONETAS”, p.51)

Os comentários que seguem cada fala parecem não só apresentar um juízo avaliativo das palavras do homem (“patético”, “treta”), mas também resumir os discursos proferidos por ele.

A dada altura, surgem comentários da enunciadora entre parêntesis que parecem ser desvios do texto principal mais directamente dirigidos ao interlocutor: “(mexes tão bem com as palavras!)”, “(e eu falo-te com franqueza é a nossa diferença)”, “(não me interrompas)”, “(pedi-te que não me interrompesses não pedi?)”, “(afasta-te)”, “(por amor de Deus afasta-te)”.

⁵¹ Para aprofundar esta noção de Deixis indicial fictiva ver MARTINS, Ana Cristina, “Transposição e atemporalidade: *A Ordem Natural das Coisas*” in Cabral, Jorge, Zurbach (org.), *A ESCRITA E O MUNDO EM ANTÓNIO LOBO ANTUNES*, Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora, Dom Quixote, 2004, pp.75-92

De um ponto de vista geral, o discurso da enunciadora divide-se em fases com intencionalidades diversas: a questionação do porquê da situação em que se encontra, a contextualização para os leitores, retomando conversas anteriores, a crítica do homem e a ordenação para que se afaste, o pedido de não interrupção e, por fim, uma interpelação directa ao destinatário através de uma questão – “achas que devo ser infeliz por tua causa”.

“078902630RH+”

Neste texto, distinguem-se bem os dois planos narrativos identificados por Maria Alzira Seixo e Joaquim Fonseca no romance antuniano. A narração principal ou sintagmática consiste no relato ou no fluxo de pensamento do narrador de primeira pessoa e a narração secundária ou paradigmática trata de momentos de rememoração, de reflexão e de questionamento.

A narração principal usa o tempo presente, no qual o narrador interpela o narratário e envolve-o na construção da própria crónica:

E vocês têm de ouvir, porque eu continuo a ouvir.
(...)
Não sou capaz de reler isto.
(...)
Digo isto e parece que a caneta entra pelo papel dentro.
(...)
A literatura que se foda
(desculpem)
a escrita que se foda
redesculpem. Agora, prometo, vou lavar as mãos e torno a escrever
coisas como deve ser.
(...)
Completem esta crónica, vocês, os que cá ficam. 078902630RH+. Filha.

Veja-se que os comentários do narrador são referentes ao momento da enunciação, ainda que possam estar relacionados com as lembranças de acontecimentos passados. Por sua vez, a narração secundária resume-se às memórias da guerra colonial vivida pelo narrador/autor que avançam inevitavelmente – “isto regressa como um vómito”.

Esta crónica, tal como a “CRÓNICA QUE NÃO ME RALA UM CHAVO COMO FICOU”, pretende deixar uma marca no leitor assim como deixou no narrador, sem que haja a preocupação de fazer literatura.

“O RELÓGIO”

A coesão deste texto reflecte-se ao nível da referência e ao nível da progressão do tempo. Estes dois aspectos são desde logo despertados pelo título, cujo referente é retomado ao longo de toda a crónica por meio de repetições e elipses e muitas vezes associado ao referente de “bisavô”, o dono original do tesouro de família.

Embora este objecto remeta para os ascendentes do cronista, o discurso é ancorado no momento da enunciação: “Agora está aqui comigo, à minha frente, dando horas com mais de um século.” e “Hoje temos a mesma idade, senhor.”. O relógio é não só o elo de ligação entre o tempo do bisavô e o tempo presente mas também entre os dois familiares que não se conheceram – “Tanta coisa que não sei. Gostava de o ter conhecido, gostava de ter gostado de si. Chamo-me António como o seu genro, faço livros...”. Neste texto, às fotografias, às histórias e aos escritos que fazem perdurar a imagem das pessoas junta-se o relógio.

Assim, a crónica salienta, por um lado, as memórias estáticas e imortalizadas e, por outro lado, a brevidade da vida, uma vez que o bisneto já atingiu a idade da morte do bisavô (“cinquenta e cinco anos”) e o neto “que obrigaram a beijá-lo e conserva desse episódio uma impressão horrorizada é um homem velho agora, a quem a saúde está a acabar”. Repare-se até que a passagem do tempo que regula a vida se estrutura em contraponto com os ponteiros do relógio:

*O meu bisavô parou. Os ponteiros do relógio não pararam nunca.
Depois o meu avô parou. Os ponteiros do relógio não pararam nunca. Há-de
chegar o momento em que eu pare. Os ponteiros do relógio continuarão a mover-se.*

O relógio que está em frente ao cronista controla também o tempo da escrita ou do momento da enunciação: “Onze e seis neste momento.”, “Onze e dezoito da noite”, “O relógio onze e vinte e seis, intacto.”, “Onze e quarenta e quatro.”. A percepção do mover dos ponteiros cria uma angústia no próprio enunciador – “Anda uma espécie de

angústia nesta crónica, um aperto no coração do coração⁵². Por qual de nós?”. A questão colocada expressa uma agitação no espírito do enunciador que confunde a sua identidade com a do seu bisavô devido às coincidências permitidas pelo objecto de família. Observe-se os seguintes segmentos:

Onze e seis neste momento. De um dia meu? De um dia do meu bisavô? (...) dizem que me pareço fisicamente com ele. (...) Qual de nós escreve isto? (...) Cinquenta e cinco anos: praticamente a minha idade agora. (...) Olho o relógio que deve ter olhado muitas vezes. (...) Nenhum de nós se calhar existe mas existe o relógio. Onze e dezoito da noite e os meus dedos na ferradura, no cavalo. Onde param os dele? (...) A carta em que pedia desculpa por matar-se pingada do seu sangue, a caligrafia que se ia tornando incompreensível, rabiscos para o fim. Seus? Meus? Estou em Benfica onde você se suicidou. Outra Benfica. O que, da sua, me resta na memória, dói-me. Então vem-me à cabeça o sorriso da minha tia Bia e sorrio também. Por amor dela. E um pouco, por estranho que pareça, por amor de si. Onze e quarenta e quatro. Por amor de nós. Como o sangue que não ficou na carta segue nas minhas veias, de certeza que por amor de nós.

As interrogações retóricas procuram respostas para as inquietações e indefinições, que provocam tal desorientação só atenuada nos momentos em que as horas precisas se apresentam. Por fim, a última frase vem dar luz à partilha de identidade dos dois causada pela consanguinidade que permite o “nós”.

Em conclusão, a importância e o interesse do autor por este tema da dicotomia brevidade/eternidade é recorrente na sua escrita, senão lembremo-nos da crónica “DA MORTE E OUTRAS NINHARIAS” em que se faz clara alusão ao relógio aqui mencionado: “Tal como os relógios daqueles que se foram embora, continuam a pulsar sem eles, indiferentes, autónomos, deixarei os livros por aí, vivendo o tempo dos outros.”.

“VIRGINIA WOOLF, OS RELÓGIOS, CLAUDIO & BESSIE SMITH”

A escrita antuniana detém estratégias coesivas singulares que foram já apontadas noutras teses com base em *corpus* de romances de Lobo Antunes (Marina Rocha, 2008): tratam-se das estratégias de reformulação discursiva como as de entrosamento de enunciados vários num único discurso.

⁵² Note-se a evocação a uma crónica do mesmo autor mas pertencente ao *Livro de Crónicas* de 1998 com o título “O coração do coração”.

A polifonia regista-se neste texto como um diálogo entre o enunciado da crónica em produção e os comentários paralelos do escritor que a elabora. Várias podem ser os propósitos das interacções, ora **explicar** - “Acabava-se-lhe a corda / (dava-se corda com uma chave enorme)”-, ora **corrigir** - “No fim do liceu / (não, no fim da faculdade)”-, ora **exemplificar** - “porque herdou coisas do pai e da mãe, os números por exemplo / (II, III, IV, V)”.⁵³

Mais tarde, a escrita da crónica é interrompida por uma chamada telefónica do editor espanhol do autor que desorienta irremediavelmente o fio condutor do texto, exigindo ao cronista reformulações que tentam **responder** às confusões na linha de pensamento e **repetir** o início do texto para daí retomar o rasto da crónica inacabada:

*(Agora telefonou o Claudio, meu editor espanhol, por causa de uma viagem à Colômbia, e interrompeu-me a crónica que estava a ir que era uma beleza. Raios te partam, malvado, criminoso, assassino. Vamos lá a ver se consigo retomar a cadência. **Íamos onde?**)*

Íamos no relógio (...).

*(Se o Claudio não me tivesse cortado a inspiração com a sua voz de cantor de jazz negro, de óculos escuros, numa cave enfumurada, em que direcção teria ido a caneta? **Volta ao princípio**, desgraçado.)*

***Voltando ao princípio**, que remédio, gosto de Virginia Woolf, não tanto pelos livros mas porque ouvia os passarinhos cantarem em grego. O facto é que me roubaram o relógio de colete, no consultório, à época em que **acreditava** em psicoterapias e o utilizava, no braço da cadeira, para medir o tempo das sessões.*

*(Meu Deus, a quantidade de tolices em que eu **acreditei**.)*

(...)

*(Tenta outra vez, acaba de maldizer o Claudio: **gosto de Virginia Woolf**, etc)*

***Gosto de Virginia Woolf**, não tanto pelos livros mas porque ouvia os passarinhos cantarem em grego. Não dá. Perdi a embalagem. Acabou-se por culpa do Claudio.⁵⁴*

É visível a variação possível no movimento da reformulação, esta pode ocorrer de fora para dentro do parêntesis ou de dentro para fora dos mesmos, permitindo a retoma e a progressão do texto, simultaneamente.

“A MORTE DE UM SONHO NÃO É MENOS TRISTE QUE A MORTE”

Esta crónica é um exemplo diferente de estratégias polifónicas de reformulação do discurso, pois não encontramos a interacção entre enunciados diferentes com origem na mesma pessoa (o autor), mas entre a voz do enunciador e a de outros intervenientes.

⁵³ As barras que dividem segmentos do texto citado das crónicas de Lobo Antunes pretendem assinalar a mudança de linha ainda que no meio de uma frase, tal como é comum na sua escrita.

⁵⁴ Negrito meu.

A voz da mãe do enunciador parece comandar este texto e impor-se de tal forma que chega a ser integrada no discurso do próprio. Logo no início, o enunciador é interrompido pela voz que contrasta com o seu primeiro enunciado (“Aqui onde trabalho”), obrigando-o a repeti-lo e a reformulá-lo (“... ,quer dizer lá fora, junto ao portão do sítio onde trabalho,...”), começando a descrição disfórica do espaço onde trabalha, abrindo caminho para as críticas da mãe.

Esta imposição implica a falsa cedência do cronista à opinião da mãe (“tinha razão minha mãe, desde quando é que escrever é trabalho, não é trabalho, qual trabalho”), culminando com enunciados altamente irónicos: “qual trabalho, uma reinação, uma coisa de garotos, escrever qualquer pessoa, escreve, mãe, onde está a dificuldade” e “[estou] nas tintas / (imagine-se a vergonha) / para uma carreira de gente.”.

A oposição de ideias é claramente expressa a partir do uso de estruturas paralelísticas que representam mundos diferentes: o mundo do escritor e o de “um ofício de gente”. Ao apresentar os dois mundos é a voz da mãe que os divide, humilhando e diminuindo o ofício do escritor, que ironicamente consente:

(...) eu competente, decidido, vigoroso, eu tacos de golfe, eu barco, eu relógio com pulseira de ouro, eu de chofer que limpe o cocó dos pombos por mim, eu de amante produtora de moda, eu de magazine de negócios na cama, desde quando é que escrever é trabalho, realmente, blocozinhos que não valem um chavo, esferográficas de deitar fora, jeans,(...)

Mas a humilhação mais pungente é o desabafo na voz da mãe, que é introduzido por infinitivos antecédidos de preposição e adjectivos em vez dos tradicionais verbos introdutores do relato do discurso: “a minha mãe a suspirar, desgostosa / - Artistas / a resignar-se / - Pelo menos não bebe, vá lá / artistas, ou seja, criaturas inúteis...”. Note-se o rebaixamento que sofre o enunciador com a última fala transcrita da mãe, fruto do uso das expressões “pelo menos” e “vá lá”.

Em resumo, é a voz da mãe, presente na memória do enunciador, que facilita a progressão do texto tanto ao reafirmá-la com a integração no discurso do enunciador como ao combatê-la através da ironia.

“ÚLTIMO DOMINGO DE OUTUBRO”

Após a descrição de um espaço que não mudou, o enunciador declara que “Não estou aqui, continuo no Hotel Wedina a escrever.”. Esta frase estabelece que o local da enunciação é diferente do hotel de Hamburgo, que foi recordado pelas semelhanças com o domingo em Lisboa – “a Alemanha vazia como o domingo de hoje vazio”. Tal leitura é, mais tarde, confirmada pelo uso do deíctico “aqui” associado a “Lisboa” e pela indicação de que Hamburgo faz parte da lembrança “no interior da minha cabeça”.

Se Lisboa é caracterizada pelos prédios, uma casa amarela, ausência de pessoas e algumas ervas e oliveiras sem vento, Hamburgo é caracterizado pelos aceres velhos, quase prateados que com o vento parecem dizer “Pois sim”. Aliás, esta voz surge, da primeira vez, introduzida por um verbo introdutor de relato, mas, da segunda vez, é integrada discursivamente (como o discurso relatado indirectamente, mas ainda separado graficamente): “Nenhum vento toca as oliveiras, nenhum / – Pois sim / apenas o silêncio do apartamento ao sol.”.

É de destacar, neste e noutros segmentos, o corte gráfico da frase que é uma característica particular da escrita antuniana. Note-se que o corte é apenas visual e não interrompe ou anula a intencionalidade do enunciado, antes reforça-a pela expressividade que lhe acrescenta e pela ênfase que permite. Outro exemplo deste corte gráfico que acentua a intencionalidade do enunciado é o seguinte:

Se cada palavra um prego, eu tac tac tac no papel e as palavras bem agarradas á folha de modo a que nenhum leitor as lograsse arrancar. Eu

tac

e uma frase, eu

tac

e nova frase, tudo perfeito, alinhadinho, sem necessidade de emendas, definitivo.

O ritmo da onomatopeia sai fortalecido com esta disposição visual das palavras, acompanhando o sentido da metáfora do exercício de martelar e pregar identificado com o de escrever – “Martela o teu romance, António.”, “Agarro no martelo e prego a felicidade / (tac tac) / a mim.”.

“COR LOCAL”

Esta crónica avança, em parte, devido às retomas ou reformulações feitas a partir de falas em discurso directo, que são assimiladas pela voz do narrador para que as comente de seguida, questionando ou contextualizando.

- *A gaja que nem sonhe
e o resto na língua estrangeira de novo. A gaja que nem sonhe o quê? Quem seria a gaja que sonhava e quais os sonhos que lhe proibiam? O amigo acrescentou, respondendo a um dos outros*

- *Só se eu fosse parvo
e para mostrar bem que não era parvo afinçou uma palmada na toalha que desarrumou o cozido.*

(...)

- *A gaja que nem sonhe
se calhar juntava-lhe, para dentro*

- *Só se eu fosse parvo*

As duas únicas falas ouvidas pelo enunciador parecem dominar o texto, representando enunciados emitidos no contexto de uma conversa oral entre amigos, logo com um registo informal e termos populares.

Neste texto, as retomas em eco⁵⁵, por meio da reformulação, constituem o processo-chave da construção textual e narrativa, tal como acontece em romances do mesmo autor (cf. *Que farei quando tudo arde?*).

⁵⁵ FIGUEIREDO, O. M., “Cadeias de referência do discurso. A designação no romance *Que farei quando tudo arde?*”, in *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas*, Universidade do Porto, 2003, pp.551-568.

ANÁLISE DO *CORPUS*

COERÊNCIA

3.1.2. COERÊNCIA

O conceito de coerência, sempre associado ao de coesão, é essencial para a análise da informação de um texto: da sua quantidade, qualidade e organização. Sabendo que um texto contém elementos que retomam informação anterior, garantindo a unidade temática, e elementos com informação nova, assegurando a progressão temática, é ainda importante verificar se o tópico está à superfície do discurso ou necessita de uma activação discursiva, estando acessível ao interlocutor por meio da informação implícita, que se pressupõe ser partilhada pelos intervenientes.

“TANGO DO EMIGRANTE”

A crónica com o título acima apresenta um narrador autodiegético, emigrante, que expressa as suas incertezas desde os primeiros parágrafos, repletos de questões directas, reformuladas indirectamente a meio do texto. Nesse momento, também as dúvidas se diminuem (“deves haver tu”) e chegam a transforma-se em certezas absolutas (“há tu de certeza”).

Estas interrogações organizam-se, assim como todo o texto, à volta de dois tópicos (ou temas) centrais: a “casa” e o “tu”. Para o emigrante, mais que voltar para o seu país, o retorno significa regressar a casa e à mulher amada. O referente da “casa” é associado abundantemente aos seus merónimos, de forma a acrescentar informação sobre ela e o que lá existe e causa saudades ao enunciador, enquanto que o referente do “tu” é mais frequentemente substituído por pronomes e formas verbais.

Para além deste dois temas, surgem outros menos recorrentes como “a torneira”. No caso da “torneira”, a associação com “os pingos” surge da pressuposição que uma “torneira que não vedava bem” libertaria pingos de água, os quais, sendo caracterizados como “monótonos, certos, imensos”, fariam um som estrondoso ao cair na pia (o que requer conhecimento do mundo).

Por último, as expressões de tempo ocupam também um lugar pertinente tanto na coerência como na coesão desta crónica, os “cinco ou seis meses na Alemanha”, vão se estendendo - “(ou nove ou onze)” – até atingir “dois anos”, ou mais precisamente “(vinte e nove meses)”. Mas, depois de aventuras pela Alemanha com Ulli, o emigrante regressa “quarta-feira” para a “casa” e para o “tu”.

CONTINUIDADE (tema)		PROGRESSÃO (rema)
Elementos retomados	Palavras/expressões que retomam o tópico	Informação nova
		Quando chegará a altura de voltar para <u>casa</u> , de voltar para <u>ti</u> ?
Casa	... <u>casa</u> ?	Ainda haverá...?
Ti	... <u>tu</u> ?	Ainda haverá...?
Casa	<u>A casa</u>	no fim da vila... o preto de barro... o palhacinho... a colcha... a torneira que não vedava bem o vaso ...
a torneira que não vedava bem	De dia não se dava por <u>isso</u>	era ao deitarmo-nos que aqueles pingos, monótonos, certos, imensos...
Pingos	... <u>os pingos</u> ? ... dos <u>pingos</u> ?	ainda haverá... O estrondo...
ti	e a <u>tua</u> <u>tu</u> <u>podíamos</u> <u>tu</u> <u>dizer-te</u> <u>mereces</u> telefonei- <u>te</u> e <u>pareceste-me</u>	cara igual à da boneca... a detestares-me também? aumentar, comprar, prolongar, substituir... mais forte, ... as palavras sem dizerem o que queria... ouvir estranha, indiferente
quando chegará a altura de voltar para casa, de voltar para ti ainda haverá casa ainda haverás tu	<u>pergunto-me quando chegará a altura de voltar para casa, de voltar para ti, pergunto-me se ainda haverá casa, ainda haverás tu</u>	deves haver tu há tu de certeza mesmo que agora não te dê [jeito falar o preto... os teus pais... a torneira...
a torneira	... <u>a torneira</u>	esqueci ... que se dane ... já lá vão dois anos
Ti	<u>tu</u>	com o crochet na sala e não mudaste nada a única diferença é que não [usas aliança me prevines... pensas que ...
Casa	... <u>sofá de palhinha</u> ... <u>dos pingos, de uma colcha de folhos, da boneca</u>	e eu no... com saudades... hei-de comprar uma boneca aqui...
Ti	telefonei- <u>te</u> <u>estejas</u> <u>te dê jeito falar</u>	porque nunca se sabe... sozinha...

Quadro1: Esquematização da progressão temática da crónica “O TANGO DO EMIGRANTE”.

“CHEGA A UMA ALTURA”

O tópico deste texto é facilmente identificado a partir do Quadro 2 e do próprio título. Contudo, há uma palavra-chave também retomada por diversas vezes – a morte. A presença da morte nas nossas vidas aparece personificada e metaforizada de modos diferentes acompanhando o percurso do tempo. Quando começa a aproximar-se, esta é ainda uma relação afastada, que se vai tornando numa situação do dia-a-dia (“o sorriso com que se responde às perguntas, os estranhos”), chegando a velhice (“estas rugas, este pescoço, pequeninas lembranças de repente importantíssimas”) e a indiferença dos outros (“em que nem uma pergunta fazemos, nenhuma voz responderia se a fizéssemos”), passando-se então para um tempo em que ninguém nos reconhece por já não termos identidade (“e chamar-me António Lobo Antunes não tem sentido, quem é esse, quem foi esse”). De seguida, o enunciador define as próximas fases pela negação das anteriores: “em que a morte não é uma pessoa de família”, “em que não somos a cara”, “em que não há altura”. Por fim, o mundo existe, o sol nasce, mas “sem mim”.

CONTINUIDADE (tema)		PROGRESSÃO (rema)
Elementos retomados	Palavras/expressões que retomam o tópico	Informação nova
		Chega uma altura
Chega uma altura	E <u>chega uma altura</u>	em que se começa a conviver com a <u>morte</u> como se fosse uma amizade antiga... em que a <u>morte</u> é uma pessoa de família, uma parente não muito próxima... em que a <u>morte</u> principia a conviver com a gente, se torna diária, íntima,... em que a <u>morte</u> é a água num ralo, um estalo de cómoda, um adeus atrás dos vidros, lá em cima, na janela, uma espécie de novembro a entristecer as tardes, o sorriso com que se responde às perguntas, os estranhos, na pastelaria, tão distantes, uma rapariga que nos atravessa com o olhar, a velhice que chegou de repente... em que a campainha da rua (...) e ninguém no intercomunicador... em que a <u>morte</u> é isto sob as pálpebras, estas rugas, este pescoço, pequeninas lembranças de repente importantíssimas... em que nem uma pergunta fazemos, nenhuma voz responderia se a fizéssemos em que me chamo António Lobo Antunes e chamar-me António Lobo Antunes não tem sentido, quem é esse, quem foi esse, escrevia não era, o que escrevia ele, cresceu numa casa com uma acácia, desapareceu um dia, não voltou, deve andar em qualquer sítio, não interessa em que não chega nada, o corpo dele apenas, o que foi o corpo dele... , minhas senhoras e meus senhores, em que a morte não é uma pessoa de família, a tal parente não muito próxima que se convida quando há um lugar a mais na mesa em que somos nós a tal parente na ponta da toalha, nós que nos vamos embora antes dos outros (...) nós na última fila dos retratos de grupo, apagados pelo tempo, com demasiada sombra na cara em que não somos a cara, somos a sombra na cara em que se acabou a cara, se acabou a sombra em que a casa vazia, um livro deixado a meio, a caneta sobre a mesa, inútil em que o telefone a insistir, desesperado... em que não há altura... em que este sol sem mim...

Quadro 2: Esquematização da progressão temática da crónica “CHEGA A UMA ALTURA”.

“UMA CURVA DE RIO A SORRIR PARA OS POMBOS”

Para a leitura desta crónica, o leitor terá de ser competente ao nível da manipulação dos processos interpretativos inferenciais, os quais consistem em mecanismos linguísticos que levam o interlocutor a deduzir de forma consciente ou inconsciente, uma proposição a partir de outra. Na verdade, este texto exige um leitor atento às ligações semânticas que ocorrem entre diversas redes. Vejam-se alguns exemplos mais prementes.

O verbo “ver”, nas formas “vejo”, “ver”, “vê-los”, domina a primeira parte do texto, na qual a enunciadora nos apresenta a sua visão da janela do rés-do-chão onde mora. Daí avista os pombos que planam em toda a crónica, de tal forma que se chega a questionar “se são pombos que vejo ou outra coisa além dos pombos”. Para decifrar a noção de “outra coisa”, o cronista joga com a pontuação atípica que caracteriza a sua escrita, pois a interrogativa indirecta permite, após uma vírgula, uma enumeração (“o meu marido, o meu filho, o meu pai”) que pode ser entendida como uma explicação do sentido metafórico da visão dos pombos, mas que finaliza com modificadores (“no passeio da leitaria, com os sócios do totoloto, a discutirem o lugar das cruzinhas”) que reconduzem o leitor à leitura de uma enumeração do que a enunciadora vê fisicamente pela janela. A segunda vez que aparece tal interrogação, ela é seguida por dois pontos que introduzem uma explicação para o que se vê além dos pombos – a vida da enunciadora –, facilitando mais uma vez a leitura metafórica acima mencionada mas descartada pelo escritor.

Depois de uma descrição exterior, a menção à vida da enunciadora transporta o leitor para o interior da casa, aliás para o quarto da enunciadora. Desse espaço destacam-se alguns elementos pela atenção que merecem por parte da enunciadora: a fotografia do casamento e a cama com esferas de cerâmica. Através da descrição insistente destes elementos, entendemos a monotonia da própria vida da enunciadora, que se resume à janela e ao quarto onde roda as esferas de cerâmica como entretenimento. Note-se a presença do presente do indicativo e de lexemas associados à ideia de hábito e rotina sem novidades: “desde sempre”, “desde há séculos”, “aos domingos”, “costumo”, “nada de importante”, “nada”, “permanecem”, “permaneces”.

Quanto às esferas de cerâmica, surge o seguinte enunciado: “Se me apetece gritar rodo uma esfera”. Ora, o interlocutor/leitor recebe-o sabendo que o enunciador

quer comunicar apesar da quebra de máximas conversacionais (neste caso, a da relevância), assim desenvolve um cálculo inferencial em contexto – implicatura. A situação apresentada na oração subordinada adverbial condicional foi já enquadrada com os silêncios que a enunciadora coleciona por não ser pessoa de gritos, mostrando-se inquieta quando a noiva da fotografia parece abrir a boca. Já o acto de rodar as esferas, girando as paisagens pintadas, acompanha as noites desta mulher que se cala e deixa que o rio e o açude gritem por ela.

Relativamente à fotografia do casamento, esta projecta uma imagem perene e imperturbável: “e a noiva há-de fechar a boca na moldura. Lá está ela a sorrir.”. O perigo da noiva gritar parece desvanecer-se e ambas as mulheres “sem ruído nenhum” viram-se para os pombos:

*Eu, de costas para vocês todos, tão calma **a sorrir para os pombos. A sorrir para os pombos.** Palavra de honra que **a sorrir para os pombos.** Muda, de lábios cerrados, **a sorrir para os pombos.** (“UMA CURVA DE RIO A SORRIR PARA OS POMBOS”, p.123, negrito meu)*

Repare-se que os lábios cerrados dão apenas lugar ao sorriso para os pombos que vivem do outro lado da janela, símbolo da liberdade, e as costas se viram para o marido, o filho, o pai, as quatro paredes que a cercam e a emolduram como a fotografia do casamento.

ANÁLISE DO *CORPUS*

ADEQUAÇÃO

3.1.3. ADEQUAÇÃO

Tendo em conta o *corpus* visado, o Programa de Português do Ensino Secundário e a TLEBS, serão trabalhos com o manuseamento das formas de tratamento (especialmente, a forma do “você”) e o uso dos actos ilocutórios conforme as intencionalidades comunicativas.

“VOCÊ”

Este texto apresenta uma comunicação verbal por meio escrito, entre um locutor (filho) e um alocutário (pai), que se encontram num dado contexto situacional (“(...) dou por mim agora a olhar a sua cara devastada, (...). Você abre os olhos (...) alcança-me para li sentado, no quarto que foi o meu e de onde agora você quase não sai (...)”) e detêm um saber compartilhado (“(...) quando eu estava em coma com a meningite, você me fez uma punção lombar e andou a procurar os micróbios no microscópio.”).

Sabendo que se trata de um contexto familiar tipicamente próximo, as formas de tratamento mais comuns não incluiriam “você”. Contudo, o contexto socio-económico desta família e a atitude cultural e educacional de respeito para com os mais velhos explicarão o uso desta forma que obriga à terceira pessoa do singular. Porém, o pai trata o filho por “tu” (“- Tens escrito?”). Note-se, por outro lado, que a opção do enunciador também pode ser compreendida através da distância que parece ser criada ao longo da crónica entre filho e pai. Os “séculos de silêncio” geram “dúvidas, esperanças, perguntas, a curiosidade” que talvez não se coadunem com um registo mais informal do que o que foi conseguido.

Apesar de nunca terem falado muito, o “eu” partilha algumas afinidades com o “você”, pois na primeira linha do texto eles formam um “nós” – “Nunca falámos muito” – e, linhas depois, “Sobramos nós dois no que foi o meu quarto”.

É ainda interessante o momento em que o enunciador reflecte sobre a estranheza das crianças quando ouvem o próprio pai a usar a mesma forma de tratamento dirigindo-se a outra pessoa: “(...) espanto-me como em criança me espantava que o meu pai tratasse outra pessoa por pai. Pai era você. O meu avô era avô.”. De facto este comentário diz muito sobre a aprendizagem cultural e social que as crianças desenvolvem ao longo da infância, relevante para a aprendizagem pragmática.

“UMA LARANJA NA MÃO”

A mão apresentada no título é a base de todo o texto: o movimento e o uso das mãos reflectem o estado psicológico das personagens que progride num crescendo de alarmismo por parte do homem e na ingenuidade e infantilidade de uma mulher “com uma laranja na mão”.

No primeiro parágrafo, as mãos são a origem de um ritmo alucinante de acções instruídas (“Quer dizer, (...)”) e quebradas pelo conector “Depois”, cuja repetitividade acrescenta a ansiedade e a angústia dos intervenientes. Esse estado de espírito é expresso verbalmente por um acto ilocutório indirecto (“- Passa-se alguma coisa contigo?”), em que o locutor tenta conduzir o alocutário a revelar uma explicação para a causa da inquietação. Após este enunciado, as mãos voltam a ter um papel preponderante para a descrição psicológica do homem: “e depois as mãos que me largam, hesitam no maço de cigarros, desistem do maço de cigarros, voltam a pegar-me”. Mas também a reacção às mãos do homem nos instrui sobre a mulher: “Quer dizer, não uma das mãos aqui e a outra mais abaixo, as duas na minha cintura (...)”.

Segue-se então um novo acto ilocutório directivo, que pretende direccionar a atenção da mulher para o homem sob a forma de um vocativo “- Luísa”. Com um crescendo no tom da voz a primeira pergunta é retomada indirectamente e acrescenta-se uma “tag-question”: “-Perguntei o que se passa contigo não ouviste?”. Embora a informação requerida seja a mesma, tais transformações na pergunta expressam a determinação do locutor em requerer a resposta. Sem reacção do alocutário, o locutor apercebe-se de que o seu interlocutor não quer colaborar no sucesso da comunicação e os seus enunciados tornam-se mais zangados e assustados: “- Luísa”.

Após outra sequência de actos ilocutórios indirectos com a configuração de perguntas que não obtêm respostas, o locutor avança para uma ameaça (“- Oxalá não te arrependas Luísa”), que é retomada na forma de um acto ilocutório assertivo (“- Vais arrepender-te Luísa”), transmitindo maior certeza na acção.

“NINGUÉM É MAIS POBRE QUE OS MORTOS”

O narrador autodiegético dirige-se a um amigo à beira da morte e o discurso que profere parece ser a tradução do vaivém da sua mente, enquanto tenta assimilar a situação em que se encontra.

Desde a primeira frase que o enunciador reconhece, por meio de actos ilocutórios assertivos, que é certo que a morte chegará para este amigo, embora não saiba o momento exacto. A insistência com que esse enunciado surge no texto alerta o leitor: “você vai morrer”. Aliás, o próprio narrador apercebe-se da obsessão que detém e inicia uma sequência de actos ilocutórios directivos, exigindo que o amigo o liberte de pensar nele “o tempo inteiro”: “deixe-me em paz, não me aborreça”, “desista”.

A análise do narrador culpabiliza o moribundo pela sua incapacidade de renunciar à vida e deixar-se morrer, pois “você vai morrer, está a morrer, você está a morrer e eu aqui”. Repare-se no uso do valor aspectual progressivo “estar a” para expressar a iminência do momento da morte e a necessidade de separar as duas situações, de morte e de vida, e as duas pessoas, a moribunda e a viva. Assim sendo, o que partirá deve libertar-se da vida e do futuro: “não se iluda”, “não me mace com os seus planos”, “acabe com as fantasias”.

Entretanto o enunciador confirma o que o leitor já há muito notou: “escrevi demais sobre a sua morte sem importância alguma, sobre a sua pessoa sem importância alguma, sobre os seus trinta e quatro anos sem importância alguma”. De facto, a repetição não só do tema da morte mas também agora o da pouca importância desta pessoa e do seu desaparecimento da vida do narrador conduz o leitor mais atento a uma leitura contrária, uma vez que o exagero tem de ser interpretado como uma perda da autenticidade. Neste caso, o culpado pela obsessão deste tema não é moribundo, mas é o enunciador que não quer crer na partida do amigo e vive torturado com tal ideia, revoltando-se com o alvo errado: “Por quem se toma você?”.

Por fim, termina com novas exigências (actos ilocutórios directivos) que revelam os verdadeiros desejos do narrador: “garanta-me que nada disto é verdade, garanta-me que não vai morrer, Tó, não vai morrer”, “faça-me um jeitinho, não morra”.

Ao ler esta crónica, lembramo-nos do título da obra de José Luís Peixoto, “Morreste-me”, uma possível tradução do sentimento do narrador.

ANÁLISE DO *CORPUS*

TIPOS DE TEXTO

3.1.4. TIPOS DE TEXTO

Após uma análise segundo os três pontos de vista utilizados acima, será oportuno verificar que em qualquer dos textos a intencionalidade do enunciador é reflectida nos usos da coesão, coerência e adequação. Ora, cada texto veicula uma intencionalidade específica através de uma dada organização formal, a qual reflecte o modo de construção da continuidade de sentido ao nível das macroestruturas textuais e microestruturas.

Assim, faz parte da capacidade produtora e interpretativa de um discurso o conhecimento das tipologias textuais e respectivas marcas linguísticas que estão em conformidade com uma determinada intenção informativa, comunicativa e poético-representativa, sabendo que um discurso singular actualiza uma família de textos: os textos conversacionais, os textos narrativos, os textos descritivos, os textos expositivos, os textos argumentativos, os textos instrucionais ou directivos, os textos preditivos.

“ELES, NO JARDIM”

Este texto inicia-se com catáforas cujos referentes se reconhecem ao longo das primeiras linhas: “eles” são as pessoas que começam a desaparecer da fotografia, o “jardim” é o cenário do mesmo retrato, que não nos é apresentado mas desde logo integrado na intimidade de narrador/leitor – “Dessa fotografia...”.

Assim, a fotografia é o “motor de arranque” desta crónica, a partir da qual se enumeram pessoas, características físicas, expressões e até se adivinham traços psicológicos. Na verdade, como a fotografia está muito degradada, as próprias características físicas, os objectos e o cenário são já descritos com algumas incertezas: “o que se me afigura”, “o que me dá a ideia”, “parece”, “percebem-se”, “ou assim”, “com qualquer coisa”, “talvez”, “Uma copa. Não, um alpendre. Ou nem copa nem alpendre, uma nódoa de iodo.”, “deve ser/ter”, “É capaz de (...) Ou (...) Mas pode bem tratar-se (...)”.

Na verdade, com muitas ou poucas certezas, o enunciador actualiza referentes por meio de qualificações e predicções, logo estamos perante sequências com uma configuração tipológica descritiva: a qualificação acontece por meio de adjectivos e

complementos de nome, a predicação usa verbos de estado (ser, estar, parecer...), os tempos verbais são os do presente do indicativo, expressando estado permanente.

Contudo, nem sempre a descrição da fotografia é a intencionalidade principal do enunciador. Em dois momentos, as acções em volta das pessoas fotografadas ou de quem as fotografou leva a devaneios narrativos: em primeiro lugar, de “Quando a conheci era a única sobrevivente do retrato e não lhe faltava mão nenhuma.” até “As moedas vinham em rolos de papel”, e depois, de “Um homem qualquer trouxe uma máquina de tripé para o canto do jardim, sumiu a cabeça num pano preto, carregou num botão.” até “A seguir juntou as hastes do tripé, arrumou as lentes numa caixa, foi-se embora.”. Nestes segmentos, abundam os verbos de acção, os tempos do passado do modo indicativo e os organizadores e conectores temporais.

Em conclusão, esta crónica alterna sequências descritivas e narrativas, sem que uma prevaleça, pois uma sequência tipológica apoia-se na outra para fazer progredir o texto.

“E PRONTO”

Se considerarmos qualquer discurso em que o enunciador pretenda alterar o comportamento dos interlocutores por meio de sugestões ou instruções como configuração do tipo instrucional, facilmente detectaremos traços linguísticos básicos da instrução nesta crónica.

Este texto apresenta sequências de actos ilocutórios directivos, expressos por enunciados com verbos de movimento que incitam à acção mas também, como é típico da escrita antuniana, enunciados sem o verbo explícito: “Agora não.”. O imperativo é o modo verbal que acompanha todo o discurso do narrador autodiegético que se dirige à personagem em movimento usando um registo informal, logo mantendo uma relação de alguma intimidade e proximidade: “aguenta-te”, “finge”, “sorri”, “puxa”, “continua”, “toca”, “contorna”, “entrega”, “recebe”, “agradece”, “não soltes”, “pisca”, “cumprimenta-o”, “procura”, “tranca”, “inclina”, “acomoda-te”, “experimenta”, “guarda”, “fecha”, “descansa”.

Contudo, as instruções dadas pelo narrador à mulher que acabara de abandonar/rejeitar são uma estratégia com o objectivo de conduzir o leitor pelo caminho que é percorrido pela personagem, sem desviar a atenção de cima dela e levá-lo até à

informação final “vais ver que daqui a nada já não te lembras que acabámos, daqui a nada já nem te lembras de mim”. Afinal, o objectivo do enunciador era relatar a sequência de acções da personagem ao longo de um período de tempo fixo – protótipo narrativo.

“DE COMO MORRI ÀS TUAS MÃOS”

Esta crónica relata-nos um diálogo entre um casal, embora só tenhamos acesso directo às falas do elemento masculino e conheçamos algum do conteúdo das falas, atitudes e actos do elemento feminino através das reacções que provocam no homem. Assim, no início da conversa, o homem parece controlar o destino da mesma, mantendo um discurso bem definido, fundamentado e organizado.

A tese que anuncia consiste em desculpabilizar ambos pelo que terá acontecido (percebemos mais tarde de que se trata de um possível adultério ou o fim de uma relação amorosa com o início de outra por parte do homem): “Digamos que não foi culpa de ninguém: os problemas acontecem independentes de nós e é tudo, (...)”.

Para fortalecer o seu juízo e evitar que a parceira não adira ao mesmo, discorre um rol de argumentos com um ritmo desenfreado, sem dar tempo para contra-ataques: “Se me deres um bocadinho de sossego e uns minutos de paz garanto-te que já me vou embora.”, “Evaporo-me.”, “Podes estar sossegada que não te faço esperas, não te espio, não interfiro na tua vida”. Aproveita ainda para fazer exigências: “Só não gostava de te ver na janela e, já agora, se fosse possível (...) não gostava de ver um homem na janela contigo (...)”. Tenta abafar estas imposições com alguns elogios para o interlocutor, rebaixando-se: “E eu vou fazer asneiras para outro lado, arranjar uma vítima imprevidente por aí, continuar com a minha carreira de monstro, de vampiro.”.

Ao deixar em aberto uma possibilidade de resposta “Não é?”, o leitor percebe que a mulher terá replicado, pois o homem contraria as suas afirmações: “Não te desculpes, não me desculpes, não ínsitas...”, “O quê? Que estou a procurar desculpas para te deixar? Que imaginação mais tortuosa a tua, que asneira.”. Assim, vê-se obrigado a reforçar a sua tese de que “os problemas acontecem independentes de nós e é tudo”. Seguem-se informações sobre o “azar” do “jipe”, do “braço” e do “sorriso” de outra mulher ter sido encontrado e estar, naquele momento, à espera “lá abaixo”.

A partir deste momento, a parte mais fragilizada e mais fraca da argumentação surge com uma novidade: “E por favor deixa a faca de cortar o pão em sossego.”. Há uma grande reviravolta na tese inicial que passa a ser posta em causa pelo próprio homem (“Talvez eu nem conheça as pulseiras do jipe. Não conheço. Juro-te que não conheço.”) e que termina sendo refutada (“Pensando melhor aceito o beijo, pensando melhor fico desde que poises a faca.”, “Começando pelo princípio, que é como se devem começar as coisas, sempre gostei de ti.”).

Pelo que ficou registado, este texto apresenta uma configuração argumentativa, embora narre também a história deste casal que ficou manchada por um final trágico: “A tua mãe não há-de perdoar-te a nódoa que vejo agora de tão perto, de nariz encostado a ela enquanto tu, de pé, longíssimo, aqueces água no fogão para esfregar a mancha.”.

“DALILA”

À medida que a crónica avança, acrescenta informações sobre o passado e o presente da enunciadora. Mas não se espere que Lobo Antunes faça a opção segura pela narração cronológica e linear. “Dalila” actualiza o protótipo argumentativo.

De facto, a primeira frase é basilar e estrutural – é a tese: “Não vou ficar aqui, vou-me embora.”. Ao expor os seus argumentos para desejar não ficar no mesmo espaço, a narradora relata a sua situação actual: separada do marido, sem filhos, da família restam-lhe umas tias. Renovando a sua tese (“Quanto a mim não vou ficar aqui, vou-me embora.”), anuncia as razões que a levam a querer sair dali: foi aceite para o cargo de economista em Moçambique.

Com os dados em cima da mesa, a enunciadora apresenta a síntese, fazendo uso do conector conclusivo: “Portanto não vou ficar aqui, vou-me embora.”. Este enunciado que expressa um acto ilocutório compromissivo inicia o último parágrafo que resume os argumentos desenvolvidos ao longo do texto: as tias não sentirão a sua falta, Moçambique há-de ser um espaço com outras oportunidades e, com a sua idade, não ambiciona mais do que “dobrar os braços às escondidas embalando o vazio”.

SEGUNDA PARTE

ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA MATERNA

3.2. ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA MATERNA

A aula de língua materna no Ensino Secundário sairá enriquecida com a leitura de algumas crónicas do *Terceiro Livro de Crónicas* de Lobo Antunes, uma vez que permitem ao aluno desvendar o estilo deste autor, nomeadamente no que diz respeito ao nível da coesão, coerência e adequação.

Depois da análise do *corpus*, reconheceram-se como marcas do autor o **equilíbrio** mantido entre a **continuidade do tema** e os longos acrescentamentos de **informação nova**, a **imbricação** constante e significativa de **outros discursos no discurso do enunciador**, a estratégia persuasiva que leva o leitor a aderir a um discurso, mostrando mais tarde que a leitura correcta será a **interpretação irónica e crítica** de todo o texto e a polifonia estabelecida nas **reformulações discursivas** recorrentes.

Assim, sugerir-se-á, neste momento, a leitura de três crónicas antunianas na aula de Português, apresentando-se os objectivos a alcançar no final das mesmas, os conteúdos envolvidos e os processos de operacionalização organizados em pré-leitura, leitura e pós-leitura. As actividades propostas servem o desenvolvimento das quatro macrocapacidades e do funcionamento da língua, num trabalho conjunto e colaborante para o aperfeiçoamento da interpretação e produção textuais.

Os texto seleccionados foram “CRÓNICA QUE NÃO ME RALA UM CHAVO COMO FICOU”, na qual se ressalta a capacidade de extensão longa de expressões a par de retomas insistentes do tema, “A MORTE DE UM SONHO NÃO É MENOS TRISTE QUE A MORTE”, na qual se conduz progressivamente o leitor de uma interpretação literal e subjugada a outra voz a uma interpretação irónica e independente de outras opiniões, e “VIRGINIA WOOLF, OS RELÓGIOS, CLAUDIO E BESSIE SMITH”, em que a reformulação acontece por meios diferentes dos convencionais conectores reformulativos, alargando as possibilidades desta como estratégia polifónica.

Em síntese, através de análises textuais aprofundadas e diversificadas para que se adequem à especificidade de cada tipo de texto, de cada género discursivo, de cada discurso, de cada autor (no caso António Lobo Antunes), de cada estratégia textual, o aluno do Ensino Secundário deve ser levado ao caminho da leitura autónoma, enquanto leitor consciente das estratégias linguísticas e comunicativas, e ao caminho da escrita reflexiva e em contínua revisão, enquanto produtor de textos com uma planificação que

tem em conta a intencionalidade comunicativa, o destinatário, o meio, o contexto, e as estruturas linguísticas que melhor os servem (macro e microestruturas).

3.2.1. PROPOSTA A

“CRÓNICA QUE NÃO ME RALA UM CHAVO COMO FICOU”

Hoje vim um senhor de idade a chorar no restaurante. Levantou-se da mesa em que estava sentado com outras pessoas, tirou o lenço do casaco e principiou a chorar. Não era mendigo, não era um doente, não era um vagabundo: era um senhor normal, sentado quase à minha frente, interrompeu o almoço para atender o telemóvel e nisto poisou o telemóvel, levantou-se e principiou a chorar. Lágrimas verdadeiras, grandes. Um homem alto, encorpado, calvo, a chorar. Roupa comum, casaco, camisa, essas coisas, a limpar os olhos com o lenço, de ombros a tremerem, incapaz de suste-se. Os clientes continuaram a comer fingindo que não viam, os empregados passavam com as travessas fingindo que não viam, eu comecei por fingir que não via e depois já não era capaz de fingir que não via e depois parei de comer e depois pensei

- Vou ter com ele

e não fui, claro que não fui, sou cobarde, enquanto as pessoas que o acompanhavam tentavam levá-lo para a rua sem conseguirem, um homem forte, encorpado, difícil de deslocar sobre as pernas afastadas, sem olhar para ninguém, a chorar não se escondendo no lenço, limpando os olhos apenas, as duas mãos apertavam o lenço na cara, ao deixarem de apertar via-se o brilho das lágrimas, a fralda da camisa soltou-se do cinto sem que o senhor reparasse, não lhe importava a fralda da camisa, não lhe importava fosse o que fosse, isto sem ruído, sem gemidos, sem soluços, apenas os olhos grossos, enormes, cegos, de pálpebras vermelhas, diz-se que quem chora tem as pálpebras vermelhas e ele tinha, vermelhas, inchadas, todos os lugares-comuns que quiserem, não me importa, hoje no restaurante vi um senhor de idade a chorar enquanto os outros mastigavam, mastigavam, enquanto os empregados entregavam travessas e recolhiam travessas, enquanto um casal que me reconheceu cochichava sobre mim, hoje no restaurante, dia não sei quantos de outubro, à uma e tal da tarde, quase duas no relógio de parede, vi um senhor de idade, com a fralda da camisa fora do cinto, a chorar, levaram-no pela porta das traseiras, umas palavras, uns empurrões brandos na direcção da saída, um braço pelos ombros, hoje no restaurante vi um senhor de idade a chorar abandonado ao seu desgosto, não se ralando com os outros ou o que pensavam dele, um homem alto, calvo, roupa comum, casaco, camisa, essas coisas, o pouco cabelo que tinha despenteado, os dedos a falharem o lenço, setenta anos, setenta e tal anos, os sapatos mal engraxados por sinal ou então seria da chuva, da lama no passeio, pingos de lama, um ou dois pingos nas calças, com a chegada do outono é sempre assim, já se sabe, hoje, no restaurante, dia não sei quantos de outubro, não reparo nos dias, uma e tal no relógio de parede eu que não uso relógio, uma e tal, duas horas no relógio de parede, os relógios dos restaurantes em geral mais ou menos certos, um bocadinho adiantados, um bocadinho atrasados, coisa pouca, sem importância, uma questão de minutos, hoje no restaurante nem caro nem barato onde peço sempre a mesma coisa na ementa, nem é preciso pedir, o empregado já sabe, onde ocupo sempre o mesmo lugar junto ao balcão, hoje não sei quantos de outubro, não é importante, a quem pode interessar a data certa, não sei quantos de outubro, vinte e tal e um senhor a chorar, um senhor de idade a chorar, eu vi-o, encorpado, forte, o cinto castanho, a camisa acho que branca, cara larga, patilhas, vi um senhor de idade sem esconder as lágrimas, sem se preocupar em esconder as lágrimas, sem se incomodar que o vissem, a chorar, lágrimas gordas que limpavam com o

lenço, tanto lugar-comum de facto, tão mal escrita esta crónica, como fazê-la melhor, mais elegante, mais bonita, uma crónica que não me envergonhe, não desiluda os leitores

- Que porcaria de texto

e, como ele, não me importa, não me rala, quero lá saber, a única coisa que interessa, que verdadeiramente interessa, mesmo que me repita, escreva mal, tropece nas frases, faça erros, me engane, ponha aqui palavras que não valem um traque, me iluda no comprimento disto, não faça nada de jeito, uma prosa de meia tigela, sem sedução, sem graça, sem encanto, uma prosa de caca, não faz mal, a única coisa que interessa, que verdadeiramente interessa é que hoje, dia vinte e tal

(ignoro quanto o tal)

à uma e tal, quase duas, se calhar às duas da tarde, mais duas do que uma, a única coisa que interessa é que hoje no restaurante, um restaurante nem caro nem barato, médio, não longe de casa dos meus pais, no bairro onde cresci e no qual conheço quase tudo, as lojas, as casas, as ruas, as pracetas, a única coisa que interessa é que hoje, de tripas do avesso, não me levantando por cobardia, não me aproximando por ser reles, não lhe dizendo nada por timidez de informá-lo

- Estou aqui

e, se o informasse

- Estou aqui

de que serviria, a única coisa que me interessa, me perturba, continua comigo agora que é noite e escrevo estas linhas numa espécie de assombro, de piedade, de admiração, de ternura, de raiva, a única coisa que interessa é que hoje, exactamente hoje, há bocado, vi um senhor de idade, normal, não era um mendigo, não era um doente, não era um vagabundo, hoje no restaurante vi um senhor de idade a chorar.

António Lobo Antunes, *Terceiro Livro de Crónicas*, pp.237-240.

Objectivos da(s) aula(s):

Pretende-se que os alunos se tornem mais competentes no domínio da leitura e da escrita, desenvolvendo capacidades de síntese e extensão de enunciados e capacidades de reconhecer ou produzir um equilíbrio entre informação retomada e informação nova.

Além disso, os alunos devem dominar conteúdos textuais acerca da crónica enquanto género jornalístico e literário, bem como saberes relacionados com o funcionamento da língua, nomeadamente marcas linguísticas da subjectividade e funções sintácticas essenciais (argumentos internos e externos) ou acessórias (modificadores).

Conteúdos programáticos (10º ano de escolaridade):

Conteúdos processuais:

- leitura analítica e crítica;
- leitura global e selectiva;
- estruturação da actividade de produção escrita (planificação, textualização e revisão).

Conteúdos declarativos:

- texto: coesão, coerência e progressão temática;
- situação comunicativa;
- sintaxe: funções sintácticas;
- textos dos media: crónica.

Operacionalização:

1. O professor leva os alunos a reflectir sobre o título da crónica, para que se esclareça o significado da expressão idiomática. Certamente que os alunos destacarão a ainda o “eu” à superfície do enunciado e o associarão ao cronista.

2. Ainda sem o texto à sua frente, os alunos ouvem a leitura da crónica por parte do professor a fim de detectarem mais imediatamente a insistência do autor nos constituintes introduzidos na primeira frase.

3. Cabe, agora, aos alunos relembrem o que ouviram, repetindo a primeira frase e outros pormenores sobre alguns dos constituintes.

4. Tendo tomado conhecimento do enunciado que mais se repete no texto, os alunos lerão a crónica em silêncio, identificando a intencionalidade do enunciador com tal estratégia. A resposta esperada salientará a força que a imagem/situação representou

para o próprio enunciador, que usou a escrita como catarse face à sua falta de iniciativa no momento.

5. De seguida, interessará sublinhar todas as repetições integrais ou parciais da primeira frase ao longo do texto, de forma a poder-se preencher uma tabela com a informação, a dada e a nova. Esta actividade permitirá ao aluno a consciencialização de que a progressão deste texto é assegurada através das sequências tema/remã.

CONTINUIDADE (tema)		PROGRESSÃO (rema)
Elementos retomados	Palavras/expressões que retomam o tópico	Informação nova
		Hoje vi um senhor de idade a chorar no restaurante.
(hoje) vi um senhor de idade a chorar (no restaurante)	[] Lágrimas Um homem Roupa um homem	Levantou-se (...) a chorar Não era um mendigo (...): era um senhor normal (...) a chorar verdadeiras, grandes alto, encorpado, calvo, a chorar. comum, casaco, camisa, essas coisas, a limpar os olhos... forte, encorpado (...) a chorar
hoje vi um senhor de idade a chorar no restaurante	hoje no restaurante vi um senhor de idade a chorar	enquanto os outros mastigavam, mastigavam, enquanto os empregados...
hoje (vi um senhor de idade a chorar) no restaurante	hoje no restaurante	dia não sei quantos de outubro, à uma e tal da tarde, quase duas horas no relógio de parede
(hoje) vi um senhor de idade a chorar (no restaurante)	vi um senhor de idade levaram-no	com a fralda da camisa fora do cinto, a chorar pela porta das traseiras...
hoje vi um senhor de idade a chorar no restaurante	hoje no restaurante vi um senhor de idade a chorar	abandonado ao seu desgosto, não se ralando com os outros ou o que pensavam dele, um homem alto, calvo, roupa comum...
hoje (vi um senhor de idade a chorar) no restaurante	hoje, no restaurante,	dia não sei quantos de outubro, não reparo nos dias, uma e tal no relógio de parede eu que não uso relógio, uma e tal, duas horas

	hoje no restaurante	no relógio de parede, os relógios dos restaurantes em geral mais ou menos certos, ... nem caro nem barato onde peço sempre a mesma coisa na ementa, nem preciso pedir, o empregado já sabe, onde ocupo sempre o mesmo lugar junto ao balcão
hoje (vi um senhor de idade a chorar no restaurante)	hoje	não sei quantos de outubro, não é importante, a quem pode interessar a data certa, não sei quantos de outubro, vinte e tal
(hoje) vi um senhor de idade a chorar (no restaurante)	um senhor a chorar, um senhor de idade a chorar, eu vi-o	encorpado, forte, o cinto castanho, a camisa acho que branca, cara larga, patilhas
(hoje) vi um senhor de idade (a chorar no restaurante)	vi um senhor de idade	sem esconder as lágrimas, sem se preocupar em esconder as lágrimas, sem se incomodar que o vissem,
(hoje vi um senhor de idade) a chorar (no restaurante)	a chorar	lágrimas gordas que limpava com o lenço
hoje (vi um senhor de idade a chorar no restaurante)	hoje hoje, exactamente hoje	, de tripas do avesso, não me levantando por cobardia... , há bocado,
(hoje) vi um senhor de idade (a chorar no restaurante)	vi um senhor de idade	, normal, não era um mendigo, não era um doente, não era um vagabundo,
hoje vi um senhor de idade a chorar no restaurante	hoje no restaurante vi um senhor de idade a chorar	

6. Após uma análise global do texto, dar-se-á lugar a um estudo mais particular: em primeiro lugar, ao tema e, em segundo lugar, ao rema.

6.1. Assim, os alunos observarão as colunas referentes ao tema, verificando os grupos de palavras que surgem isolados: Grupo Verbal (“vi um senhor de idade (a chorar)”), Grupo Adverbial (“hoje”) e Grupo Preposicional (“no restaurante”). Concluir-se-á que há expressões que surgem sempre agregadas ao verbo e outras mais

independentes com uma mobilidade mais flexível. Aqui, os alunos serão elucidados sobre a distinção entre modificadores e complementos.

Estará, então, na altura de analisar sintacticamente a frase: sujeito subentendido (“eu”), predicado (com complemento directo – “um senhor” - e modificador do nome – “de idade”), modificador adverbial (“hoje”) e preposicional (“no restaurante”).

6.2. Quanto ao rema, propor-se-á aos alunos que indiquem as possibilidades usadas no texto para estender cada um dos constituintes do tema. Inferirão que:

Tema	Extensões
Grupo Verbal “vi um senhor de idade a chorar”	outro Grupo Verbal Ex.: “Levantou-se ...”
Grupo Nominal “um senhor de idade”	Grupo Adjectival Ex.: “encorpado, forte,” Grupo Preposicional Ex.: “com a fralda da camisa fora do cinto”
Oração reduzida de infinitivo “a chorar”	Grupo Nominal Ex.: “lágrimas gordas que limpava com o lenço”
Grupo Adverbial “hoje”	Grupo Nominal Ex.: “dia não sei quantos de outubro” Frase Ex.: “não sei quantos de outubro”
Grupo Preposicional “no restaurante”	Frase Ex.: “nem caro nem barato onde peço sempre a mesma coisa na ementa”
Frase “Hoje, vi um senhor de idade a chorar no restaurante.”	Frase Ex.: “enquanto os outros mastigavam, mastigavam”

7. Como forma de sistematização das actividades anteriores, os alunos cumprirão algumas fases até completarem o processo de escrita (planificação, textualização e revisão).

7.1. Redigirão uma frase com a mesma estrutura sintáctica que a frase inicial da crónica.

7.2. Alargarão cada um dos constituintes, apoiando-se nas possibilidades verificadas na leitura.

7.3. Usarão as estruturas que anotaram para produzir um texto coeso e coerente.

7.4. Aperfeiçoarão o seu texto através de uma ficha de revisão textual.

FICHA DE REVISÃO TEXTUAL				
	O meu texto apresenta:	SIM	POUCO	NÃO
COESÃO TEXTUAL	coesão frásica.			
	coesão interfrásica.			
	coesão referencial.			
	coesão temporal.			
	coesão lexical.			
	os deícticos adequados .			
	as vozes de enunciadores diferentes identificadas.			
COERÊNCIA	conhecimento do mundo.			
	retomas do tema.			
	informação nova pertinente.			
	ordenação lógica das ideias.			
	implícitos possíveis de recuperar.			
ADEQUAÇÃO DISCURSIVA	uma intencionalidade comunicativa clara.			
	sequências de actos discursivos no sentido da intencionalidade.			
	adequação ao meio escrito e aos factores intervenientes na interacção verbal.			

Após este conjunto de actividades, os alunos compreenderão o fenómeno de progressão textual e a mestria antuniana na gestão da extensão alargada de expressões que, simultaneamente, asseguram a coesão com repetições e substituições do tema. Aliás, oportuna será também a análise sintáctica das expressões retomadas do tema, constatando-se que os modificadores surgem isolados, podendo deslocar-se, mas os complementos acompanham sempre o grupo que completam.

3.2.2. PROPOSTA B

“A MORTE DE UM SONHO NÃO É MENOS TRISTE QUE A MORTE”

Aqui onde trabalho

(e a minha mãe

- Desde quando escrever é trabalho?)

aqui onde trabalho, quer dizer lá fora, junto ao portão do sítio onde trabalho, os pombos levam a vida a fazer cocó no automóvel. O senhor do armazém ao lado previne que os dejectos dos pombos estragam a pintura

(- O ácido, doutor, o ácido)

de modo que lá venho eu, com água e paninho, esfregar conscienciosamente aquela espécie de giz branco, aprovado por um compincha de garrafa de cerveja na mão, a beber pelo gargalo na porta da mercearia. Gosto deste sítio de pequenos comércios, desta espécie de aldeia, engastada no centro de Lisboa, que à noite se enche de travestis mirabolantes a mostrarem o rabo a pretendentes tímidos, gosto da loja de candeeiros, da loja de electrodomésticos, da loja dos chineses cheia de inutilidades delicadas, das várias pensõezitas para estadias a taxímetro, do cabeleireiro da esquina, com fotografias desbotadas, de caracóis e franjas, onde nunca vi ninguém entrar. Só não gosto dos pombos mas consolo-me imaginando o que seria do automóvel se os elefantes voassem. Ao lado do portão o muro do hospital, velho, escuro, coberto de musgo. Viúvas perfumadas, na pastelaria a cem metros, debatendo-se com bolos de creme. O quiosque de revistas com artigos de novelas e apresentadoras de televisão, suponho que filhas das viúvas dos bolos, e a empregada do quiosque sentada num banquinho de cozinha no meio desses disparates coloridos. Restaurantezecos de televisor ligado ao futebol, o empregado a desenhar oitos na mesa com o esfregão, a cozinheira mulata, de touca, abanando os calores com o jornal e no jornal, a toda a largura, O Solteirão Mais Apetecido Confessa-se. Cortinas de crochet, gatos de gesso, lugares acanhados, sombrios, onde o solteirão mais apetecido não mora de certeza, toldos que os pombos pingam também, na falta do meu automóvel a jeito

(- O ácido, doutor, o ácido)

as prateleiras poeirentas dos penhores e os seus despojos de naufrágio, fios de oiro, budas, litografias piedosas, uma criatura de óculos e sexo indefinido no escuro do balcão, espécie de coruja cinzenta tentando habituar-se ao dia. Pois nestas redondezas passo eu as tardes a espremer o miolo

(- Desde quando é que escrever é trabalho?)

para folhinhas de bloco, uma pessoa crescida, que patetice, a fazer redacções de menino, tinha razão mãe, desde quando é que escrever é trabalho, não é trabalho claro, qual trabalho, devia desenhar casas e árvores na margem do papel, qual trabalho uma reinação, uma coisa de garotos, escrever qualquer pessoa escreve, mãe, onde está a dificuldade, só a quantidade de cartas que andam para aí, relatórios, telegramas, postais, listas de supermercado, qualquer pessoa escreve, devia ter um ofício de gente, um emprego que se visse, uma ocupação que se desse ao respeito, num escritório, por exemplo, onde os pombos não me sujassem o automóvel, eu de fato, gravata, penteado, normal, com uma secretária a trazer-me cafés, a receber

- Façam favor, façam favor

a administração de outra companhia de seguros, eu competente, decidido, vigoroso, eu tacos de golfe, eu barco, eu relógio com pulseira de ouro, eu de chofer que limpe o cocó dos pombos por mim, eu de amante produtora de moda, eu de magazine de negócios na cama, desde quando é que escrever é trabalho, realmente, bloquinhos que não valem um chavo, esferográficas de deitar fora, jeans, a minha mãe a suspirar, desgostosa

-Artistas

a resignar-se

- Pelo menos não bebe, vá lá

artistas ou seja criaturas inúteis, que fazem eles que preste, só depois de mortos os apreciam, nem relógio usa, barcos só se for de papel, não liga a nada, faz livros, qual trabalho, até admira que não coma a sopa dos pobres, o que a gente sonha para um filho e, vai na volta, prosas, andou a estudar para médico, acabou o curso sabe Deus como e com a mania das redacções não faz uso dele, a morte de um sonho não é menos triste do que a morte, demos-lhe uma enxada para a vida, médico, e não a usa, não quer saber, não se interessa, você, mãe, que compreendeu logo a sua desdita quando ao ir espreitar-me no exame de admissão ao liceu deu comigo instalado ao contrário na carteira, a olhar o tecto, foi sempre tão esquisito este meu filho, com dois, três anos, ficava na varanda horas seguidas, a olhar, dava a impressão que o mundo inteiro não passava de uma varanda para ele, se quiserem encontrá-lo é aquele ali, com uma garrafinha de água e um pano, a esfregar o automóvel do cocó dos pombos e a interromper-se, de vez em quando, para olhar, esquecido da garrafinha do pano, do automóvel, do tecto do céu, como se continuasse instalado ao contrário na carteira que não há, nas tintas

(imagine-se a vergonha)

para uma carreira de gente.

António Lobo Antunes, *Terceiro Livro de Crónicas*, pp.253-255.

Objectivos da(s) aula(s):

Procura-se desenvolver a capacidade de reconhecer técnicas e estratégias da caricatura (verbal e não-verbal), reflectindo sobre a intencionalidade do autor/enunciador.

Para tal, espera-se que os alunos identifiquem o discurso irónico e as marcas linguísticas que o caracterizam. Além disso, os alunos deverão saber distinguir vozes diferentes no mesmo discurso.

Conteúdos programáticos (11º ano de escolaridade):

Conteúdos processuais:

- leitura analítica e crítica;
- leitura global e selectiva;
- estruturação da actividade de produção escrita (planificação, textualização e revisão).

Conteúdos declarativos:

- texto: coesão, coerência e progressão temática;
- comunicação e interacção discursivas: reprodução do discurso no discurso, polifonia, processos interpretativos inferenciais, figuras e tropos;
- caricatura (no seguimento da leitura de “Os Maias”).

Operacionalização:

1. A aula iniciar-se-á com a apresentação de imagens de duas personagens de “Os Maias”, já conhecidas pelos alunos através da leitura do romance de Eça de Queirós. Os alunos deverão identificá-las e justificar a sua decisão: a Sra. Gouvarinho distinguir-se-á pela sua vasta cabeleira e pelo seu vestido decotado, Dâmaso Salcede pelo mau gosto no vestir.

2. A tarefa seguinte exigirá uma observação mais atenta, de modo a que os alunos salientem os aspectos exagerados nos retratos, isto é, aqueles que se distanciam mais da realidade: o nariz representativo da petulância de Dâmaso e o cabelo sensual da Sra. Gouvarinho.

3. Para mostrar aos alunos que também na caricatura verbal se mantém a presença de segmentos que se distanciam da representação real, distribuir-se-á a crónica

de António Lobo Antunes. Propor-se-á uma leitura silenciosa, durante a qual os alunos deverão identificar os enunciados de uma voz que se impõe ao longo da crónica, para além da do enunciador. Rapidamente, surgirá a resposta que associa tal voz à mãe do enunciador.

4. Colocar-se-á a dúvida quanto ao modo do relato do discurso em evidência nesta crónica. Após algumas reflexões que focarão a ausência/presença de verbos introdutórios do relato, de travessão e pontuação como o ponto final e o interrogativo, a manutenção das marcas oralizantes e das palavras proferidas exactas, concluir-se-á que António Lobo Antunes opta, neste texto, por usar o Discurso Directo e o Discurso Directo Livre (ex.: “desde quando é que escrever é trabalho”, “foi sempre tão esquisito este meu filho”).

5. Sabendo da presença de outra voz integrada no discurso do enunciador mas reconhecendo a ausência de um diálogo físico, facilmente os alunos revelarão a origem dessa voz – a memória. Tal constatação servirá a consequente reflexão sobre a evocação insistente dos enunciados da mãe. Neste momento, os alunos serão capazes de notar a importância desta voz para o enunciador: em primeiro lugar, por ser a da sua progenitora, em segundo lugar, por ter permanecido na sua memória e, em terceiro lugar, pelo seu conteúdo o ter afectado psicologicamente.

6. Nesta fase da leitura, será necessário compreender o alcance do conteúdo dos discursos da mãe que perturbaram o enunciador. Assim, há que distinguir o sonho morto da realidade. Esperar-se-á que os alunos associem ao sonho os seguintes segmentos:

(...) devia desenhar casas e árvores na margem do papel, (...) devia ter um ofício de gente, um emprego que se visse, uma ocupação que se desse ao respeito, num escritório, por exemplo, onde os pombos não me sujassem o automóvel, eu de fato, gravata, penteado, normal, com uma secretária a trazer-me cafés, a receber (...) a administração de outra companhia de seguros, eu competente, decidido, vigoroso, eu tacos de golfe, eu barco, eu relógio com pulseira de ouro, eu de chofer que limpe o cocó dos pombos por mim, eu de amante produtora de moda, eu de magazine de negócios na cama (...)

Após esta associação, algumas marcas linguísticas merecerão algum destaque: o uso de verbos modais que expressam juízos de valor e o uso repetitivo do pronome pessoal “eu”, o qual dá ritmo à enumeração e representa uma outra *persona* que a mãe do enunciador gostaria de ver.

Quanto à realidade, esta é bem diferente do sonho:

(...) realmente, blocozinhos que não valem um chavo, esferográficas de deitar fora, jeans (...) artistas, ou seja, criaturas inúteis, que fazem eles que preste, só depois de mortos os apreciam, nem relógio usa, barcos só se for de papel, não liga a nada (...) se quiserem

encontrá-lo é aquele ali, com uma garrafinha de água e um pano, a esfregar o automóvel do cocó dos pombos e a interromper-se, de vez em quando, para olhar, esquecido da garrafinha, do pano, do automóvel, o texto do céu (...)

A partir destes dois segmentos, será pertinente reflectir sobre os estereótipos representados nestas duas imagens verbais – do homem de negócios e do artista. Surgirá uma interessante discussão acerca da presença destas ideias pré-concebidas da nossa sociedade e da sua correcção ou não. Por certo, chegar-se-á à conclusão de que estas imagens são exageradas e extremadas, tal como a das caricaturas analisadas na pré-leitura. Daí, a aula prosseguir com a análise das marcas linguísticas que servem a criação de faltas de autenticidade com a real intenção de comunicar outro discurso.

7. O professor comentará uma aparente contradição do enunciador, o qual tanto concorda com a voz da sua mãe, como a desvaloriza e critica. Os alunos apresentarão exemplos que fundamentem tal afirmação. Poderão responder para revalidar a concordância – “Pois nestas redondezas (...) onde está a dificuldade (...)” – e para testemunhar a discordância – “se quiserem encontrá-lo é aquele ali ...”.

8. Será, agora, oportuno verificar se esta contradição é aparente ou intencional. Tendo os alunos concluído que a resposta correcta é a última, deverão identificar o processo linguístico que permite proferir uma proposição mas querer dizer outra oposta – a ironia. Depois, indicarão as estratégias linguísticas que alertam o leitor para o carácter irónico da crónica. Com a orientação da professora, os alunos referirão o uso dos diminutivos (“folhinhas”, “blocozinhos”, “garrafinha”), da enumeração longa, dos advérbios de frase (“realmente”) e de nomes que expressam juízos de valor (“a sua desdita”).

9. Por fim, os alunos aferirão que o discurso irónico é, neste caso, a estratégia escolhida pelo enunciador para responder ao ataque da sua mãe à face positiva.

10. Baseando-se no percurso realizado durante esta aula, pedir-se-á aos alunos que usem também um enunciado da mãe fixado nas suas memórias e que o incorporem num texto seu. Neste caso, dar-se-á a possibilidade de cada aluno escolher concordar ou discordar da voz da mãe.

No fim desta aula, os alunos terão desenvolvido a sua competência de leitura, aumentando o seu conhecimento de técnicas, entre as quais a polifonia, que servem o discurso irónico.

A leitura da crónica de Lobo Antunes permitiu que os alunos tomassem contacto com duas características particulares da sua escrita: os modos de relato do discurso, que integram outras vozes no discurso do enunciador, e a ironia constante que contra-ataca os outros pontos de vista, criticando-os.

3.2.3. PROPOSTA C

“VIRGINIA WOOLF, OS RELÓGIOS, CLAUDIO E BESSIE SMITH”

Gosto de Virginia Woolf, não tanto pelos livros mas porque ouvia os passarinhos cantarem em grego, eles que normalmente, como toda a gente sabe, usam o egípcio quando em liberdade e o latim nos poleiros. Em que língua comunicam connosco os pássaros de vidro? E os de feltro, em gaiolas doiradas, da loja dos chineses ao pé do sítio onde escrevo? Os pombos cantam rodas dentadas de relógio avariado. O relógio de parede do meu avô não cantava: limitava-se a anunciar

- Sou gordo, sou gordo

a cada badalada pomposa. Acabava-se-lhe a corda

(dava-se corda com uma chave enorme, que se enfiava num buraco do mostrador entre o

VI e o VII)

o anúncio ficava no ar, interrompido

- Sou gor

e ele composto, defunto, todo sério no seu caixão de vidro e mogno, a pedir de quando em quando ao meu avô

- Não me ressuscita senhor Lobo Antunes?

o meu avô distraído, o relógio a impacientar-se

- É para hoje ou quê?

O meu avô, que nunca tive a certeza se o entendia ou não

(não devia entender dado que

- O chato do relógio leva a vida a parar)

lá desenganchava a chave de um prego na parte de trás do mecanismo, abria a portinha do mostrador e o relógio, sem uma palavra de gratidão, recomeçava

- do, sou gordo

num vagar episcopal. Em casa de qual das minhas tias terá dissertado, acerca da própria barriga, depois? A quem informará agora das suas banhas majestosas? Emagreceu? Comparados com ele os de pulso, esqueléticos, desesperavam-se num frenesim cardíaco, miúdo aflitos. No fim do liceu

(não, no fim da faculdade)

deram-me um relógio de colete, inglês, antigo, suponho que filho bastardo do relógio de parede, que o deve ter tido, à socapa, de um de pulso qualquer, porque herdou coisas do pai e da mãe, os números por exemplo

(II, III, IV, V)

claramente paternais, e o frenesim cardíaco, embora atenuado, da mãe. Colocava-o naquele bolsinho da frente que as calças tinham dantes, embora me incomodassem as suas contracções de ventrículo a comicharem-me no púbis, e imaginava o estetoscópio do médico a procurar-me a válvula mitral nas partes. Consolava-me com os versos de Maiakovski

comigo a anatomia enlouqueceu:

sou todo coração

enquanto coçava à socapa o ponteiro dos segundos que me raspava a virilha. Provavelmente as primeiras namoradas tomavam por arroubos da carne o meio-dia e por sinal de desinteresse as seis e meia, ou, se me despisse, acusar-me-iam, ferozes

- Afinal era um relógio, farsante

ao darem conta que o ventrículo me ficava nas calças e me sobejava apenas o ponteiro das horas que não cantava em grego, se limitava a procurá-las, teimoso, surdo, independente de mim, conforme as agulhas das bússolas encucadas no norte, sem poesia nem romance, mesmo diante das mães

(Agora telefonou o Claudio, meu editor espanhol, por causa de uma viagem à Colômbia, e interrompeu-me a crónica que estava a ir que era uma beleza. Raios te partam, malvado, criminoso, assassino. Vamos lá a ver se consigo retomar a cadência. Íamos onde?)

Íamos no relógio na virilha e ainda bem que era o de colete e não o de parede do meu avô, que me poria as vergonhas a darem horas, chamando a atenção das mães das namoradas, na sala ao lado

- O que é que vocês estão a fazer aí?

assarapantadas com os soluços e os estremecimentos prévios do mecanismo, a chegarem junto a nós no instante em que um derrame de badaladas testemunhava, em vibrações sucessivas, o cumprimento da função, comigo a tornar-me, vitorioso, exausto, um desses relógios moles do quadro de Dalí, pingando um resto de minutos na alcatifa.

(Se o Claudio não me tivesse cortado a inspiração com a sua voz de cantor de jazz negro, de óculos escuros, numa cave enfumarada, em que direcção teria ido a caneta? Volta ao princípio, desgraçado.)

Voltando ao princípio, que remédio, gosto de Virginia Woolf, não tanto pelos livros mas porque ouvia os passarinhos cantarem em grego. O facto é que me roubaram o relógio de colete, no consultório, à época em que acreditava em psicoterapias e o utilizava, no braço da cadeira, para medir o tempo das sessões.

(Meu Deus, a quantidade de tolices em que eu acreditei.)

Esqueci o relógio no braço da cadeira, de um dia para o outro, e evaporou-se. Não aborreci ninguém por não estar seguro se mo roubaram ou decidiu, apenas, ir-se embora, farto de andar às voltas lá em baixo. Se calhar foi-se simplesmente embora, ninguém lhe tocou, ninguém o impingiu numa loja de penhores qualquer, levou o seu ventrículo para longe de mim sem, não digo uma carta, mas um electrocardiograma de adeus. Deixei de ser um verso de Maiakovski, deixei de ser todo coração: tenho uma coisa aqui no peito, reles, comum, tac tac, e mais nada. Que rapariga se comoverá com ela? Que ponteiros disfarçarão a agulha da bússola?

(Tenta outra vez, acaba de maldizer o Claudio: gosto de Virginia Woolf, etc)

Gosto de Virginia Woolf não tanto pelos livros mas porque ouvia os passarinhos cantarem em grego. Não dá. Perdi a embalagem. Acabou-se por culpa do Claudio. A voz dele igual à daquele vocalista da orquestra de Count Basie de que me escapa agora o nome. Não sei quê Williams? Um de cara comprida e bigodinho, tenho o nome debaixo da língua, gaita. Não interessa. Joe Williams? Não estou certo. Muito bem vestido sempre, com grandes anéis lindíssimos. Até o nome do vocalista da orquestra de Count Basie o sacana do Claudio me roubou. Magro, alto, com poucos gestos, um swing desde as tripas. Count Basie mudava o rumo da orquestra com uma nota de piano, uma única nota de piano ora aqui, ora

ali. Aquele sax tenor espantoso que de vez em quando voava por cima dos restantes instrumentos. A força da secção de ritmo. O contrabaixo senhores, a bateria. Virginia Woolf, tarará, tarará. Que se lixe. Agora sou um preto de óculos escuros, numa cave enfumarada, uma das minhas mãos sublinha a voz

(um gesto pequeno, discreto)

e vejo campos de algodão, brancos a cavalo, a miséria a que me obrigam. Campos de algodão, milho, corvos. Toda a dor, toda a alegria do mundo. Virginia Woolf que vá à fava, os relógios que vão à fava. Bessie Smith. Lady Day. Bessie Smith de novo. Morreu à porta de um hospital: não a deixaram entrar por ser preta. Iluminou-me a vida. Continua a iluminá-la. Virginia Woolf, e tal e coisa, os passarinhos que cantavam em grego. Carros da polícia lá fora, bombeiros: uma mulher em roupão, no telhado do prédio em frente, previne aos gritos que se vai atirar dali abaixo. Atirar-se-á?

António Lobo Antunes, *Terceiro Livro de Crónicas*, pp.153-156

Objectivos da(s) aula(s):

Espera-se que, no final desta aula, os alunos tenham tomado consciência da hibridez do género da crónica e desenvolvido a capacidade de distinguir discursos diferentes e a sua interacção.

Deste modo, os alunos devem identificar estratégias de reformulação e o entrosamento de um discurso no outro.

Conteúdos programáticos (10º ano de escolaridade):

Conteúdos processuais:

- leitura analítica e crítica;
- leitura global e selectiva;
- estruturação da actividade de produção escrita (planificação, textualização e revisão).

Conteúdos declarativos:

- texto: coesão, coerência e progressão temática;
- comunicação e interacção discursivas: reprodução do discurso no discurso, marcadores e conectores discursivos;
- textos dos media: crónica.

Operacionalização:

1. Como introdução ao género da crónica, sugere-se a leitura de textos que tentem uma definição do mesmo mas mantenham a variedade que o caracteriza (por exemplo, o texto inserido em *Terceiro Livro de Crónicas* – “CRÓNICA PARA QUEM APRECIA HISTÓRIAS DE CAÇADAS” ou “O MECÂNICO”)

2. De seguida, será enriquecedora a reflexão e discussão acerca dos textos lidos (diferenças e semelhanças com outros géneros como o diário e o texto de opinião).

3. Nesta aula, pelas características do texto que se analisará, propõe-se a distribuição da crónica dividida em dois segmentos (o segmento com as expressões a negrito desordenadas e outro com o restante texto lacunar). Caberá aos alunos integrarem os segmentos desordenados nos espaços em branco. Para realizarem tal tarefa, os alunos terão de dominar os conceitos de coesão e coerência, uma vez que os usarão para fundamentar as suas escolhas.

4. Tendo lido o texto completo, os alunos identificarão os enunciadores e distinguirão os dois conjuntos de segmentos, primeiro graficamente e, depois, ao nível

do conteúdo. Espera-se que os alunos identifiquem o mesmo enunciador nos dois segmentos, ainda que gramaticalmente, por vezes, se oponha um eu a um tu (“Volta ao princípio, desgraçado.”, “Tenta outra vez, acaba de maldizer o Claudio (...”), representando as duas forças inerentes ao escritor – a entidade que lhe dita a crónica e a que a escreve. Quanto à segunda tarefa, associarão o texto entre parêntesis a comentários sobre o processo de escrita e o texto fora dos parêntesis ao discorrer do assunto da crónica.

5. Agora, poder-se-á avaliar a interacção entre as duas partes do texto, indicando o propósito do movimento em questão: corrigir (“No fim do liceu / (não, no fim da faculdade)”), exemplificar (“porque herdou coisas do pai e da mãe, os números por exemplo / (II, III, IV, V)”), explicar (“Acabava-se-lhe a corda / (dava-se corda com uma chave enorme)”), retomar para acrescentar (“Íamos onde?” / Íamos no relógio (...”).

6. A partir destes exemplos, analisar-se-ão as virtualidades da reformulação na escrita de Lobo Antunes. Os alunos observarão os exemplos e concluirão que raramente os conectores reformulativos são usados (por exemplo, por outras palavras, quer dizer...) e que, muitas vezes, se retoma explicitamente parte do enunciado a reformular (“fim”, “corda”, “íamos”). Para além disso, será fundamental que se destaque a função da reformulação ao serviço da progressão textual.

7. Será importante que os alunos tenham, com base na sua leitura, reforçado a associação da crónica à espontaneidade do processo de escrita, até semelhante ao registo diário.

8. Finalmente, os alunos poderão imaginar a entrada do diário de António Lobo Antunes naquele dia, referindo-se aos acontecimentos narrados na sua crónica, já que o leitor tem acesso, a partir deste texto, a situações do seu quotidiano.

Depois deste percurso de leitura, os alunos estarão mais conscientes da redução de qualquer definição de crónica, conseguindo estabelecer pontos de contacto e divergência com outros géneros.

Contudo, é sobretudo o reconhecimento de estratégias polifónicas de reformulação discursiva típicas da escrita singular de António Lobo Antunes que valorizam esta aula.

CONCLUSÃO

4. CONCLUSÃO

Avaliaremos, agora, os objectivos delineados na introdução: (1) a Linguística Textual como fundamento linguístico, (2) a selecção de textos de António Lobo Antunes para as aulas de Português e (3) a diversidade enriquecedora gerada pela didactização das suas crónicas.

Deste modo, este trabalho sublinhou a natureza comunicativo-pragmática do Texto, sem abandonar as dimensões mais tradicionais da frase e da palavra. Sendo o Texto (e a sua actualização em discurso) um domínio tão complexo e heterogéneo, considerou-se a perspectiva de Beaugrande e Dressler satisfatoriamente compreensiva e funcional. Estes apontam a integração dos seguintes níveis da textualidade: a **coesão**, a **coerência**, a **intencionalidade**, a **aceitabilidade**, a **situacionalidade**, a **intertextualidade** e a **informatividade**.

Ao partirmos de tal concepção, entendemos a necessidade de se optar por uma pedagogia que aceite todos os discursos (Fernanda Irene Fonseca) e por uma gramática que contemple todos os níveis do Texto (Zayas). Essa gramática pedagógica unificará a análise global do acto de comunicação com as estruturas linguísticas, o uso da linguagem com a informação gramatical.

Assim, iniciamos a primeira parte da tese com a observação da função central do Texto em documentos educativos como o Programa de Português do Ensino Secundário e a TLEBS. O Programa da disciplina valoriza a competência discursiva/textual, a qual contempla as “propriedades da textualidade”. A TLEBS inclui uma entrada só para a definição de Texto, ainda que o ponto de vista discursivo/textual esteja subjacente em todos os domínios.

De seguida, considerámos três fenómenos da textualidade – **coesão**, **coerência** e **adequação** –, por estarem singularmente representados em *Terceiro Livro de Crónicas* de António Lobo Antunes, *corpus* desta tese.

Relativamente à breve exposição feita sobre a **coesão**, baseei-me em autores de referência como Joaquim Fonseca (o qual lê criticamente Halliday e Hasan) e Beaugrande e Dressler. Ao longo dessas leituras, observaram-se os processos da coesão gramatical (interfrásica, temporal, referencial e o paralelismo estrutural) e lexical (reiteração ou substituição e associação), os quais interagem na progressão textual

apoiada nas retomas e nas reformulações discursivas, especialmente nas crónicas de Lobo Antunes.

De modo a ilustrar a singularidade da coesão antuniana, foram seleccionadas nove crónicas do *corpus*. Em “ONDE A MULHER TEVE UM AMOR FELIZ É A SUA TERRA NATAL”, verificou-se a importância do tempo, modo e aspecto verbal na estrutura coesiva do discurso. É a sequência, a retoma e a relação entre verbos e expressões temporais que asseguram o sistema coesivo desta crónica. Em “O CÉU ESTÁ NO FUNDO DO MAR”, a interacção entre a deixis ancorada na enunciação e a deixis *am phantasma*, entre duas narrações, entre dois tempos e entre dois locais formam uma rede organizacional da informação (segundo Halliday e Hasan, “um todo semântico unificado”). Em “DA VIDA DAS MARIONETAS”, a continuidade do tema acontece através dos discursos de um “tu” que a enunciadora vai comentando para questionar, contextualizar, retomar, criticar, ordenar, pedir e interpelar. Em “078902630RH+”, o texto estrutura-se a partir de duas narrações: uma sintagmática, a qual consiste no relato ou no fluxo de pensamento do narrador ancorado no tempo presente, e uma paradigmática, na qual se recordam lembranças da guerra colonial. Em “O RELÓGIO”, destacaram-se a coesão referencial e a temporal. O relógio é o eixo que controla o *continuum* do texto, uma vez que os seus ponteiros são a metáfora da brevidade da vida e o objecto familiar, que sobrevive a todos os seus donos, é a metáfora da eternidade. Em “VIRGINIA WOOLF, OS RELÓGIOS, CLAUDIO E BESSIE SMITH”, realçaram-se as estratégias de reformulação discursiva como as de entrosamento de enunciados vários num único discurso. De facto, as reformulações neste texto circunscrevem todo o discurso (num movimento de dentro de parêntesis para fora deles e vice-versa), fazendo progredir o texto a cada comentário paralelo acerca da crónica em produção. Em “A MORTE DE UM SONHO NÃO É MENOS TRISTE QUE A MORTE”, as vozes que interagem são de origens diferentes. A voz da mãe, retida na memória do enunciador, despoleta a continuação do texto sempre que o próprio enunciador a confirma ou a contesta. Em “ÚLTIMO DOMINGO DE OUTUBRO”, o corte gráfico da frase foi considerado um elemento de coesão, visto que reforça a expressividade e intencionalidade do enunciado anterior. Em “COR LOCAL”, anotaram-se as retomas em eco por meio da reformulação como processo-chave da construção textual e narrativa, típica dos romances do mesmo autor.

Quanto à **coerência**, reviram-se os textos de Beaugrande e Dressler, Fillmore, Joaquim Fonseca (evocando van Dijk) e de Sperber & Wilson (Teoria da Relevância). Os primeiros autores salientaram a dinâmica de “problem-solving” no desafio da interpretação textual, que exige, por parte do leitor, uma gestão da memória eficiente, conhecimentos vastos do funcionamento da linguagem e habilidade na criação de expectativas em constante actualização. Este equilíbrio entre o já dito/esperado e a informação nova/não esperado associa-se à progressão textual por sequências tema/rema e à gestão da expectativa de relevância por parte do leitor (Teoria da Relevância).

Na segunda parte do trabalho, a análise da coerência contemplou três crónicas. Em “TANGO DO EMIGRANTE”, a progressão temática ocorre a partir de dois temas associados – a “casa” e o “tu” –, sendo que o retorno do emigrante traduz o regresso a casa e à mulher. Em “CHEGA A UMA ALTURA”, o título é o tema que unifica o texto e que permite, à medida que os remas se vão acumulando, a progressão do texto à volta do tema da morte. Em “UMA CURVA DE RIO A SORRIR PARA OS POMBOS”, a progressão tema/rema dispersa-se em redes ligadas semanticamente, o exterior e o interior da casa através do verbo “ver”, os pombos e a noiva através do sorriso.

No que diz respeito à **adequação**, impôs-se a distinção entre Texto (abstracção) e Discurso (actualização). Este fenómeno revela-se no Discurso, quer através do explícito, quer através do implícito (actos ilocutórios indirectos, metáforas, ...).

No momento de análise discursiva, focou-se a adequação em três crónicas. Em “VOCÊ”, a forma de tratamento foi contextualizada e notou-se o comentário pertinente do enunciador, lembrando-se da estranheza que sentia, enquanto criança, ao ouvir o seu próprio pai a chamar o avô por “pai”. Em “UMA LARANJA NA MÃO”, a interpretação do texto foi acompanhada pela análise da sequência de actos de fala (directivos, indirectos, ameaças e assertivos). Em “NINGUÉM É MAIS POBRE QUE OS MORTOS”, observou-se como a repetição “obsessiva” de actos assertivos e directivos alerta o leitor para a falsidade das intenções proferidas.

Por fim, considerou-se enriquecedora a análise da implicação entre a intencionalidade de uma dada organização formal (tipo de texto) e o modo de construção da continuidade de sentido. Assim, aferiu-se que as crónicas de Lobo Antunes podem actualizar textos narrativos, descritivos, argumentativos e instrucionais.

Apresentaram-se, assim, quatro crónicas do *corpus*, cuja configuração textual se expõe de forma única. Em “ELES NO JARDIM”, assinalámos sequências descritivas e narrativas, as quais se alternam constantemente. Em “E PRONTO”, a abundância de instruções que fazem progredir o texto revelam, no final, a configuração do texto narrativo, pois a intenção do enunciador é relatar as acções da personagem. Por último, os textos do tipo argumentativo seleccionados foram “DE COMO MORRI ÀS TUAS MÃOS” e “DALILA”. No primeiro caso, a assertividade da argumentação decresce ao longo da crónica, havendo lugar para a reformulação da tese inicial. No segundo caso, a narração do passado da enunciadora vai revelando os argumentos que a levaram a decidir-se pela sua tese.

Após a análise do *corpus*, identificaram-se como marcas da crónica antuniana a dicotomia entre acesso permitido a um público vasto e intimidade do conteúdo tratado, a desvalorização do género crónica, espontânea e irreflectida, e a ferocidade da ironia do cronista. Por seu lado, da escrita de Lobo Antunes, ressaltou-se o **equilíbrio** gerido entre a **continuidade do tema** e os longos acrescentamentos de **informação nova**, a interacção entre **outros discursos e o discurso do enunciador**, a **interpretação irónica e crítica** sugerida a meio do texto e a polifonia estabelecida nas **reformulações discursivas** recorrentes.

Finalmente, propuseram-se três conjuntos de estratégias de ensino-aprendizagem com crónicas de Lobo Antunes (“CRÓNICA QUE NÃO ME RALA UM CHAVO COMO FICOU”, “A MORTE DE UM SONHO NÃO É MENOS TRISTE QUE A MORTE”, “VIRGINIA WOOLF, OS RELÓGIOS, CLAUDIO & BESSIE SMITH”) como ponto de partida para o estudo da língua num uso particular como o de este autor e, paralelamente, para o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Em conclusão, pretendemos contribuir para que os alunos do Ensino Secundário sejam leitores em estado de vigília e curiosos por investir nos labirintos da língua e desenvolver a sua competência textual e comunicativa.

BIBLIOGRAFIA

5. BIBLIOGRAFIA

- AA. VV. *Programas de Língua Portuguesa 10º ano – Cursos Gerais e Cursos Tecnológicos*. (Março/2001), Ministério da Educação/Departamento do Ensino Secundário.
- AA.VV. *Tlebs – dicionário terminológico para acesso em linha*, acedido no sítio <http://tlebs.dgidc.min-edu.pt/>, em 2008.
- ADAM, Jean-Michel, *Éléments de linguistique textuelle – théorie et pratique de l’analyse textuelle*, Mardaga, 1990.
- BARRADAS, Filomena, “Da literatura alimentar ao romance das páginas de espelhos – uma leitura do *Livro de Crónicas* de António Lobo Antunes”, in Cabral, Jorge, Zurbach (org.), *A ESCRITA E O MUNDO EM ANTÓNIO LOBO ANTUNES*, *Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora*, Dom Quixote, 2004, pp. 133-139.
- BEAUGRANDE, Robert de, DRESSLER, Wolfgang, *Introduction to Text Linguistics*, Longman Linguistics Library, 1981.
- BEAUGRANDE, Robert de, “Chapter 3 - Text Linguistics in Discourse Analysis”, in van Dijk (edt.), *Handbook of Discourse Analysis: Disciplines of Discourse*, vol.1, Academic Press, 1988 (1985), 2nd printing, pp.41-62.
- CORDEIRO, Cristina, “Procura-se leitor!” in Cabral, Jorge, Zurbach (org.), *A ESCRITA E O MUNDO EM ANTÓNIO LOBO ANTUNES*, *Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora*, Dom Quixote, 2004, pp. 123-131.
- DUARTE, Inês, “Aspectos linguísticos da organização textual”, in MATEUS et alii, *Gramática da Língua Portuguesa*, Caminho, Lisboa, 2006, pp.85-123.
- DUARTE, Isabel Margarida, “Terminologia Linguística: Pragmática e linguística textual. Modos de operacionalização – alguns exemplos”, in DUARTE, Isabel e FIGUEIREDO, Olívia (org.), *Terminologia Linguística: das teorias às práticas*, DEPER, FLUP, FCT E FCG, 2006, pp.89-98.
- GOMES, Álvaro, *Gramática Pedagógica e Cultural da Língua Portuguesa*, Porto, Edições Flumen/Porto Editora, 2006.
- FELTES, H. e SILVEIRA, J., *Pragmática e Cognição: a Textualidade pela Relevância*, EDIPUCRS, Porto Alegre, 1997.

- FIGUEIREDO, O. M., “Cadeias de referência do discurso. A designação no romance *Que farei quando tudo arde?*”, in *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas*, Universidade do Porto, 2003, pp.551-568.
- FIGUEIREDO, Olívia, “As noções de Adequação, Coerência e Coesão e seus modos de operacionalização” in DUARTE, Isabel e FIGUEIREDO, Olívia (org.), *Terminologia Linguística: das teorias às práticas*, DEPER, FLUP, FCT E FCG, 2006, pp.71-88.
- FILLMORE, C. J., “Chapter 2 - Linguistics as a Tool for Discourse Analysis”, in van Dijk (edt.), *Handbook of Discourse Analysis: Disciplines of Discourse*, vol.1, Academic Press, 1988 (1985), 2nd printing, pp.11-39.
- FONSECA, F. I., “Ensino da língua materna: do objecto aos objectivos”, in FONSECA, F. I. *Gramática e Pragmática – Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*, Porto Editora, 1994, p.117-133.
- FONSECA, F. I., *Deixis, Tempo e Narração*, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto, 1992.
- FONSECA, Joaquim, *Linguística e Texto/Discurso – Teoria, Descrição, Aplicação*, Lisboa, Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.
- FONSECA, Joaquim, “Análise linguística – textual-discursiva – de um segmento de *Memória de Elefante*, de Lobo Antunes”, in *Actas do II Encontro Internacional de Análise Linguística do Discurso*, Instituto de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, 2003 (no prelo).
- GRICE, H. P., “Logic and Conversation”, in P. Cole and J. Morgan (eds.), *Syntax and Semantics*, vol. 3: *Speech Acts*, New York, Academic Press, pp.41-58, 1975.
- HALLIDAY, M. A. K. , “Chapter 3 - Dimensions of Discourse Analysis: Grammar”, in van Dijk (edt.), *Handbook of Discourse Analysis: Dimensions of Discourse*, vol.2, Academic Press, 1987 (1985), 2nd printing, pp.29-56.
- HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, R., *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*, Oxford University Press, 1991.
- LOBO ANTUNES, António, *Terceiro Livro de Crónicas, Dom Quixote*, Lisboa, 2005.

- LOPES, Ana Cristina, REIS, Carlos, *DICIONÁRIO DE NARRATOLOGIA*, Coimbra, Almedina, 7ª edição, 2002.
- MARTINS, Ana Cristina, “Transposição e atemporalidade: A Ordem Natural das Coisas” in Cabral, Jorge, Zurbach (org.), *A ESCRITA E O MUNDO EM ANTÓNIO LOBO ANTUNES*, Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora, Dom Quixote, 2004, pp.75-92.
- MATEUS, Pedro Manuel, “A infância na cronística de António Lobo Antunes”, in Cabral, Jorge, Zurbach (org.), *A ESCRITA E O MUNDO EM ANTÓNIO LOBO ANTUNES*, Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora, Dom Quixote, 2004, pp.153-169.
- MATOS, Sérgio, “Algumas considerações sobre o sub-módulo ‘pragmática’ na terminologia linguística para o ensino básico e secundário”, in DUARTE, Isabel e FIGUEIREDO, Olívia (org.), *Terminologia Linguística: das teorias às práticas*, DEPER, FLUP, FCT E FCG, 2006, pp.89-98.
- QUEIRÓS, Eça, *Obras completas de Eça de Queiroz - Textos do Distrito de Évora*¹, Círculo de Leitores, vol.11º, 1981.
- REIS, Carlos, “António Lobo Antunes: Uma casa de onde se vê o rio” in Cabral, Jorge, Zurbach (org.), *A ESCRITA E O MUNDO EM ANTÓNIO LOBO ANTUNES*, Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora, Dom Quixote, 2004, pp19-33.
- SANTANA, Maria Helena, “Crónica”, in *Biblos, Encilopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. I, Lisboa e São Paulo, Verbo, 1995.
- SARAIVA, Arnaldo, “A crónica – e a crónica de Carlos Drummond de Andrade”, in *Literatura Marginal_izada. Novos Ensaios*, Porto, Ed. Árvore, 1980.
- SEARLE John R., *EXPRESSION AND MEANING studies in the theory of speech acts*. Cambridge University Press: New York, 1979.
- SPERBER, Dan & WILSON, Deirdre, *Relevance: Communication and Cognition*, Cambridge, MA: Harvard, University Press, 1986.
- SPERBER, Dan & WILSON, Deirdre, “Loose Talk”, in *Journal of Pragmatics*, Reader, 1977, pp.540-549.

- VAN DIJK, “Chapter 1 - Introduction: Discourse Analysis as a New Cross-discipline”, in van Dijk (edt.), *Handbook of Discourse Analysis: Disciplines of Discourse*, vol.1, Academic Press, 1988 (1985), 2nd printing, pp.1-9.
- VAN DIJK, “Chapter 1 – Introduction: Levels and Dimensions of Discourse Analysis” in van Dijk (edt.), *Handbook of Discourse Analysis: Dimensions of Discourse*, vol.2, Academic Press, 1987 (1985), 2nd printing, pp.1-10.
- VAN EEMEREN, GROOTENDORST, *Speech Acts in Argumentative Discussions*, col. Pragmatics and Discourse Analysis, Foris Publications, USA, 1984.
- ZAYAS, Felipe, “Hacia una gramática pedagógica” in *Textos de Didáctica de la Lengua y de la Literatura*, nº37 pp.16-35, julio 2004.

